

Diário de Lisboa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE S.
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O Canadá informou Washington de que não se deixará envolver numa acção unilateral americana tomada em relação ao estreito da Formosa

OTAWA, 6 — O ministro dos Negócios Estrangeiros do Canadá, Sidney Smith, assegurou à Câmara dos Comuns que o país não se envolverá por qualquer acção unilateral tomada pelos Estados Unidos na questão da Formosa. O ministro salientou que o Canadá fez ver ao Governo norte-americano que é necessário evitar precipitações.

Em resposta a um membro da Câmara, que levantou a questão da intervenção canadiana, segundo os termos do Comando de Defesa Aérea da América do Norte, o ministro esclareceu que as forças canadenses só serão chamadas a intervir no caso de se registar um ataque directamente contra o Canadá.

O chefe do Partido Socialista, Hazen Argue, pediu ao Governo que faça um apelo aos Estados Unidos e à China continental para que procurem evitar um conflito.

Aneurin Bevan foi convidado a assumir a presidência do Partido Trabalhista

LONDRES, 6. — Os dirigentes dos mais poderosos sindicatos britânicos convidaram Aneurin Bevan, antigo chefe da esquerda minoritária, para assumir a presidência do movimento trabalhista, tendo em vista as próximas eleições.

Este convite, revelado ontem, à noite, nos Passos Perdidos do Congresso das Trade Unions que findava em Bournemouth, a ser aceite, poderá alterar profundamente os dados da campanha eleitoral e as perspectivas trabalhistas.

Os chefes dos grandes sindicatos que, pela sua parte, reúnem a maioria das Trade Unions, propuseram a Bevan a presidência do Partido Trabalhista, continuando Gaitskill no cargo de «leader» do grupo parlamentar. Bevan ainda não deu resposta.

Mostra a iniciativa dos grandes sindicatos empenho em sacudir a apatia que parece ter-se apossado do Trabalho nos últimos meses, deixando o campo livre aos progressos conservadores. — (F. P.).

armado que possa provocar uma guerra global.

Sidney Smith salientou que o Canadá não tem representação diplomática na China continental, mas acrescentou que a posição canadense já foi levada ao conhecimento do Governo norte-americano. — (A. N. I.).

A Formosa pediu o apoio ao Japão

TÓQUIO, 6. — Um informador da embaixada da China nacionalista nesta cidade anuncia que o seu país solicitou oficialmente o apoio do Japão no caso das ilhas costeiras.

O ministro-adjunto dos Negócios Estrangeiros, Yamada, a quem o pedido foi apresentado, declarou não poder dar uma resposta imediata ao seu interlocutor, o embaixador da ilha Formosa. Acrescentou que o Japão faz votos por uma solução pacífica do conflito.

Acrescenta o mesmo informador que os rumores que correm no Japão, por iniciativa de um «suposto» Governo formosano exilado, de ter estalado uma rebelião «na frente da ilha Formosa», são absolutamente destituídos de verdade. — (F. P.).

Eisenhower interrompeu as férias para conferências em Washington

NEWPORT (Rhode Island), 6. — O Presidente Eisenhower resolveu interromper as férias e ir hoje a Washington conferenciar com vários membros do Governo, incluindo

Cérebro electrónico professor de meninos...

NOVA YORK, 6 — Um cérebro electrónico pode substituir o professor de hoje nas escolas de amanhã.

As crianças aprenderão o ABC por um processo pedagógico em que basta puxar botões, antevê John L. Burns, pioneiro da educação electrónica.

«Lições televisadas de um edifício central serão levadas às aulas de uma cidade ou de um condado inteiro», acrescentou Burns, antigo professor nas Universidades de Lehigh e Harvard e pai de duas crianças em idade escolar. — (A. N. I.).

do o secretário de Estado, John Foster Dulles, acerca da situação no Extremo Oriente.

Eisenhower deve chegar a Washington, no seu avião particular — o «Colombine III» — cerca das 14 horas e 30 minutos (T. M. G.). — (A. N. I.).

A decisão americana é definitiva

WASHINGTON, 6. — Os Estados Unidos decidiram, «definitivamente», auxiliar a defender as ilhas Quemoy e Matsu, de qualquer tentativa de invasão por parte das forças da China continental — afirmou o senador Alexander Smith, depois de ter conferenciado durante uma hora com Foster Dulles. — (A. N. I.).

Conferências entre chefes políticos e militares

WASHINGTON, 6. — O secretário da Defesa dos Estados Unidos, Neil McElroy, e o general Nathan Twining, chefe do Estado-Maior conjunto das forças norte-americanas, conferenciaram demoradamente

(Continua na última página)

Londres suportou um dos mais espectaculares temporais deste século

LONDRES, 6. — «Um dos mais espectaculares temporais deste século», segundo a expressão usada pela estação meteorológica de Harrow, caiu sobre Londres e o Sueste de Inglaterra, a noite passada. Três mil relâmpagos, a maior parte com 16 a 24 quilómetros de envergadura, iluminaram o céu da capital, num clarão quase permanente, das 20 às 21 horas. A trovada atingiu dois depósitos de gasolina da ilha de Grain, no condado de Kent, incendiando-os. Um dos incêndios foi circunscrito depois de algumas horas de esforços.

Em vários pontos do país, os comboios eléctricos foram parados devido a perturbações na corrente eléctrica. Em Reigate, o telhado da casa onde reside o chefe da estação, foi arrancado pelo temporal. No aeroporto de Gatwick, ao Sul de Londres, foi interrompida a distribuição de electricidade, o que tornou necessária a aplicação de um circuito de socorro.

A chuva torrencial e o granizo causaram estragos bastante graves. No condado de Kent, em Dartford, as inundações atingiram 3 metros de altura, 1,30 em Beckenham e 1,50 em West-Wickham. Os automobilistas que regressavam do festival aéreo de Farnborough, ficaram imobilizados com os motores



O subsecretário de Estado da Educação Nacional, procedendo à entrega de insígnias aos graduados da M. P.

(Ler notícia na 2.ª página)

Nota do dia

Uma causa justa

«Para nós, a palavra «colónia», na sua acepção mais pura, continua a ser respeitável» — declarou o sr. Presidente do Conselho ao redactor do «Figaro» que o entrevistou, quando este abordou o tão debatido problema do colonialismo. Com efeito, colonizar não quer dizer apenas fabricar o solo, mas também educar os espíritos, cultivar as almas. A palavra, que os Romanos criaram para designar um

tipo de conquista territorial, adquiriu com o andar dos tempos um conteúdo novo que ninguém hoje em dia ousará negar-lhe. Portugal contribuiu, sem dúvida, em larga escala para enobrecer esse conteúdo. Já o tínhamos dito aqui por outras palavras — e seria imodéstia, pela parte que nos toca, afirmar que os bons espíritos se encontram. Preferimos concluir que as causas justas só têm um processo de defesa. E esse consiste em respeitar a verdade. Lisboa reúne neste momento nada menos de mil e quinhentos cientistas estrangeiros que aqui vieram ocupar-se, precisamente, dos problemas da Medicina tropical e do paludismo, que interessam especialmente aos territórios ultramarinos. A escolha da nossa capital para uma tão conspicua reunião de sábios não pode deixar de significar, da nossa parte, como afirmou o prof. Fraga de Azevedo, um «desejo de cooperação internacional para a solução de importantes problemas de interesse comum», e de envolver o reconhecimento tácito dos serviços que a ciência portuguesa tem prestado a um ramo da Medicina que nos interessa particularmente. A defesa das populações ultramarinas contra os perigos do clima e o combate sistemático às doenças que lhe são peculiares têm sido uma preocupação constante dos cientistas portugueses, e o trabalho realizado até hoje não pode constituir um dos seus menores títulos de glória. A reunião de Lisboa, pela permuta de conhecimentos que envolve, não deixará de contribuir, certamente, para o avanço da Ciência num dos capítulos que interessam mais profundamente a Humanidade — a preservação da saúde e o combate à doença. O estudo destes problemas não pode deixar de concorrer para uma colonização eficiente — e nobilitante.

alagados ou as rodas metidas até meio no terreno empapado.

Um cinema dos arredores de Londres, em Stepney, foi de repente invadido por uma verdadeira torrente. As arrumadoras, em fila, escoavam a água com baldes de incêndio.

Granizo com 6 cms. de diâmetro destruíram jardins e partiram inúmeras janelas.

Estão cortadas as comunicações de Rádio entre o Reino Unido e a Islandia, Estados Unidos e Austrália.

Um avião, com 15 passageiros, foi obrigado a fazer uma aterragem de emergência, quando sobrevoava a costa britânica, vindo de Jersey para Londres, por ter sido atingido pelos fortes ventos, que chegaram te com o secretário de Estado, John

(Continua na última página)

A América adiou o lançamento do foguetão lunar

WASHINGTON, 6. — A Secretaria de Defesa anunciou que foi adiada, pelo menos por um mês a próxima tentativa norte-americana de enviar um foguetão à Lua. A nova tentativa estava marcada, em princípio, para o dia 13, mas a Secretaria de Defesa revelou que não é provável que se verifique ainda este mês.

Não foi dada qualquer explicação oficial para o adiamento, mas círculos bem informados julgam saber que as Forças Aéreas não deram ainda por concluídos os preparativos para o lançamento do novo foguetão. — (A. N. I.).

Diário de Lisboa

publica hoje

32 páginas

nas quais se inclui

MAGAZINE

(Continua na 11.ª página)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A canceração, problema que aflige o homem pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

O MICROSCÓPIO electrónico, os progressos realizados em matéria de culturas de tecidos e os modernos conhecimentos da bioquímica celular abriram novas vias (vias seguras), nas pesquisas cancerológicas.

O microscópio electrónico revelou a existência, e bem assim a frequência é a importância, das anomalias nucleares, confirmando que o ciclo mitótico se encontra profundamente alterado e que os cromossomas são anormais.

A célula cancerosa constitui o grande suporte da malignidade. As

culturas daquelas células obtêm-se com facilidade. O crescimento e a reprodução são céleres. Estas perdem rapidamente o sentido e a realidade da especialização. Assim, a célula cancerosa hepática perde a faculdade de produzir ureia, a da mucosa gástrica de fabricar pepsina conforme as necessidades do organismo. Esta perda de especialização pode ser parcial ou transformar-se noutra, consoante os casos em vista. Pode, ainda, em certos casos, adquirir

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

O subsecretário da Educação

entregou as insígnias respectivas aos novos graduados da M. P.

Na sede da Escola Central de Graduados da Mocidade Portuguesa, na Quinta da Graça, junto ao I. N. E. F., realizou-se hoje, sob a presidência do subsecretário de Estado da Educação Nacional, a cerimónia da entrega de insígnias aos novos comandantes de bandeira e de castelo, formados nos cursos de Verão, os quais tiveram como patrono Serpa Pinto e por divisa «Por caminho de sacrifício e de glória».

Ao meio-dia chegou ali o sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa, acompanhado do comandante de falange Fernando da Silva Pina, seu ajudante de campo. Aquele membro do Governo foi recebido pelos srs. dr. Romão Duarte, comissário-adjunto da M. P.; capitão Castelo Branco, comandante da Escola Central de Graduados, capitão Almeida e Brito, por si e representando os srs. dr. Leopoldino de Almada, delegado provincial da Estremadura e major Sales Grade, subdelegado regional de Lisboa da M. P.; eng. Ferrugento Gonçalves, adjunto do Centro Universitário de Lisboa; da M. P.; dr. Bettencourt Rodrigues, que representava o sr. general Correia Leal, director do Estádio Nacional; José Esteves, subdirector do I. N. E. F.; José Amaria Amaro Junior, director de Serviços da M. P.; e muitos outros dirigentes daquela organização.

Os filiados dos dois cursos com os guilhões do curso e da Escola Central de Graduados prestaram guarda de honra ao subsecretário de Estado da Educação Nacional, que lhes passou revista.

Depois de os graduados terem desfilado em continência, começaram as cerimónias propriamente ditas. Os 43 comandantes de bandeira,

pertencentes a todas as províncias do continente e das ilhas adjacentes e os 77 comandantes de castelo, das províncias do Ribatejo, da concentraram-se em formatura. Estremadura e do Alto Alentejo, sob o comando do comandante de bandeira Brilhante.

Os filiados cantaram em coro a marcha da Mocidade, seguindo-se a bênção das insígnias pelo assistente da Escola rev. Nasário de Carvalho.

O professor do curso sr. Enes Ferreira leu, logo a seguir, o compromisso de honra que os rapazes prestaram e o capitão Castelo Branco dirigiu a palavra aos filiados.

Seguidamente, procedeu-se á entrega das insígnias por ordem de classificação dos cursos sendo o primeiro do curso de comandantes de bandeira o graduado Jorge Avis Camilo, do Liceu Camões, e do curso de comandantes de castelo o graduado José Ramos Dias, de Setúbal. O sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa usou depois da palavra para se referir ao significado da cerimónia e chamar a atenção dos rapazes para os exemplos mais flagrantemente de audácia, espírito de sacrifício, persistência e amor á Pátria que caracterizaram Serpa Pinto e a sua epopeia no coração da África negra.

Terminada a cerimónia, efectuou-se um almoço volante nos jardins da Quinta da Graça, em que tomaram parte, além daquele membro do Governo e das referidas individualidades, os graduados e pessoas de suas famílias.

Ao fim da tarde, começou a partida dos filiados para as suas terras.

Falta de água na região da Cova da Iria

FATIMA, 6. — A população da Cova da Iria, tem vivido horas amargas por falta de água.

Diz-se que é muito dispendiosa e complicada a obra a realizar para que Fátima — Cova da Iria e anexos — seja abastecida definitivamente de água, tendo-se de esperar não se sabe quanto tempo ainda. Mas até lá, não seria possível organizar um serviço regular para abastecer do vital líquido esta terra?

Não se poderia até pedir ao Exército que destacasse todos os dias um camião para este serviço publico de primeira necessidade?

O publico evidentemente que não se recusa a pagar o que for justo, pois também paga, por cada metro de água, gasta da rede existente, 4\$00 e, da distribuída por uma camioneta particular — 30\$00. Embora por estes preços, que se consideram nada baratos, o que mais custa é querê-la e não a haver.

Contudo, há que anotar que é uma conta bem pesada no orçamento de qualquer casa pagar por mês uns 320m3 a 4\$00, e uns 125m3 a 30\$00, como se verifica. Por tudo isto urge a resolução do problema da água nesta região.

Objecto estranho no céu de Joanesburgo

JOANESBURGO, 6. — Os projectores da base aérea sul-africana de Dumotat, perto desta cidade, iluminaram o espaço ontem, á noite, para seguir a trajectória de um misterioso objecto cilíndrico que voava sobre esta cidade.

Milhares de pessoas viram o objecto durante alguns momentos quando a luz dos projectores o apanhou em cheio. As autoridades da base aérea recusaram-se a emitir opinião sobre o estranho objecto voador. — (A. N. I.).

DE LUTO

Dr. Augusto da Cunha Lamas



Dr. A. Lamas

rio-geral do Governo Civil de Lisboa, e sobrinho do veterano dr. Fernando da Cunha.

O dr. Augusto Lamas, que foi colaborador e amigo do prof. dr. Reinaldo dos Santos, possuía as condecorações de oficial de Santiago, medalha militar de Bons Serviços em Campanha, comemorativa da Campanha e da Vitória. Publicou numerosos trabalhos médicos, alguns em colaboração com os seus colegas Reinaldo dos Santos e José Caldas, como «A Anterografia dos Membros» e «Estudos funcionais e arteriografias».

O funeral, a cargo da Agência Barata, efectua-se amanhã, ás 16 horas, da residência indicada, para o talhão privativo da L. C. G. G. em Oeiras, por determinação expressa do extinto.

D. Gertrudes Ana Cordeiro Soutelinho

Faleceu hoje a sr.ª D. Gertrudes Ana Cordeiro Soutelinho, natural do Barreiro, de 74 anos, casada com o sr. António Maria Soutelinho e mãe da sr.ª D. Aguilinda Cordeiro Filipe e dos srs. dr. João Ferreira Filipe e Florival Cordeiro Filipe.

O funeral, a cargo da agência Saldado, sai amanhã, ás 12 horas, da igreja de Fátima para jazigo de família, no Cemitério do Alto de S. João.

Manuel da Silva Moura

BRAGANÇA, 6.—(Pelo telefone) — Na «Grande Pensão Moderna» desta cidade, da qual foi, durante muitos anos, proprietário e gerente, faleceu o sr. Manuel da Silva

Moura, de 73 anos, natural da freguesia de Arcozelo, concelho de Barcelos, viúvo da sr.ª D. Piedade dos Anjos Moura.

Como industrial hoteleiro, exerceu extraordinária actividade, cujo exemplo legou a seu filho sr. Roque da Silva Moura.

Era dotado de grande bondade, socorreu largamente a pobreza e quase todas as instituições sociais desta cidade, pelo que a sua morte foi profundamente sentida pelas mesmas e pela restante população brigantina entre a qual era muito estimado.

FEBRE AFTOSA no Minho

SEIXAS DO MINHO, 6. — (Pelo telefone). — Grassa com muita intensidade a febre aftosa, entre o gado bovino. Poucas reses há que ainda não fossem atingidas, e as primeiras que o foram encontram-se livres de perigo. O leite desapareceu e há dificuldades em obter gado para abater, visto que a epidemia está generalizada em muitas outras povoações.

Consta que nas freguesias da montanha tem morrido gado.

As entidades da pecuária ordenaram tratamentos que têm dado resultado.

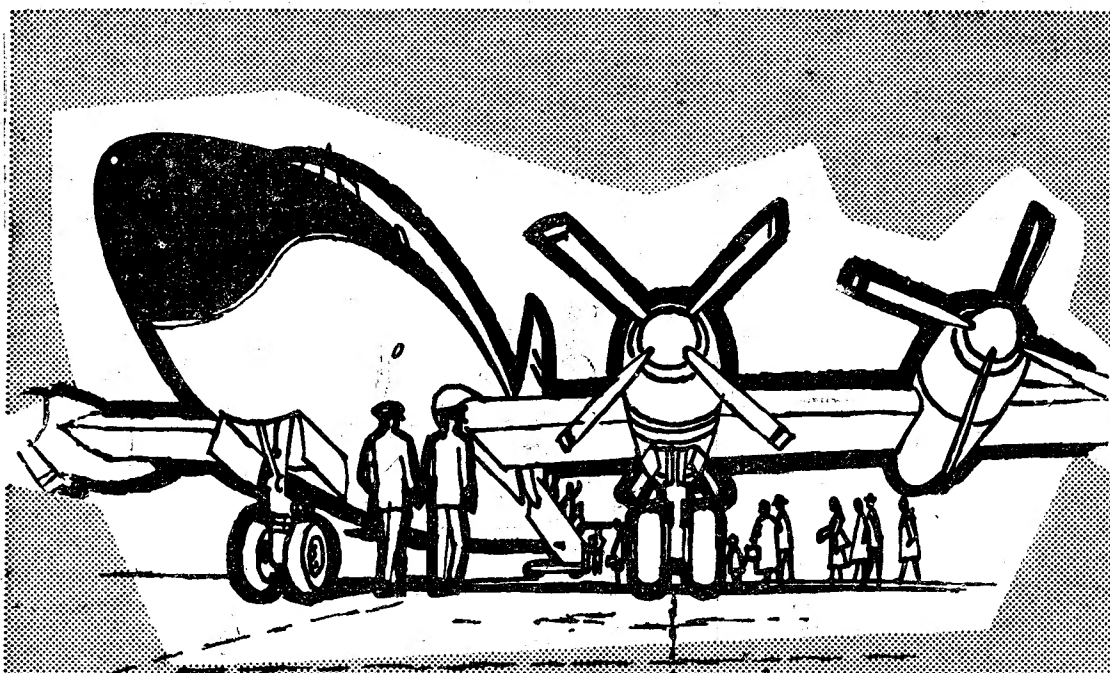
Encomendas para militares em serviço na Índia

Graças á valiosa colaboração da Companhia Nacional de Navegação, a Cruz Vermelha Portuguesa embarca no navio «Índia», 610 volumes com o peso de cerca de 11.290 quilos, contendo encomendas de famílias para militares em serviço no Estado da Índia.

A Cruz Vermelha Portuguesa e as suas delegações em Angra do Heroísmo, Beja, Braga, Coimbra, Estremoz, Faro, Funchal, Horta, Lamego, Leiria, Ponta Delgada, Porto, Setúbal, Viana do Castelo e Viseu continuam a receber encomendas com o mesmo destino.

Partiu para o Oriente o paquete «Timor»

No paquete «Timor», que largou hoje do Tejo, para os portos do Oriente, seguiram alguns oficiais, sargentos e praças, que vão em serviço normal de renição de outros que se encontram em Mormugão e Macau.



Voe no Britannia

Joanesburgo via Roma e Salisbúria

Voe a partir de Roma para a África do Sul e Rodésia no Britannia — o primeiro avião comercial de longo raio de acção a jacto-hélice. O padrão de conforto é revolucionário. Deliciosas refeições gratuitas. Serviços de 1.ª classe e de classe turística também em «DC-7B» da S. A. A.

Consulte a sua Agência de Viagens ou a B. E. A. Av. da Liberdade, 23/27 Tel. 3 09 31/2/3 Tel. Speedbird



Na vanguarda da aviação comercial

B.O.A.C.

cuida de si

BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION E SOUTH AFRICAN AIRWAYS

Sente azia...
Tem mau parecer?

TOME

Alka-Seltzer

Suavisa...

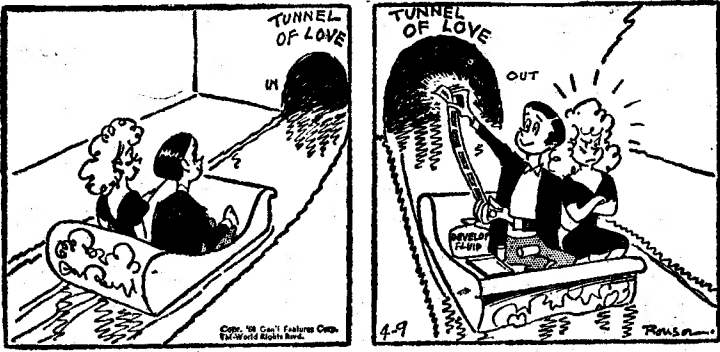
...e alivia!

Os componentes do Alka-Seltzer... actuam em conjunto, para aliviar as dores de cabeça... reduzir o excesso de acidez... e melhorar o seu estômago. Milhões de indivíduos, em mais de 100 países, confiam nele — Pode também fazer o mesmo!

DEPRESSA SE SENTIRÁ BEM!

Marca Registrada

ELE & ELA



Fotografão anti-romântico

Pequenas notícias

PELOS HOSPITAIS

ACIDENTE MORTAL — No Hospital de São José, onde entrara ontem por ter caído dum escadote em que trabalhava, faleceu Engrácio Pereira, de 46 anos, servente de pedreiro, morador na Quinta das Conchas, 44-A.

DESASTRE COM CRIANÇAS — Na sala de observações do Hospital de São José, deram entrada: o menor de 3 anos Luís Rodrigues Antunes, de Cernache do Bom Jardim, onde caiu da janela de um primeiro andar, ficando muito contuso; e o de 7 anos, José Lopes Martins, da Sertã, onde foi atingido por uma pedra que caiu dum muro, sofrendo graves ferimentos na cabeça.

ATROPELADO POR UM AUTO-MÓVEL — Em Alhandra, foi hoje atropelado por um automóvel o soldado 587-58 de Engenharia 1, José Manuel Ferreira do Rosário, que deu entrada, ferido na cabeça, na sala de observações do Hospital de São José.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Esta noite, efectua-se um baile na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, em Campo de Ourique. Amanhã, á tarde, haverá bailes: na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, na Avenida de D. Carlos I, 61, 1.º; com «Tony e companhia»; na Sociedade Ordem e Progresso, na Rua do Conde, 77, 1.º; e no Grupo Desportivo do Calhariz de Benfica, na Estrada do Calhariz de Benfica, 218; e á noite na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma caneta esferográfica, três tampões de roda automóvel, um livrete de velocípede de

Luís Augusto Pacheco Moreira, um porta-moedas com dinheiro e chaves, um Códigi Penal Português, um casaco e uma camisola de malha de senhora, um pregador de fantasia, uma certidão de nascimento de Justino Taveira Caridade, uma tampa de bilha de azeite, dois suportes em ferro, um contrato de água da C. M. de Sintra, de Joaquim S. Pereira, um dinamo e farolim partido, um chave de porcas, um chapéu de pano para criança, um açamo de cabedal, uma tampa de plástico, um lenço de senhora com ramagens, várias chaves e duas sacas de batatas.

Também se encontra no Sindicato Nacional dos Motoristas, o seguinte: 3 sombrinhas, um chapéu de chuva, um cavaletto de pintor, dois embrulhos, com roupas de senhora e outro com livros; duas notas do Banco de Portugal, uma perdida e outra recebida a mais num troco; uma lata com tinta, uma cigarreira com cigarros e uma quantia recebida a mais num troco.

A procura do autor do atropelamento mortal da Avenida 24 de Julho

A Polícia Judiciária resolveu pedir às pessoas que presenciaram o acidente de viação ocorrido na Avenida 24 de Julho, no passado dia 20 de Agosto último, no qual um homem perdeu a vida, que compareçam no Tórel, a fim relatarem e testemunharem os factos.

As garagens e oficinas de reparações de automóveis, também são convidadas igualmente, a participar, se procederam a qualquer reparação num carro marca «Opel-Record», da série dezassete a vinte e dois, de cor cinzenta.

Os delegados aos Congressos que ontem se inauguraram em Lisboa assistiram a reuniões científicas e visitaram Sintra

Solenemente inaugurados ontem, com a presença do Chefe do Estado, prosseguiram hoje os 6.ºs Congressos Internacionais de Medicina Tropical e de Paludismo, com uma série de sessões científicas e uma visita á vila de Sintra.

As sessões científicas decorreram da parte da manhã, no novo edifício do Instituto de Medicina Tropical, onde, das 9 ás 10 e 30, funcionaram subsecções de anemias e hemoglobinas anormais, infecções gastro-intestinais e rickettsioses, presididas respectivamente pelos drs. B. Maegraith, F. Kauffmann e Thomas Rivers, secretariados, respectivamente, pelos drs. Egídio Gouveia, Torres Pereira e Carvalho de Sousa. Os trabalhos destas sessões foram apresentados, na primeira das referidas subsecções, pelos drs. Jonxis, Chernoff, Diggs, Luan Eng Lie-Injo, Raper, Beaven, White, Walters e Lehmann; na segunda, pelos drs. Gerardo Varela, Artur Curbelo, Henryk Brokman, J. Luder e M. A. Gohar; e, na terceira, pelos drs. John Snyder, Perez Gallardo, J. R. Andy, Winston H. Price e H. Mooser.

Durante meia hora, das 10 e 30 ás 11, os congressistas descansaram aproveitando o tempo livre para visitar pormenorizadamente as magníficas instalações do novo Instituto de Medicina Tropical.

Das 11 ás 12 e 30, prosseguiram as sessões científicas sobre anemias e hemoglobinas anormais e sobre rickettsioses, sendo estas subsecções presididas, então, respectivamente, pelos drs. M. Payet e D. Combliescu. Na primeira apresentaram trabalhos os drs. A. Woodruff, R. das Grupta e Almeida Franco; e, na segunda, os drs. Herald R. Cox, R. Hirsch, F. Zdrodowsky, H. Golinevitch, Morris Greenberg, J. Huebner e Paul Giroud. Ao mesmo tempo funcionou uma outra subsecção, em que foram discutidas diversas infecções.

Esta reunião foi presidida pelo dr. Donald Augustine, secretariado pelo dr. Carvão Gomes, e nela apresentaram trabalhos os drs. Willard Wright, Bertel von Bonsdorff, A. Neghme, Pacheco de Figueiredo e W. Frye.

Durante toda a manhã, na sala de conferências da Feira das Indústrias Portuguesas, efectuaram-se igualmente sessões científicas, das 9 ás 10 e 30, sobre micoses, e das 11 ás 12 e 30, sobre filaríases. A primeira destas sessões foi presidida pelo dr. E. Spooner, secretariado pelo dr. Luís Ré e nela apresentaram trabalhos os drs. Chester W. Emmons, G. Ainsworth, H. Lurie Roger Egeberg, Beatrix Durie e Van Uden. A segunda foi presidida pelo dr. J. Travassos, secretariado pelo dr. Mário Abreu, sendo apresentados trabalhos dos drs. F. Kessel, N. Raghavan, M. Iyengar e T. Wilson.

Cumprindo o programa especialmente organizado para as esposas dos congressistas, que os acompanharam a Lisboa, cerca de quinhentas senhoras visitaram, esta manhã, a igreja da Madre de Deus, a Torre de Belém e o Museu de Arte Popular.

À tarde, os congressistas foram a Sintra, onde, depois de visitarem a encantadora vila, lhes foi preparado um «copo d'água», oferecido pelo Município local.

Exposições dos Congressos na Feira das Indústrias Portuguesas

Como já foi noticiado, enquanto durarem os 6.ºs Congressos Internacionais de Medicina Tropical e de Paludismo, estarão patentes, na Feira das Indústrias Portuguesas, uma exposição histórico-bibliográfica, outra médico-sanitária e, ainda, o 1.º Salão Médico de fotografia. Estes certames, além do comprovado interesse que despertam entre os congressistas, reúnem condições para atrair a atenção de leigos na matéria, pelo que se resolveu facultar a visita de quantos o pretendem fazer, todos os dias, das 17 ás 20 horas.

Casou o guarda da Polícia de Segurança que está a formar-se em Ciências Económicas

António Ferreira, aquele guarda da Polícia de Segurança Pública que, á custa de grandes esforços e sacrifícios, conseguiu tirar o curso dos liceus e fazer o exame de admissão á Universidade, estando a frequentar o Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, ao mesmo tempo que ensina Matemática e línguas, nas escolas da P. S. P. e da Polícia de Viação e Trânsito, casou-se hoje, na igreja de São Vicente, com a sr.ª D. Maria Celeste Ferreira.

Assistiram á cerimónia os comandantes e outros oficiais daquelas Polícias, apadrinhando o noivo o deputado dr. Manuel José Homem de Melo, conde de Agueda, e a sr.ª D. Maria Amália Teixeira de Almeida.

A Alemanha rearma-se

CHARLESTON (Carolina do Sul), 6 — A Republica Federal Alemã adquiriu aos Estados Unidos para a sua Marinha de Guerra os seis primeiros navios anfíbios, próprios para desembarque de tropas, todos equipados para o lançamento de foguetões. A entrega dos navios fez-se na base naval de Charleston. — (A. N. I.).

Sal de Fruta
ENO
dá
boa saúde

todos os dias!

ECONOMIZE!
Lembre-se na próxima vez que comprar Sal de Fruta ENO que o frasco grande é mais económico.

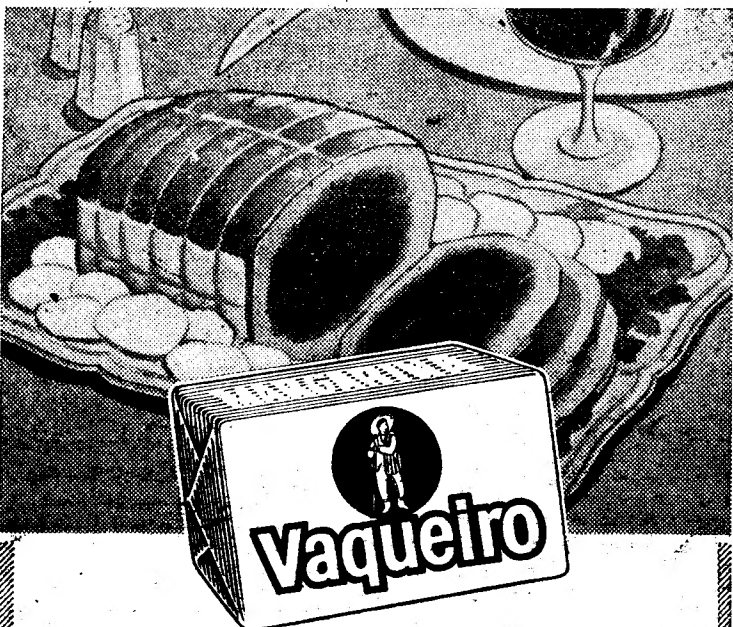
JARDIM INFANTIL PESTALOZZI

ENSINO INFANTIL E PRIMÁRIO — PARA AMBOS OS SEXOS

Edifício próprio — Transporte privativo

Rua de Malpique, 20 e 20-B (Ao Campo Grande)

Telf.: 771843 (das 15 ás 18 horas)



torna tudo mais
apetitoso!

57-VA-RS

TÁGIDE
PAUL ROBY
BOB BOUDART
PATRICIA
TONY e IDALECIA
ADULTOS
(MAIORES DE 17 ANOS)
PALM BEACH

Tome sal de fruta ENO, todas as manhãs para manter essa sensação de bem estar. ENO com as suas propriedades anti-ácidas, estimula o fígado e actua como laxante suave.

SAL DE FRUTA

ENO

ENO e SAL de FRUTA são marcas registadas

Festivos e Cinemas

Atrás do reposteiro

Sabe-se que a nenhuma empresa teatral foi proposta a vinda duma companhia organizada no Brasil, com artistas portugueses e brasileiros, para realizarem uma digressão artística extensiva às nossas províncias ultramarinas.

— Vasco Morgado está a organizar o elenco que deverá desempenhar a peça «Gigi».

— «Mestre Oliveira», «Gregório», «O Romeiro», «Mana censura», «Prendente» e «Noivo» são os nomes que o actor António Silva vai desempenhar na revista «Por causa delas», em ensaios no Teatro Maria Vitória.

— Pensa-se na montagem duma peça em que se intervêm homens e cuja acção decorre num campo de concentração.

— A companhia Laura Alves, que devia ir ao Teatro Sá da Bandeira, do Porto, representar a comédia «A rainha do ferro-velho», adiou para melhor oportunidade essa deslocação daquela cidade.

— A actriz Irene Isidro vai reaparecer numa companhia de declamação.

— Na próxima semana devem ser conhecidas as decisões do Fundo de Teatro, referentes à concessão de subsídios a companhias teatrais.

— Encontra-se no Rio de Janeiro a actriz Mirita Casimiro, que fez uma digressão pelo interior do Brasil.

— A actriz Joselita Alvarez está a trabalhar na TV Tupi, do Rio de Janeiro.

— A vedeta da companhia brasileira que se anuncia para vir a Portugal, será a actriz Virginia Lane.

— Hoje e amanhã os amadores de Cascais levam à cena, no Teatro Gil Vicente, a revista «Festival da Costa do Sol».

— O Grande Circo Mariano, continua a realizar espectáculos em Benfca até à sua estreia na Moita, que deve ter lugar no dia 13.

— O acordeonista António Mestre, que se encontra no Rio de Janeiro, é a atracção da revista «Encosta a cabecinha», em cena no Teatro Republica.

— A artista Maria Helena Tavares chega amanhã de Hamburgo, onde actuou com muito agrado, na Feira Internacional daquela cidade.

— A actriz Mimi Gaspar vai desempenhar, na revista em ensaios no Maria Vitória, os números «O meu bairro está em festa», «A pequena da cave» e «Costureira».

— O «ballet» de Fernando Lima estreia-se na próxima segunda-feira no Casino Estoril.

No Teatro ABC

A estreia de hoje com «Vira o disco»

O empresário José Miguel apresenta esta noite, no ABC, uma estreia de excepcional interesse, a revista «Vira o disco», da qual são autores Eduardo Damas, Paulo da Fonseca e Manuel Lima, com música dos inspirados compositores

maestro Jaime Mendes e Manuel Pailão. Lutando contra inúmeras dificuldades, José Miguel procurou apresentar um espectáculo de categoria. Rodeou-se de um valioso grupo de técnicos, contratou para primeiras figuras algumas das vedetas mais queridas do publico e, ainda, um conjunto de cerca de quarenta girls, modelos e discípulas.

Glória May, a grande actriz cómica brasileira, é a estrela da companhia. A ela foram confiados papéis de graça irresistível que enriquece com a sua espantosa fantasia. Aida Baptista, há quase dois anos afastada dos palcos, reaparece em interessantes criações; Antónia Montes, um nome tanto do agrado do publico, tem a seu cargo numerosas intervenções. O fado, indispensável em espectáculos desta natureza, será cantado por Deolinda Rodrigues. Pina Brunette, outra vedeta brasileira de grande prestigio, estará também presente em «Vira o disco». Mas o grande acontecimento é, sem duvida, a apresentação da popular estrela da TV e da Rádio, Maria de Fátima Bravo. Alvaro Pereira e Carlos Alves são os principais actores masculinos deste espectáculo em que entram lindas mulheres e em que haverá da melhor musica de sabor popular.

Primeiras exhibições

«A noiva raptada», no Eden

O rapto romantico, camiliano, ainda está em moda, pelo menos, no cinema. Evidentemente, na produção

ção ontem estreada, trata-se do roubo de uma linda mulher — o que te msempe — como dizer? certo sabor de aventura, de perigo, de que tem sempre — como dizer? — mistério, aumentando, infinitamente, as cambiantes da paixão. Não o fruto proibido o mais desejado? teante de graça, verdadeira pilha eléctrica de faíscas, de sorrisos e de imprevisos. Gira a volta de uma venus hollywoodesca, desaparecida rocambolescamente, no dia da primeira exhibição de um filme em que é estrela. As situações são tão policiaes, como sentimentais. Quem foi o autor do acto? Porque o fez? Há algum cumplice? Pretende-se obter uma valiosa soma da firma produtora ou trata-se de um caso particular da vida da actriz? Não fazemos mais interrogativas. Devemos dizer, no entanto, que «A noiva raptada» é uma bela comédia cor de rosa e oiro, destas que nos evadem da sombria realidade, pondo a traquejar, no alto, todas as bandeiras, consteladas de estrelas de alegria e de fantasia. Ah, se a vida fosse toda assim — e porque não devia ser, sem cárceres morais, nem outros — o homem tinha descoberto, finalmente, o caminho da felicidade. A intriga é bem conduzida. Não julgemos que o titulo descobre o imbróglio. Pelo contrario, o facto existe, mas as peripécias adensam-se, vertiginosas, trepidantes, contagiando-nos de eufórica disposição. A comédia tem novidade e mocidade. Embora extraída de uma novela, não perde expressão, ritmo, estilo cinematográficos. Resolve, espiritualmente, todos os paradoxos e por mais estranhas que sejam as situações, o realizador consegue sempre cortar o nó górdio com uma afiada espada de dois gumes, um dos quais é a ironia, outro, a subtilidade.

Bom desempenho. A raptada é nem mais, nem menos que Jane Russell, uma das sete maravilhas do mundo da formosura. Não admira, pois, que tenha tantos apaixonados, e até «gangsters» na sua senda perfumada. Keenan Wynn e Ralph Meeker encarnam bem as respectivas personagens. Adolfo Menjou está presente, o que é uma grata recordação. Fred Clark se fosse, realmente, policia não o seria melhor. Entre os complementos, um documentário a cores sobre touradas espanholas, em que se presta homenagem a Manolete, autentico Jose-lito do nosso tempo. — Visor 57.

O PORTO pelo telefone

Prisão do autor dum asalto

PORTO, 6. — Na noite de 28 para 29 do mês passado, foi assaltado um estabelecimento de miudezas pertencente a D. Fernanda Ferreira de Barros, situado na Rua Gomes Ferreira, 118. Comunicado o caso à Polícia, a brigada de repressão da secção de Justiça, após aturadas diligências, capturou o cadastrado Manuel da Conceição Ferreira, o «Neca Gago», de 25 anos, solteiro, barqueiro, residente na Rua Alexandre Herculano, 33, que confessou ter sido o autor do furto e que para o praticar utilizou um pé de cabra com o qual arrombou a porta das trazeiras do referido estabelecimento, onde roubou diversos artigos no valor de alguns milhares de escudos. O processo e o preso foram remetidos à Polícia Judiciária.

Forte temporal no mar

Devido ao forte temporal de Sudoeste no mar, acompanhado de rajadas de vento que, por vezes, atingem 80 quilómetros horários, arribaram a Leixões as traineiras da pesca de arrasto. As da sardinha, pela mesma razão, feitas fracas pescarias. Também arribou áquele porto o iate-motor «Teófilo» que 36 horas antes havia saído do Douro com destino a Lisboa.

Atingido com um tiro

Recolheu ao Hospital de Santo António o pescador José Joaquim Aldeia, de 32 anos, casado, residente no lugar da Praia, em Caminha, que ali foi atingido no torax com um tiro disparado por um guarda-fiscal que o confundiu com um contrabandista, quando a vítima se encontrava a pescar.

FESTAS E ROMARIAS

«O Dia do Homem do Mar» principiou hoje em Peniche

PENICHE, 6. (Pelo telefone). — Começaram hoje, nesta vila, os festejos em honra de Nossa Senhora da Boa Viagem, com a comemoração do «Dia do Homem do Mar». Pelas 11 horas, no limite do concelho, entidades locais e muito povo receberam o governador civil-interno do distrito, arcebispo de Mitilene, comandante Sá Linhares, e o subdelegado do Instituto Nacional do Trabalho que depois se dirigiram até aos Pagos do Concelho, onde o presidente da Camara, António da Conceição Bento, lhes apresentou cumprimentos de boas-vindas.

Seguidamente, no cais do Porto de Pesca, foi celebrada missa campal, pelo arcebispo de Mitilene. Foi, depois, servido um almoço, a que se seguiu um desfile de embarcações. À noite, efectuar-se-á a tradicional procissão no mar.

Começa hoje em Viseu a Feira de S. Mateus

UISEU, 6. — Esta noite, ás 22 horas, o governador civil, sr. dr. Manuel Marques Teixeira inaugurará a Feira Franca de S. Mateus, desta cidade.

Um dos maiores certames do seu género, com uma tradição de seis séculos, animará a simpática cidade feirã, durante um mês.

SOLAR DA HERMINIA
Largo Trindade Coelho — Tel. 26164
BANQUETES
Jantares e Ceias
Fados e Guitarradas
com
HERMINIA SILVA
o seu senco orlativo
(Maiores de 17 anos)

O "DANCING"
ONDE O PUBLICO
NUNCA FOLTA!

Basapoga

TELEF. 24034
AV. LIBERDADE, 137
(ADULTOS M DE 17 ANOS)

EM PLENO ÊXITO DE SENSACÃO
A FAMOSA VEDETA GREGA
ANA MARIA
EM NOTÁVEIS BAILADOS CLASSICOS

O ESCULTURAL BALLET
ROSALIN ROY

A parilha de baile **CARMEN SACROMONTE-LUIZ RAMON**
Permanente musica de baile por **SÉRGIO E SUA ORQUESTRA**

No São Jorge

«O Cais do Desespero»

De entre as novas produções dos Estudios Pinewood, «O Cais do Desespero» é, sem duvida, a de carácter mais internacional, não só pelo argumento, extraído do romance de Rupert Croft-Cooke, publicado pela primeira vez na Inglaterra, e que se desenrola em Marselha durante a ocupação alemã, mas também pelo elenco de que fazem parte o irlandês Stephen Boyd, o popular escocês James Robertson Justice, a irremissível «Cockney» Kathleen Harrison, o varonil actor inglês Tony Wright e a linda actriz francesa Anna Gaylor.

Desde as primeiras cenas, em que os dois prisioneiros ingleses chegam, sob custódia, ao cais de Marselha até ao momento culminante da destruição do velho bairro da cidade á força de dinamite, o enredo precipita-se emocionalmente.

A realização de Hugo Fregonese é vigorosa e firme, e tira o máximo partido dos diversos intérpretes e do ambiente local. O produtor de «O cais do desespero» é Daniel M. Angel.

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

CALYPSO PRAÇA DA ALEGRIA, 56
Telef. 34120
(Adultos — M. de 17 anos)

HOJE
BALLET INGLES
DE JEANNE MAREE
And The Four SOPHISTIGATES



EM GRANDE ÊXITO
ERASTO AND HIS DANCERS
NO RESTAURANTE FADOS E GUITARRADAS

«O Solteirão», no Condes

Alberto Sordi é o protagonista magnifico deste filme em que, com bom humor, se debate o problema do celibato, com a inevitável renuncia como unica solução. Ao lado de Sordi, o bom actor espanhol Fernando Fernan-Gomez, e Madeline Fisher, Sandra Milo, Ana Maria Pancani, Maruja Asquerino, Peña Botin, a estonteante Abbe Lane e seu marido, o dinamico Xavier Cugat com a sua orquestra. Antonio Pietrangeli realizou com optimismo o argumento que imaginou com a colaboração de Ettore Scola, bem servido pela fotografia de Gianni di Venanzio e pela musica do maestro Cicognini.

Complementos com «Ritmo do Fado», «Haway» e actualidades francesas. — Visor 60.

«Totó no Inferno», no Avis

Totó. O publico começa a rir logo que vê aparecer, no «écran» o nome do notável cómico italiano, depois nunca mais para. O novo filme de «Totó no inferno» realizado por Camillo Mastroneinque, engloba todas as tonalidades do cómico, desde a farsa clownesca até á subtil graça; no entanto, o aspecto clownesco predomina e, mais de uma vez, vimos Totó transformar-se num magnifico palhaço, sem mesmo precisar de esconder a sua cara sobre cremes brancos e vermelhos.

A história começa com os infor-

(Continua na página seguinte)

ABC
Emp. Teatral ABC, L.^a

UMA SENSACIONAL REVISTA POPULAR

EMPRESA TEATRAL A B C, L.^{DA} APRESENTA HOJE, EM ESTREIA, ÀS 20,45 E 22.45 H.

GLÓRIA MAY — AIDA BAPTISTA — ANTÓNIA MONTES — DEOLINDA RODRIGUES — PINA BRUNETTE — MARIA DE FÁTIMA BRAVO — ALVARO PEREIRA — CARLOS ALVES, etc.

VIRA O DISCO

UM GRANDIOSO ESPECTÁCULO PARA ADULTOS — MAIORES DE 17 ANOS

ATENÇÃO

As marcações serão respeitadas só até ás 18 horas de hoje

Bilhetes á venda para os primeiros espectáculos

DOMINGO, 1.^a TARDE
ÀS 16 HORAS

Teatros e Cinemas

(Continuação da página anterior)

tunios de um suicida que, ao escolher a morte pela asfixia, «tem o azar» das empregadas das empresas produtoras de gás entrarem em greve... Ao tentar afogar-se, vai para um rio onde «são proibidos os suicídios!» — Enfim, o filme começa... E Totó entra num inferno de pesadelo alegre, constantemente atravessado por belas mulheres, almas penadas a férias no inferno, que encantam o nosso António Marco, segunda reencarnação de Marco António, de novo apaixonado por Cleopatra!

O filme do Mastroncin que, não tem nada que o recomende especialmente, se excluirmos a presença de Totó e toda a graça que este lhe empresta, mas conta com hila-

ridade um argumento que o próprio Totó ajudou a elaborar. Complementos desagradáveis. — *Visor K.*

O espectáculo

do Casino Estoril na Televisão americana

Uma «équipe» de operadores da N. B. C. de Nova York, chefiada por Morton L. Heilig, vai esta noite filmar o espectáculo e a assistência do Casino Estoril, numa emissão especial para os Estados Unidos da América do Norte. Assim, milhões de telespectadores poderão apreciar o magnífico «show» do Casino Estoril, louvável iniciativa que muito contribuirá para uma larga propaganda da primeira estância de turismo do nosso País.

CAMPO PEQUENO

SERÁ ANUNCIADO AMANHÃ O CARTEL DA CORRIDA DA REPETIÇÃO DO GRANDE CAVALEIRO

JOÃO NUNCIO

5.ª — FEIRA — 11 (às 22 horas)

MAIORES DE 12 ANOS

* TEATRO *

MONUMENTAL

Emp. LAURA ALVES — T. 55133
ADULTOS — M/17 ANOS
HOJE, AS 21,45 H.



3.º
MES
TRIUNFAL

LAURA ALVES
na já célebre peça

A RAINHA DO FERRO-VELHO

com ASSIS PACHECO

à frente de um notável elenco

QUER GANHAR

1.000\$00 — 500\$00 — 300\$00
responda a esta pergunta

QUAL A RAZÃO

do ÊXITO

da peça

A RAINHA

DO FERRO-VELHO

Endereçando um postal a Vasco Morgado — Teatro Monumental

A's 3 melhores respostas serão atribuídos os prémios — Um CONCURSO SENSACIONAL para comemorar o 3.º mês de representações

AMANHÃ, esp. à tarde às 16 h.

RESTAURANTE RAMALHETE

RUA DE D. PEDRO V N.º 56
UMA JANELA ABERTA SOBRE LISBOA.

Em Chaves o «Diário de Lisboa» vende-se na Casa Plastic, Rua Direita, 71.

RITZ CLUB

Adultos — Maiores de 17 anos

MUSICA DE BAILE POR
VILAÇA E SUA ORQUESTRA
NO SALÃO TÍPICO:
NOTÁVEL SERVIÇO DE CRIAS
COM FADOS E GUITARRADAS

MAXIME DANCING

Adultos — Maiores de 17 anos

ATENÇÃO
AO ANÚNCIO DE AMANHÃ
A NOVA GERÊNCIA

CAVALHEIRO

V. Ex.ª encontra: Doçaria caseira, Café de Timor em balão — Inconfundível —

UMA PEGA 6\$50 no
BAR RIBATEJO — Praça do Areeiro, 11-D.

HOJE, às 22 h. e às 23 horas, a preços reduzidos
SOM E LUZ no Claustro do Mosteiro dos Jerónimos

«NOITE DO TEJO»

(Maiores de 12 anos — Sábados, maiores de 8 anos)

Cartaz dos Cinemas



15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
Pela primeira vez no
cinema, uma obra
que parecia impossí-
vel ser filmada!

HISTÓRIA DA HUMANIDADE

em Technicolor com Ronald Colman,
Virginia Mayo e um grupo dos melho-
res artistas



15.30, 18.30 e 21.30
(M/17 anos)
Uma comédia origi-
nal
A NOIVA
RAPTADA
com JANE RUSSELL
Uma história cheia de comicidade que
faz chorar de tanto rir...



15.15, 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
Um filme animadís-
simo, cheio de gra-
ça... e de raparigas
irresistíveis!

O SOLTEIRÃO

com Alberto Sordi, Madeleine Fisher e
Xavier Cugat e sua orquestra



15.45 (p. r.)
e 21.45 (M/12 anos)
A comédia mais u-
lariante da tempo-
rada

ONDE ESTÁ O CARLOS?

com Ray Bolger, Allyn McLerie e Mary
Germaine



15.30 (p. r.) e 21.45
(M/17 anos)
Tóto a contas com
diabos ferozes e en-
cantadoras almas pe-
nadas em

TOTÓ NO INFERNO

com Maria Frau e Dante Maggio



A's 21 (M/17 anos)
O HOMEM DO
IMPERMEÁVEL
UM BEIJO AO MORRER



21.30 (M/17 anos)
QUERO-TE, MAS
DEIXA-ME
com Tob Hunter



A's 3 e 6.15 da tar-
de (p. r.) e 9.30 da
noite (M/17 anos)
Uma autêntica obra-
prima de terror e
«suspense» que se
reexibe hoje, amanhã e depois!

A ESCADA DE CARACOL

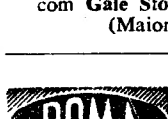
c/ Dorothy McGuire e Ethel Barrymore
No progr. MADEIRA em Magnoscope



15.15 - 18.15 e 21.30
Grande êxito
da genial sátira que
faz rir e pensar pelo
arrojo da sua con-
cepção social

ACONTECEU NA 5.ª AVENIDA

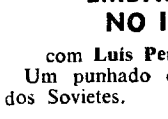
com Gale Storm e Don De Fore
(Maiores 12 anos)



15.30 (p. r.) e 21.45
(M/17 anos)
ANTONIO VILAR
revive os episódios
trágicos relatados
pelo capitão Palésios

EMBAIXADORES NO INFERNO

com Luis Peña e Rubens Rojo
Um punhado de valentes em poder
dos Soviéticos.



A's 21.15
(M/17 anos)
Cinemascope
ROSE MARIE
com Ann Rlyth

AVENTUREIRO DE OCASIÃO

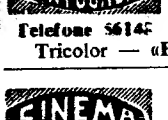
com Greer Garson



21.30 (M/12 anos)
Eastmancolor
A FAMÍLIA
TRAPP

«Ela quer um Vison»

Tricolor — «Ela quer um Vison»



A's 21 (M/17 anos)
Superscope
VERA CRUZ
O homem que des-
truiu a alma



15.15 e 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
Um drama forte-
mente realista, reve-
lador de um conflito
empolgante

TENTAÇÃO DE UMA MULHER

com Elaine Stewart e John Derek



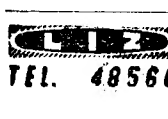
15.15 - 18.15 e 21.30
(M/17 anos)
Marselha, porto de
violência!
CAIS DO
DESESPERO
Stephen Boy — James Robertson
Justice — Kathleen Harrison — Tony Wright
Temperatura primavera — Ar refrigerado



15.15, 18.15 e 21.30
(M/12 anos)
As mais lindas e ca-
pitosas «munchas»
madrilenas à caça
de noivo

RAPARIGAS DE AZUL

em Eastmancolor com Amália Gode,
Fernando Gomez e Lucia Prado



A's 21 (M/17 anos)
2 F. Cinemascope
FRAULEIN
(Tempestade sobre
Berlim)

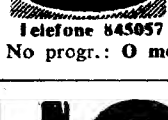
ESCÂNDALO NO COLÉGIO



21.15 (M/12 anos)
CANTINFLAS
PORTEIRO
A espada Sarracena



21.15 (M/12 anos)
DUEL
DE GIGANTES
em Technicolor
com James Stewart



A's 21. (M/17 anos)
Ep. Verão (p. r.)
MATOU MIL
VIDAS
No progr.: O mordomo da ilha deserta

O SUPREMO ÊXITO DO ANO!... CASAS A' CUNHA
UM ACONTECIMENTO RARO!

ADORACION Y JOSÉ LUIZ

A PARELHA DE BAILE CONSAGRADA ENTRE DELIRANTES APLAUSOS

TRIO BRISAS

HERMANOS SACROMONTE

E, AINDA, TODO O ELENCO DE OURO DO «RITZ-CLUB»

HOJE

ESPECTACULO P.
ADULTOS 17 ANOS

É

O DO

COLISEU

ONDE GIUSEPPE BASTOS APRE-
SENTA EM 2 SESSÕES, A'S 20.30
E 22.45 H., A ALEGRE COMPA-
NHIA BRASILEIRA DE REVIS-
TAS NA REVISTA POPULAR

AI, MEXE...

E REMEXE!

Preços populares—GERAL a 7\$50
AMANHÃ, DOMINGO, A'S 16 H.,
ESPECTACULO A' TARDE!

DA RIVA

Leia o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

Tauromaquia

As corridas de amanhã

Na Figueira da Foz, amanhã, às 17 e 30, com touros dos herdeiros de Emilio Infante da Camara, os cavaleiros Simão da Veiga e Pedro Loureiro, e os novilheiros Amadeu dos Anjos e Manuel Durão, com forcados de Lisboa.

Em Estremoz lidam amanhã, às 17 horas, touros de Oliveira Irmaos, os cavaleiros João Nuncio, David Ribeiro Teles e Maldonado Cortes e os novilheiros Armando Soares e Javier Gomez. Os forcados são do Grupo de Amadores de Montemor.

E na Póvoa de Varzim, com touros dos herdeiros de Paulino da Cunha e Silva, os cavaleiros Manuel Conde e David Teles e os matadores Francisco Mendes e António dos Santos. Os forcados são os do Vale de Santarém.

Na Nazaré

Na Nazaré começa-se na próxima segunda-feira, com um festival com o cavaleiro dr. Brito Chaves, os «espadas» Carlos dos Santos e Joaquim dos Santos e os forcados juvenis de Vila Franca, Sexta-feira, 12, corrida de touros com os cavaleiros D. Francisco de Mascarenhas e Manuel Conde e os matadores Diamantino Viseu e António dos Santos, e dia 13, Manuel Conde e D. José Ataíde, António dos Santos, e Armando Soares.

Escola Luciano Moreira

A Escola Luciano Moreira passa a funcionar amanhã, domingo, na Rua da Sr.ª da Glória, 105.

Mais de mil empregados visitaram a colónia de férias da C. U. F.

ALMOÇAGEME, 6 (Pelo telefone).—A administração da Companhia União Fabril promoveu hoje, na sua Colónia de Férias, nesta localidade, uma encantadora reunião de camaradagem com as crianças que ali estão a estagiar, todas filhas de empregados e operários daquela organização industrial. A C. U. F., no desejo evidente de confraternizar com os filhos dos empregados e operários e com o próprio pessoal, aproveitou o ensejo de estar a funcionar a sua Colónia de Férias para proporcionar uma visita de quantos não conheciam a instituição, às suas modernas instalações e como são tratadas as crianças.

Para tanto, foram convidados mil empregados e operários, em representação do pessoal de Lisboa e do Barreiro, duzentos casais, que são os pais das crianças, ali em estágio, além de representantes dos empregados e operários das fábricas do Porto, Alferrarede e Mirandela.

Depois de uma visita a todas as instalações da Colónia, houve uma sessão de ginástica e danças rítmicas pelas crianças que ali se encontram em estágio, tendo sido, em seguida, oferecido um lanche a todos os convidados. Foram largadas muitas centenas de pombos-correios, com mensagens de saudação ao pessoal das várias dependências da Companhia União Fabril.

Assistiu o sr. dr. Jorge de Melo, administrador-delegado da C. U. F., que dirigiu afectuosas palavras às crianças.

VIDA RELIGIOSA

O Nuncio Apostólico em S. Salvador visitou Fátima

FÁTIMA, 6 (Pelo telefone).—O arcebispo D. José Pampini, Nuncio Apostólico em Salvador, passou por Fátima, a fim de visitar o santuário, tendo celebrado missa na Capela das Aparições.

Passaram pelo santuário 30 turistas americanos que se encontram em visita à Europa, especialmente aos santuários mais importantes. Monsenhor Loftos, que fazia parte do grupo, celebrou missa na capela das Aparições.

De passagem por Fátima, almoçou, na Estalagem de Fátima, o cônsul da Venezuela no nosso País.

Museus municipais

O Museu da Cidade instalado no Palácio da Mitra—Póço do Bispo—que pode ser visitado todos os dias, excepto às segundas-feiras, das 11 às 17 horas, registou no mês de Agosto findo, a frequência de 147 visitantes. O de Rafael Bordalo Pinheiro que se encontra encerrado ao publico, por motivo de obras, deve reabrir brevemente.



JOSÉ TRAVAÇOS

numa atitude que reflecte o seu temperamento de jogador

Várias provas de amanhã

ATLETISMO

Em Pontével disputam-se amanhã, duas provas de atletismo, a primeira das quais, denominada «Cinco Voltas a Pontével» é para atletas filiados, que, em representação do Sporting, Benfica e Casa Pia, terão de percorrer 6.000 metros: a segunda, designada por «Três Voltas a Pontével» e para atletas populares da região, e feita na distancia de 3.600 metros.

CICLISMO

Os corredores populares têm amanhã uma prova organizada pela Sociedade União 1.ª de Dezembro, de S. Pedro de Sintra, denominada «Grande Prémio de Sintra», na distancia de 65 quilómetros, com partida e chegada em frente da sede da colectividade organizadora da prova.

HOQUEI EM PATINS

Está marcado para amanhã o ultimo encontro da terceira «ronda» da segunda volta do campeonato regional do Sul, de hóquei em patins, da 1.ª Divisão. Defrontar-se-ão as equipas do Sintra e da Mundet, no rink de Sintra, às 17 e 18.10 horas, respectivamente, em reservas e 1.ª categorias.

NATAÇÃO

Com a época já a declinar, a Federação Portuguesa de Natação marcou para hoje e amanhã, na piscina do Luso, os campeonatos nacionais de seniores (masculinos e femininos).

A presença dos nadadores e nadadoras moçambicanos é um magnifico aliciente para o certame, que na jornada de amanhã, a principiar às 16 horas, inclui mais os campeonatos de saltos de principiantes, juniores e seniores (a fechar a reunião).

Os nadadores disputarão as seguintes provas dos campeonatos nacionais: 1.500 metros, livres, 100 metros, livres, 200 metros, bruços e 4x200 metros metros, livres; e as nadadoras: 100 metros, costas, 200 metros, bruços, 100 metros, livres e 4x100 metros, estilos. O programa completa-se com quatro provas complementares.

PESCA DESPORTIVA

O programa da jornada de amabilverense realiza amanhã, junto à ponte sobre o Tejo, na estrada Belver-Gavião, o 1.º Concurso de Pesca Desportiva, que parece destinado ao maior êxito, não só pelos cuidados postos na organização, mas, também, porque entre os praticantes da pesca desportiva reina o maior interesse pelo certame.

TARDE DESPORTIVA

Malveira vai estar amanhã em festa, tal qual tem acontecido nos anos anteriores, quando o Atlético Clube da Malveira organiza o «Circuito da Malveira, em ciclismo» (a edição de amanhã é a 17.ª), fazendo-o seguir de um desafio de futebol entre equipas dos principais clubes lisboetas.

Na corrida ciclista de amanhã, com início marcado para as 14 horas estarão presentes os melhores corredores do Sangalhos, F. C. Porto, Benfica, Sporting, Académico, Alpiarça e Belenenses, dispostos a

luta sem tréguas ao longo das 35 voltas do Circuito. As 16 e 30 horas, no campo das Seixas as reservas do Benfica e do Belenenses disputarão um encontro que está a despertar o maior interesse, dado o comprovado valor das duas formações.

TÊNIS

Os campeonatos internacionais de ténis do Estoril devem terminar amanhã, salvo se as condições do tempo o impedirem.

O desenrolar das várias provas, nas três jornadas decorridas até ontem, sem fornecer surpresas, faz acreditar que nas finais de amanhã estarão presentes os concorrentes mais valorosos que estes campeonatos reuniram, como sejam os Chilenos Patricio Rodriguez e Daniel Ochondo e o colombiano William Alvarez, além de Manuel Dinis, Azevedo Gomes, Manuel Dinis e Peggy Cohen, para só citar os nossos elementos de 1.ª categoria.

O programa da jornada de amanhã só pode ser elaborado hoje ao fim da tarde, depois de conhecidos os resultados das meias-finais das várias competições (4): singulares-homens, singulares-senhoras, pares-homens e pares-mistos. Mas, quaisquer que sejam os encontros decisivos das várias provas, uma coisa não oferece dúvidas: o ténis terá amanhã, no Estoril uma mag-

(Continua na página seguinte)

O «Nacional» da II Divisão inaugura as provas oficiais da época

Amanhã, as competições oficiais têm o seu início com a disputa da primeira jornada do Campeonato Nacional da II Divisão, prova em que participam 28 clubes, todos, mais ou menos, com a esperança numa boa classificação com vista à subida à divisão superior.

Os jogos são os seguintes (indicam-se os árbitros respectivos): ZONA NORTE — Espinho-Viarense (Francisco Guerra); Vila Real-Gil Vicente (Abel da Costa); Sanjoanense-Boavista (Alvaro Rodrigues); Salgueiros-Oliveirense (Mário da Costa); Portalegrense-Chaves (Joaquim Campos); Marinhense-Tirsense (Eduardo Garcia) e Leixões-Peniche (Carvalho e Silva).

ZONA SUL — Juventude-Serpa (Hermínio Soares); Portimonense-Coruche (Inocência Calabote); Olhanense-Oriental (Fernando Valério); Estoril Praia-Farense (Rinaldo Silva); Montijo-Arroios (Francisco Guimaraes); Beja-Sacavenense (Manuel Barulho); e Atlético-Almada (Isidro Fragozo).

O Belenenses e o F. C. do Porto jogam em Espanha

Duas das mais categorizadas equipas nacionais, Belenenses e F. C. do Porto, exibem-se amanhã, em Espanha, defrontando, por coincidência, dois conjuntos poderosos do futebol do país vizinho.

Travaços soube sempre granjear simpatias e amizades e até a mais incondicional admiração—em qualquer sector clubista.

Jogador dos pés à cabeça, notabilizou-se mercê do seu apego à luta e da clarividência que imprimiu aos lances. Fácil dominador da bola e rematador terrível, alcançou-se a uma posição de invulgar realce ao desempenhar a difícil e delicada missão de estratega. Para ele, o futebol não tem segredos. A visão da jogada mais aconselhável, a prontidão do passe, em bruscas mudanças absolutamente desorientadoras, tornaram-no o elemento ideal para a manobra a meio do campo.

Tanto no Sporting, como na selecção nacional, que ele representou 35 vezes, como ainda na selecção do Resto da Europa — foi o unico português que mereceu essa honra — Travaços foi uma espécie de maestro, sabedor, seguro e autoritário.

A carreira deste atleta constitui um valioso somatório de honras e glórias, mesmo levando em conta alguns rudes golpes de azar, dos quais três intervenções aos meniscos são prova suficiente. Mas até perante isto, Travaços soube reverter-se da dose indispensável de sacrifício e vencer para reaparecer, em breve, mais pujante de querer, de brio e de entusiasmo, refinando até as suas qualidades técnicas.

Com 32 anos de idade (um apontamento insignificante em quem se preza de manter uma vida regrada, de renúncia total pelos prazeres mais ínfimos), o recordista das internacionalizações, aceitando a homenagem, não se despedirá dos mágicos cenários onde a sua magia costumava ser a principal protagonista. Continuará a jogar; prosseguirá no seu afã de esbanjar, prodigamente, o seu talento; intensificará os requintes da sua técnica portentosa; e será, estamos certos disso, uma das grandes atracções — o grande senhor do futebol português.

Nós que tantas vezes criticamos este jogador, cuja classe jamais esteve em dúvida, não poderíamos deixar em claro este momento eloquente na carreira de um Homem que dignificou o Desportista e de um Desportista que enobreceu o Homem. E, com todo o prazer, comungando no sentimento geral de espontânea justiça, aqui estamos

para o felicitar e desejar-lhe a compensação material a que o seu nobre exemplo amplamente merece. Decerto, ninguém discordará.

O programa da festa

A comissão organizadora elaborou o seguinte programa para amanhã, no Estádio Alvalade:

C. U. F.-TORRIENSE SPORTING-BENFICA
O primeiro jogo efectua-se às 15 horas, findo o qual se desenrolará a homenagem a Travaços, numa cerimónia que se prevê muito tida e carinhosa.

A fechar, defrontam-se as categorias de honra do Sporting e Benfica, integradas dos seus novos reforços. Ambas as equipas estrearam-se no passado domingo, mas amanhã o publico de Lisboa terá o ensejo de vê-las, pela primeira vez, em acção esta época, motivo suficiente para satisfazer todas as expectativas.

Monumento aos campeões

RIO DE JANEIRO, 6 — Foi finalmente escolhido, entre 19 «maquettes», o futuro monumento a erigir no portão principal do Maracanã, simbolizando a conquista pelo Brasil do Campeonato do Mundo de Futebol de 1958. O monumento, que é da autoria do escultor Bruno Giorgi, será esculpido em bronze, com três a quatro metros de altura, devendo ficar pronto dentro de dois meses. A «maquette» representa um jogador erguendo a taça acima da cabeça, em atitude de triunfo. — (L.).

ATLETISMO

O alemão Manfred Gernar fez 20,8 segundos nos 200 m.

OSLO, 6. — O alemão Manfred Gernar estabeleceu a noite passada um novo «record» do Bislet Estádio, onde está a decorrer um torneio de atletismo em que participam representantes de nove países, nos 200 metros, em 20,8 segundos. O anterior «record», que pertencia ao norte-americano Andy Stanfield, estava em 20,9 segundos.

A prova de 5.000 metros foi ganha pelo inglês Gordon Pirie, em 4 minutos e 15,8 segundos, classificando-se em segundo lugar o australiano Albert Thomas, com o mesmo tempo.

Esta foi a ultima prova que Gordon Pirie disputou pela Inglaterra antes de emigrar para a Nova Zelândia. Pirie é o antigo detentor do «record» mundial dos 5.000 metros. Sua mulher, Shirley, foi a vencedora da prova feminina dos 100 metros, que também se disputou a noite passada. — (A. N. I.).

Obras em curso

para abastecimento de água

Continuam activamente importantes obras de abastecimento de água a várias provoações do País. Em Alcacér do Sal começaram há dias os trabalhos para colocação da conduta de reforço que abastece de água aquele concelho e na qual serão utilizados doze mil metros de tubagem lusitana. Prossegue com incremento idêntica empreitada, no que diz respeito à cidade de Beja.

Em Ovar, Peniche e Monção, as obras de abastecimento de água ao domicílio vão muito adiantadas.

BOA PESCA

AVEIRO, 6.—Aveiro continua a registar grande movimento de traineiras com pescaria fresca, pelo que o rendimento das vendas efectuadas tem sido considerável. Durante o mês Agosto, o total das transacções ascendeu a 3.042 contos.

O «record» da resistência sobre uma bicicleta

JOINVILLE, 6 — O ciclista colombiano, Celino Zuluaga, manteve-se durante 122 horas sobre uma bicicleta, transformando-se, assim, no novo campeão mundial de resistência em bicicleta. A prova realizou-se nesta cidade brasileira e teve a assistência durante os 5 dias e noites da prova, de centenas de curiosos. — (L.).



O cais do Clube Naval de Cascais oferece todos os dias este aspecto, antes do início das regatas da Semana da Vela. Os barcos alinhados aguardam o momento de receber os seus tripulantes para depois sulcarem as águas da baía de Cascais

O Chefe do Estado preside amanhã ao encerramento da Semana da Vela em Cascais

A Semana da Vela é encerrada amanhã com um grandioso festival náutico em honra do N. R. P. «Sagres» e, simultaneamente, de homenagem à briosa tripulação daquela unidade, brilhante vencedora da regata Brest-Las Palmas.

Preside ao acontecimento o Chefe do Estado, sr. almirante Américo Tomás, no seu primeiro acto publico junto do desporto, desde que foi investido nas mais altas funções da Magistratura da Nação.

Organizado pela Associação Desportiva da Brigada Naval, Clube Naval, Clube Naval de Cascais e Associação Naval de Lisboa, sob o patrocínio da Federação Portuguesa de Vela, promete revestir-se do maior brilhantismo o Festival Náutico, que põe termo a uma série de competições desportivas da maior envergadura, nomeadamente os três Campeonatos da Europa, que ainda, hoje, prosseguiram com o maior interesse nas águas de Cascais.

A fragata «D. Fernando» e vários navios de guerra fundearão na baía e recebem a bordo convidados do sr. ministro da Marinha para assistirem às interessantes competições náuticas, reservadas a todas as classes de barco, inclusive a de grande cruzado, cujos concorrentes, numa prova mais ampla, disputarão o Troféu «D. Pedro V».

Além do Chefe do Estado, vários membros do Governo e outras altas individualidades, ligadas às Marinhas de Guerra, Mercante e de Recreio assistirão às regatas do Festival, que se iniciam às 13 horas, com largadas de dez em dez minutos, pela ordem, para as seguintes classes: «Dragões», «Stars», «Sharpies de 12 m2», «Snipes», «Vougas», «Sharpies de 9 m2», «Finns» e «Moths».

Na intenção de dar ao espectáculo um cunho especial de propaganda, as provas disputam-se num triângulo dentro da baía de Cascais, sendo duas das balizas colocadas, uma em frente ao forte de S. António e outra próxima da Praia da Conceição.

Um dos momentos de maior significado do Festival celebrará a bordo da «Sagres», quando o sr. comandante Henrique Tenreiro, na qualidade de presidente da Federação Portuguesa de Vela, entregar ao comandante do Navio-Escola uma taça que traduzirá a mais sincera homenagem daquele organismo.

PELOS CLUBES

Iniciação Desportiva no Benfica

Na secretaria do Benfica, encontram-se abertas as inscrições a todos os sócios do clube, dos 8 aos 14 anos, que desejem frequentar os cursos de Iniciação Desportiva, a principiar no próximo dia 1 de Outubro.

O dr. Leal de Oliveira fala-nos da educação física mundial e nacional e do Congresso de Bruxelas

Pelas influências que, certamente, trouxe a orientação da educação física de todos os países, não se extinguirão tão cedo os ecos do Congresso Mundial, há pouco tempo realizado em Bruxelas. O sr. tenente-coronel dr. António Leal de Oliveira foi um dos vultos dominantes da grandiosa manifestação e a sua nomeação para a presidência da Federal Internacional não é mais que a consequência do extraordinário prestígio conquistado pela sua obra notável no campo da ciência e da pedagogia.

O prof. dr. Leal de Oliveira regressou há dias de larga digressão pelo estrangeiro e não se escusou a transmitir ao representante do nosso jornal as suas autorizadas impressões sobre o congresso e sobre diversos problemas da educação física nacional e mundial.

—Bastaria a forma como o «Diário de Lisboa» se referiu ao acontecimento e a minha pessoa, para, moralmente, me sentir obrigado a satisfazer desejo tão honroso para mim. Mas, prefiro que isto seja uma simples conversa...

—Pois bem—quer principiar por dar-nos as suas impressões sobre o Congresso de Bruxelas?

—Começarei pela organização, que, quanto a mim, foi muito prejudicada pela afluência das classes e congressistas que se inscreveram à última hora. As sessões técnicas foram realizadas em salas modernas e cómodas, mas já o mesmo não direi dos locais das demonstrações, a maior parte sem os indispensáveis requisitos.

—A sua opinião sobre as experiências?

—Das estrangeiras, as que mais me agradaram, não só como lição normal para ginastas especialmente dotados, mas, também, como demonstração em massa constituída de exercícios mais elementares, foram as classes suecas das professoras Maja Carlquist e Irish Maholm. Os homens suecos e dinamarqueses foram os que demonstraram superior capacidade de vigor e de destreza. No entanto, considero que a metodologia dos primeiros, que já foi exemplar, sofreu grande atraso, por predominância da formação técnica relativamente à formação científica, porquanto é a última que solicita especialmente as funções cerebrais superiores, com inibição das tendências exclusivamente emocionais. Empregam-se aparelhos já condenados no século passado, interrompem-se as lições para a execução individual e sucessiva de certos movimentos sem nexo, enquanto o resto dos praticantes, provavelmente já em estado de sudorese, se senta, o que é errado sob vários pontos de vista e monótono; e evitam-se os exercícios de suspensão e de equilíbrio elevado, dos mais úteis para o desenvolvimento pessoal e para a transferência de certas coordenações específicas para muitas necessidades da vida prática.

—A par de muita coisa boa, vimos autênticos números de variedades. Foi o próprio «Diário de Lisboa» que numa crónica sobre o congresso, distinguiu teatro de ginástica e acrobacia de exercício equilibrado. Tudo isso se viu e serviu para se ajuizar do que convém adoptar, apenas tolerar ou risonhamente evitar. Há organizações internacionais onde tudo se admite como motivo de diversão. Não era, porém, o caso. Se o fosse não me teria interessado.

—Mas, sr. doutor, não estará a ser excessivamente rigoroso, ao condenar certas práticas consideradas modernas e as novas experiências?

—Meu amigo: lisonjeia-me que me considerem rigoroso, desde que me não achem rígido e me não chamem desactualizado, pois passo a vida a procurar esclarecer-me por todos os meios, nomeadamente nas minhas frequentes viagens de estudo ao estrangeiro. Sem o rigor com a elasticidade necessária a rápida adaptação às circunstâncias, não há construção que perdure e movimento que atinja os seus próprios fins, trate-se de um simples gesto desportivo ou dum movimento de natureza social.

—Quanto a certas práticas consideradas por alguns jovens como «modernas», elas são, realmente, velhíssimas e já foram substituídas ou completadas, por insuficientes para as novas condições de vida, ou condenadas pelos resultados nefastos a que conduziaram. A vida humana é por demais curta e precisa para que se replantem experiências cujos prejuízos são bem conhecidos por pessoas responsáveis. Quando fui há anos a Atenas e agora a Roma, muito me impressionou visitar os estádios e circos outrora sumptuosos e agora em ruínas, testemunhos da vergonhosa decadência a que chegou a prática dos exercícios corpóreos.

—O Sintra deu-nos sugestão de melhor conjunto. Edgar jogou e quando o excelente médio sintrense jogou todo o «cinco» ganha estruturação, movimento, alegria. Para nós, é o grupo que pratica o hóquei mais sugestivo, de mais requintado sabor técnico-táctico. Mas, para que seja assim, Edgar tem de pôr à disposição do jogo todo o seu saber e o seu querer. E então que bom é ver a triangulação ofensiva do Sintra, que, leva consigo sempre o sinal de perigo para as balizas contrárias. Ontem, os «azuis», actuaram de forma inteligente e superior. Não diremos, para expressão da verdade, que o seu triunfo seja a tradução exacta do comportamento de ambas as equipas, pois o desfecho correspondente a esse comportamento seria o do empate. Se o Sintra foi o dono do ringue na primeira vitória de minutos; ao Cascais essa senhoria foi-lhe concedida na segunda metade, em que Trabazos abriu o compêndio e deu excelente lição de hóquei sempre bem acompanhada pelo seu companheiro Luís Mota. Carlos Silva também se houve em muito bom plano; todavia, na sua missão de médio, foi um pouco lenta na transposição do jogo da defesa para o ataque. E foi mesmo na diferença dos médios que assentou a diferença de jogo de Sintrenses e Cascalenses.

Anote-se a estreia de Vitor Domingos nas balizas do Sintra. Um produto das suas escolas e que deu ótima impressão. O resto, incluindo a arbitragem, esteve certo. Partida dignificante para as duas equipas e, consequentemente, para o hóquei português.

JOSE GRAIS



DR. LEAL DE OLIVEIRA

no mundo antigo, caracterizada, segundo os historiadores, pelos excessos espectaculares, pela acrobacia, pela violência e pelo profissionalismo.

—«Se os nossos professores de educação física aprovassem tais processos, dentro do seu âmbito de actividade, e se não tivessem como objectivos essenciais a saúde e o desentendimento dos seus alunos, com especiais cuidados para os menos aptos, fariam obra nociva e perderiam, fatalmente, todo o prestígio social. Esta ideia confrange-me!»

—Quer, agora, falar-nos do comportamento da representação nacional?

—Com toda a sinceridade, digolhe que as demonstrações práticas que mais me satisfizeram, no seu conjunto, foram as portuguesas. Todos os ginastas se esforçaram por honrar o nome do País, o que conseguiram amplamente. Na impossibilidade de citar tantos executantes, quero, ao menos, elogiar os professores D. Maria de Lourdes Tainha, Pereira de Carvalho, Moura e Sá e Robalo Gouveia. Eles mostraram, mais uma vez, a que poderia chegar a ginástica nacional se o seu esforço se generalizasse a todo o Portugal, de acordo com os princípios gerais que seguiram e são os oficialmente determinados.

—Acerca dos trabalhos teóricos... Intervieram 74 oradores e contei 66 comunicações, muitas delas de eminentes cientistas e pedagogos, impressas em cerca de 350 páginas. É uma preciosa documentação que devia ser estudada por todos os que se julgam com direito a emitir opiniões sobre a organização da educação física nacional.

—Finalmente—será ou não um facto a sua aceitação da presidência da Federação Internacional de Educação Física?

—Trata-se de uma questão muito delicada. Já entreguei a quem de direito uma larga exposição sobre o assunto. Não lhe posso, portanto, dizer mais, a não ser que tal distinção a Portugal também muito se deve aos organismos oficiais, associações ginásticas-desportivas, professores e médicos que há vários anos apoiam a delegação da F. I. E. F. no nosso País. Em realidade, ainda não devo ser considerado como presidente do importante organismo.

—Mas, estamos confiantes em que o dr. Leal de Oliveira ocupará, de facto, tão alto cargo, compatível com a sua categoria universal e excepcionalmente dignificante para o País.

CÉSAR FAUSTINO

HOJE, À NOITE

CONGRESSO — Na F. B. F., às 20 e 30, sessão extraordinária para estudo e resolução sobre o regulamento das provas oficiais.

HANDEBOL — No ringue do Campo de Ourique, defrontam-se, pela segunda vez esta época, as selecções de handebol de sete, de Lisboa e Porto. Antes realizam-se dois jogos de juniores: Campo de Ourique-Sporting e Belenenses-Benfica.

O festival principia às 20 e 50 h. HOQUEI EM PATINS — Às 22 horas, no ringue da Pareda, o clube local enfrenta o Oeiras para o campeonato do Sul da 1.ª Divisão.

Vária provas de amanhã

(Continuação da página anterior)

nífica jornada de propaganda da modalidade, nos seus dois principais aspectos: desportivo e mundial.

TIRO AOS PRATOS

A vila do Cadaval assistirá amanhã a um dos mais atraentes torneios de tiro aos pratos, realizados no ano que decorre. Promove-o o Clube dos Caçadores do Cadaval, que faz reverter o produto a favor da Santa Casa da Misericórdia local.

Dotadas com valiosos prémios disputar-se-ão duas provas. A primeira, de «Ensaio» é a 10 pratos, a distância de 15 metros; a segunda, de «Honra» é a 30 pratos (em duas séries de 15) a distância de 15 metros. Estão marcados para as 14 e 15 e 30 horas, respectivamente.

INSTITUTO PARTICULAR DE SAUDE

Consultas médicas de todas as especialidades, a preços de Policlínica
SERVIÇO PERMANENTE DE CHAMADAS AO DOMICILIO
Av. Guerra Junqueiro, 14, 1.ª. Dt.—LISBOA—Teléfs. 727408 e 729739

De ontem para hoje

DESLEIXO COM AS CRIANÇAS

FAZ-SE às vezes de bem pouco a pequena história do dia-a-dia. Ou antes, às coisas de nada, vão-se buscar índices bem mais significativos do que o exposto nas linhas simples dos factos. Será, em certo número de casos, a fatalidade a causa de tantos males que diariamente enluta e entriste a crónica portuguesa. Mas, para lá de isso a que pode chamar-se, imprópriamente, a força do destino (no fundo, há sempre no acidente uma imprevidência mais ou menos grave) é evidente que subsiste na mentalidade, na incultura, no carácter do povo, uma grave tendência para o não se ralar, deixa correr, que uma vida mesquinha de preocupações apertadas mais agrava. Todo entregue às ocupações da dura conquista do pão de cada dia, o povo mal tem tempo de cuidar do espírito e de atender ao coração. Os filhos pequenos ficam entregues a si próprios e ao seu destino. E, daí, o sucedido à pequenina Emilia (3 anos, filha de Joaquim Brandão, em Meimedo) que ficou degolada pela tampa de uma arca, deixada aberta. Outra menina de 16 meses (filha de João Ferreira, de Guimarães) caiu numa dorna de água e morreu; em Paul, uma menina de 3 anos (filha de Luis Narciso), caiu de uma varanda onde brincava, e poucas horas teve de vida. Outro, mais velho (Francisco Rafael Serrano, 13 anos, de Baleizão) subiu a um poste e ficou em estado grave. Podem ser tudo efeitos de um risco impugnável. Mas tudo faz prever que ande na história o dedo grande do atavismo português.

FEIXE DE IMAGENS

ESTA imagem tristonha tem, porém, o seu claro-escuro, que é a coragem precoce do nosso povo. Documentam-na dois casos, um passado em Nelas, onde uma menina de 6 anos filha do moleiro António dos Santos, salvou de morrer afogado um irmãozinho de 14 meses; e outro de Benavente, onde um mocinho de 16, salvou dois imprudentes de se afogar no Sorraia. Com estas duas, são seis as vidas salvas pelo pequeno herói que se sugere a atenção da Fundação Vale Flor.

* Promovida pela Casa dos Empregados da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, abriu nos jardins da sua sede a II Exposição de Arte, integrada no 25.º aniversário daquele organismo corporativo. Três membros do Governo a inauguraram, podendo ao longo das galerias de pintura, aguarela, desenho, fotografia e trabalhos manuais verificar-se o nível de cultura artística da uma classe numerosa e activa.

* Dez mil trutas adquiridas nos viveiros de Vila do Conde pelo Município de Viseu, foram lançadas no Sato, um rio tradicionalmente rico na espécie. Os rios Vouga e Arnes foram igualmente reabitados, em regiões como a primeira tidas por desportivas que vandalas sistematicamente perseguem com a pesca criminosa.

* Um homem adormeceu em cima da cama alugada numa pensão da Rua da Junqueira. O caso não teria nada de estranho se o Manuel João Evangelista (pintor da construção civil, de 35 anos), não adormecesse de cigarro na mão. Além de arderem roupas e móveis, queimaram-se, para lembrança, as mãos do imprudente.

* Viana do Castelo deu por finda a primeira fase do desassoreamento da sua barra. Aguarda, agora, as grandes medidas preconizadas (está-se a quebrar um rochedo uma das causas do assoreamento) agora que se conhecem as correntes da barra. Na lancha «Nogueira Soares», provida de sonda eléctrica, determinou-as o eng.º Gomes Magalhães.

* Em Lamego, têm notáveis tradições as batalhas de flores, os corsos e os cortejos alegóricos. O turismo não lhe descobriu talvez o crédito mas ontem, mais uma vez, nas festas à Senhora dos Remédios, voltou a deslumbrar e a surpreender forasteiros. Não será tão falada como outras conhecidas, mas talvez valha a pena ir lá, para fazer comparações.

* Cinco mortos, para o dia-a-dia da série negra: o motociclista Vasco José da Gama de Azevedo (Amadora); João da Rocha Neto (perto de Ilhavo, onde foi colhido por camioneta); José Joaquim Pacheco Fries (14 anos, Carrapichana, também colhido por uma camioneta); Fidez Icano, americano, que ia de automóvel e caiu numa ribanceira, em Angra do Heroísmo; e Elisio Rodrigues Romão (52 anos). Este, porém, não foi colhido pela máquina mas por um cornupeto em Pelicanos, perto de

JORNAL PEQUENO

NO livro de cumprimentos ao Chefe do Estado, increveram-se os srs. Horácio Pinto Coelho, Adriano Seabra da Fonseca, Tomás Correia de Figueiredo Lima, dr. António Fortunato Almeida e conselheiro dr. Miguel Homem de Azevedo Queirós Sampaio e Melo. * O ministro das Comunicações recebeu, com o chefe do distrito de Aveiro, as forças vivas de Oliveira de Azevedo que o cumprimentaram como conterrâneo. Foram também estudados problemas referentes à barra e ao porto aveirenses e, ainda, à estação do caminho de ferro de Espinho. * O general Afonso Botelho foi ontem cumprimentado, pela passagem do seu primeiro aniversário, de comandante da G. N. R. * Para representante de Portugal no Estado-Maior da N. A. T. O. (Washington) foi designado o comandante Trindade dos Santos. * De Bissau, chegou a Lisboa o subsecretário de Administração Ultramarina que deixou, para o efeito, o cargo de governador da Guiné. * No «Índia», com a colaboração da Companhia Nacional de Navegação e da Cruz Vermelha Portuguesa, seguiram 11.290 quilos de encomendas das famílias dos militares em serviço na Índia.



Fez ontem trinta anos, como assinalámos, que largou de Portugal o avião em que seguiam Pais de Ramos, Oliveira Viegas, João Esteves e Manuel António, para o voo em que se estabeleceu a primeira ligação aérea Lisboa-Lourenço Marques. A foto mostra o momento em que o aparelho se preparava para descer na capital de Moçambique, vindo-se a bandeira portuguesa desfaldada por um dos tripulantes

Estão a ser estudadas novas remodelações ao plano da Lotaria Nacional

Andam muito acirrados os animos de alguns, a respeito do jogo da lotaria que, de Janeiro a fins de Julho ultimo, rendeu, afinal, mais quatro mil contos à Misericórdia.

De certo, a sombra desta, têm-se feito grandes fortunas. O comércio da lotaria parece ter prosperado, desviando-a, assim, até certo ponto, da finalidade com que fora criada. Embora o lucro que entra na Misericórdia reverta, há mais de dezasseis anos, exclusivamente para os cofres da assistência — anteriormente, desviavam-se importantes percentagens para os seus funcionários — o certo é que parece averiguado que boa parte dos proventos da lotaria fica do lado de fora.

Daí, frequentemente, ou periodicamente, se tentam um ajustamento de interesses que, sem prejudicar os que no comércio vivem da lotaria, dê à Misericórdia um justo rendimento. Assim, também, este estabelecimento de assistência anunciou, no limiar do 2.º semestre, que ia ser experimentado um novo plano, com «mais prémios e prémios mais valiosos». Algumas casas de lotaria vinham insistentemente pedindo maiores remessas de jogo, a província — incluindo a do Ultramar — queixava-se de que o mesmo escasseava. E, assim, se aumentaram as emissões. Maior numero de bilhetes correspondia a uma mais equitativa distribuição pelas diversas categorias de vendedores, o que, portanto, se traduzia em maior facilidade de aquisição para o publico. Recordar-se, a propósito, que o lucro da lotaria não reverte, apenas, a favor da assistência em Lisboa mas, justamente, porque todo o País a alimenta, como seu cliente, duas terças partes reverterem para os cofres do Ministério das Finanças — e por que não, futuramente, do Ministério da Assistência? — com expressa consignação a dotações dos serviços assistenciais em todo o território português.

A reforma do plano, porque de facto não interessasse ao publico — passou-se dos 80 mil bilhetes, com 26.772 prémios, para 93 mil bilhetes com 31.174 prémios — ou porque não servia interesses comerciais, mereceu uma certa má vontade mais ou menos espontânea que está a ser agora estudada pelas entidades competentes. Com o melhor espírito de compreensão dos interesses estranhos aos seus cofres, a Misericórdia procura, com os cambistas, uma solução que não afecte os seus próprios interesses. Dentro desse mesmo espírito de compreensão, os cambistas propuseram, como caminho capaz de assegurar a po-

sição de ambas as partes, sem esquecer a do publico, que se passasse a respeitar o preço facial. Admite-se que a Misericórdia não só aceitará essa sugestão, como ainda estará disposta a diminuir a emissão. Como começo de um entendimento e enquanto não se encontram outras soluções, a Misericórdia aceitou já certas quantidades de devoluções de jogo, pois, em Lisboa, onde se dizia que faltava, verifica-se agora que sobra.

Entretanto, o provedor da Misericórdia, sr. dr. Melo e Castro, que já estudou em Espanha o plano de lotaria nacional, deslocou-se a França, Bélgica e Itália com igual intuito, devendo regressar no fim da próxima semana, para tomar resoluções definitivas.



Há três anos, na ilha Ischia, «miss» Amélia Mary Eden, de 25 anos, filha de «sir» Timothy e «lady» Eden, encontrou o maquinista fluvial Giovanni Barelli, de 27 anos, quando das suas férias naquela ilha italiana. Amanhã, domingo, passadas três épocas estivais, a sobrinha de «sir» Anthony Eden casará com o marinheiro italiano!



Exposição no Barreiro

Foi adiada para o dia 14 a inauguração da Exposição Industrial do Barreiro.

Em ALGES o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se na Agência Cultural, Avenida Combatentes da Grande Guerra.

Ruiu uma em de um prédio e ficaram duas famílias s

O desabamento de uma empena das traseiras de um prédio da Rua Triângulo Vermelho, n.º 28, pôs esta tarde, em alvoroço os moradores daquela artéria e ainda alguns vizinhos dos prédios da Rua Helio-

O ministro da Justiça inaugurou

uma exposição de trabalhos das reclusas e Tires

O professor José Antunes Varela, ministro da Justiça, decidiu ir esta tarde, acompanhado por sua esposa, à Cadeia Central de Mulheres de Tires, inaugurar uma exposição de trabalhos das reclusas.

Aquele membro do Governo foi recebido à entrada e acompanhado, durante a visita à exposição, pela directora da cadeia, irmã Maria Teresa de São José.

A exposição — que certamente vai ter um êxito pelo menos igual aos dos anos anteriores, nos quais foram vendidos todos os objectos expostos — consta de cerca de meia centena de carpetas e tapetes de Arraiolos, bordados e malhas.

O produto das vendas destina-se, não só aos encargos com a compra dos artigos necessários, mas ao pagamento dos salários às presas. Estas, em numero de cerca de quatrocentas, todas trabalham, cada uma naquilo que sabe fazer.

A exposição estará aberta ao publico, desde amanhã até ao dia 11 de Outubro, todos os dias uteis, das 14 às 18 horas, e aos sábados e aos domingos, das 10 às 12 e das 14 às 18 horas.

A integração racial no liceu de Little Rock parece impossível

WASHINGTON. 6.—O governador do Arkansas, Orval Faubus, declarou pela Rádio que existe este ano em Little Rock maior oposição à integração, do que havia em 1957. Faubus revelou que a calma é apenas aparente e se deve, em parte, ao receio de represálias do Governo Federal, que pode prender e julgar qualquer indivíduo que manifeste, mesmo indirectamente, oposição à integração racial.

Faubus voltou a afirmar que encerraria o Liceu Central de Little Rock se o Supremo Tribunal — que na próxima quinta-feira deve pronunciar-se sobre o assunto — ordenar a integração racial naquele estabelecimento durante o próximo ano lectivo, que começa no dia 15.

«Se é necessário utilizar tropas federais para fazer cumprir a lei da integração — disse Faubus — é porque ela não pode ser aplicada pacificamente. A minha presente atitude é a de expectativa». (A. N. I.).

Estudantes brasileiros que regressam ao seu país

No paquete «Vera Cruz», que partiu, hoje, para os portos do Brasil, regressaram os estudantes da Universidade da Bahia, que visitaram estabelecimentos universitários da Europa, entre os quais os de Portugal.

Entre os estudantes que regressam ao seu país, estão os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

... e os seguintes: ...

CONFIDENTE
LISBOA 3
ROSSIO 3
Tel: 21391-30257
RUA PASSOS MANUEL 14
PORTO 27011
Tel: 28721
PROPRIEDADES

ANGOLA Médico-Cirurgião
Precisa-se, com experiência de clínica e cirurgia geral. Prefere-se com o Curso de Medicina Tropical. Resposta com «curriculum vitae», idade e referências, a este jornal ao N.º 585.

JOQUEI CAMPEÃO
RUA NOVA DO ALMADA
PARA LIQUIDAÇÃO FINAL DOS
AINDA MAIORES DESCONTOS
SOBRE OS PREÇOS MARCA
NAS COMPRAS ATÉ 100\$00
NAS COMPRAS ATÉ 500\$00
DE 500\$00 PARA CIMA
AS NOSSAS OBRAS TERMINAM

empena dio em litígio lias sen cisa

doro Salgado, que foram igualmente surpreendidos com o fragor da queda de parte daquele prédio.

O caso apresenta-se bastante complicado, devido a uma acção posta nos tribunais pelos inquilinos, contra a companhia de seguros, proprietária do prédio sinistrado e ainda, devido ao malogro das negociações encetadas, em que surgiu, de permeio, o sr. José Alves de Amorim, proprietário de um prédio em construção na Rua Heliodoro Salgado, ao mesmo tempo que pretende ampliar as antigas instalações da garagem de Luão, que lhe pertence.

Entretanto, por informações colhidas no local junto dos inquilinos Maria Rosa Rodrigues Tomás, do rés-do-chão, e José Nabor Cardoso, do 1.º andar, sabemos que não chegaram a acordo com o senhorio, apesar de a Camara Municipal de Lisboa já lhes ter dado ordem de despejo, cujo prazo terminou no passado dia 10 de Agosto. A habitação das casas das traseiras, fora interdita, por apresentar algumas fendas mas os inquilinos argumentaram que não abandonariam os seus lares, por não terem possibilidade de arrendar casas noutras condições, pedindo, então, a intervenção do comandante dos Sapadores Bombeiros que ordenou a interdição das obras em 10 metros nas traseiras do prédio, no que os técnicos da Camara concordaram.

O que é certo, é que hoje, se verificou o que há muito se esperava, a queda total da referida empena. Não houve desastres pessoais e os prejuízos não são muitos, devido às providências tomadas a tempo.

Acrescentaremos, que o técnico responsável da obra, é o agente-técnico de engenharia sr. A. G. Martins Vasco e o construtor civil, o sr. Horácio S. Costa.

Segundo a opinião dos inquilinos, o desabamento deu-se, porque foi retirada muita terra — cerca de três camionetas — da zona considerada interdita.

Os Bombeiros que compareceram mandaram escorar parte de um muro-suporte e o comando vai agora solicitar a presença dos técnicos camarários.

O que é certo, é que duas famílias numerosas, ficaram sem os seus lares.

Choque de veículos após uma ultrapassagem

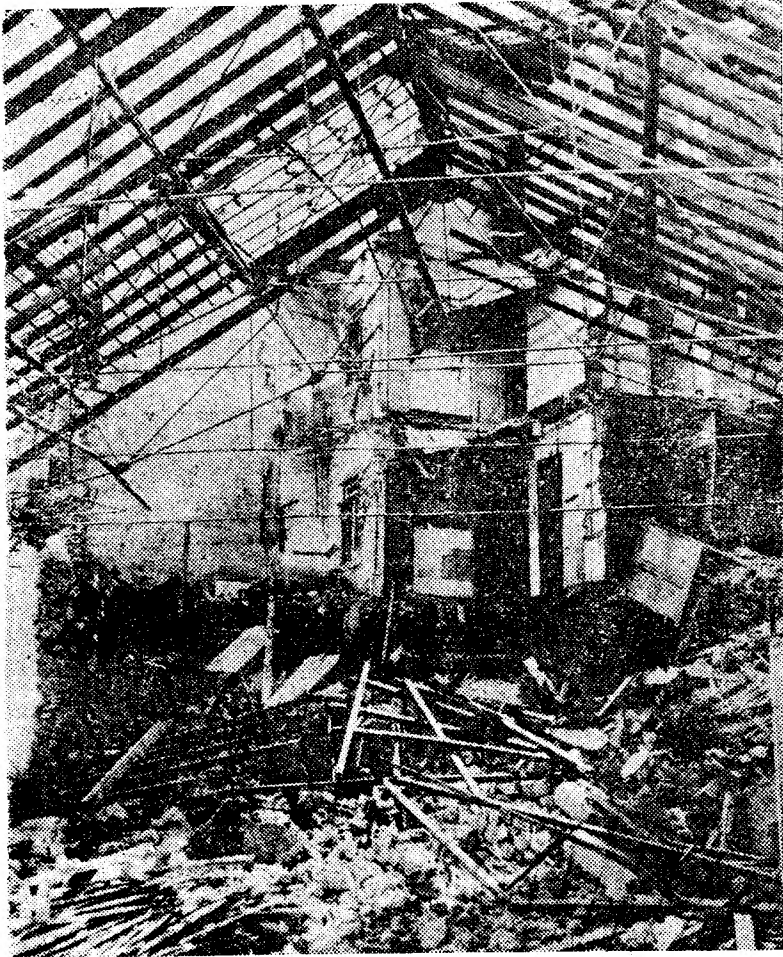
AVEIRO, 6 — (Pelo telefone) — No local designado por Cinco Caminhos, a saída desta cidade, deu-se esta manhã um acidente de viação.

Em direcção a Guimarães seguia um automóvel conduzido pelo estudante de Medicina, Fernando Gabriel Teixeira de Faria, que seguia acompanhado de seu pai, sr. dr. Gabriel Teixeira de Faria. Após ultrapassar uma camioneta e para evitar atropelar um ciclista, o automóvel foi chocar com um «jeep», que vinha em sentido contrário, conduzido por António Dias.

O facto da estrada se encontrava molhada deve ter concorrido, em parte, para o choque, de que resultaram ficar feridos os dois ocupantes do automóvel e o condutor do «jeep». Os feridos vieram para o hospital local, onde os dois primeiros ficaram internados e o segundo recebeu tratamento de ligeiras escoriações. O estudante Fernando Gabriel sofreu fratura da rótula e do fémur da perna esquerda.

EVORA, 6. — (Pelo telefone). — Na sua reunião de anteontem á noite, a Camara Municipal de Evora, ao abrigo dos artigos 161.º e 165.º do decreto-lei n.º 39.382, resolveu, por unanimidade, embargar a continuação dos trabalhos de construção de um prédio no Largo de S. Vicente, e que, a concluir-se, viriam a entaipar grande parte da fachada da igreja de S. Vicente, onde outrora se comemorava a Vitória do Salado e eram venerados os Santos Mártires de Evora: Sabina, Cristeta e Vicente. A opinião publica eborense recebeu a notícia com visível satisfação.

Brilhantes Grandes
BOM EMPREGO DE CAPITAL
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telefone 24534



Estado em que ficou o prédio cuja empena ruiu hoje

A história complicada do gatuno que durante um mês foi o terror dos motoristas de táxi

A história do burlão que, durante cerca de 30 dias, foi o terror dos motoristas de praça e que fez do Hospital de S. José o seu «quartel-general», graças às suas fugas, é um pouco mais complicada do que a princípio se supôs, segundo o que a Polícia Judiciária acaba de averiguar.

O protagonista da história é José de Almeida, que se encontrava em liberdade condicional e que, além de aterrorizar os motoristas de praça, se dedicou, ainda, a muitas outras proezas, nomeadamente, relacionadas com furtos de carteiras, em circunstâncias de certo modo sensacionais, chegando a intitular-se comerciante, muito interessado no trespasse de um estabelecimento de mercearia situado na Avenida de S. João de Deus, n.º 37-A.

Um anúncio de jornal chamou a sua atenção, não para o negócio, porque não possuía capital, mas para espreitar a oportunidade de subtrair, o que quer que fosse ou até, para realizar mais tarde uma proeza mais vasta...

Mas, o que não deixa de ser verdade, é que se insinuou de tal maneira, no espírito do merceeiro que, ao cabo de ligeira conversa e pequena distração, ficou sem a carteira, e com tal «arte» que o roubado fez mau juízo do «homem de negócios», até á altura em que foi surpreendido pela visita de um moço.

Foi embargada em Evora uma obra que taparia a igreja de S. Vicente

EVORA, 6. — (Pelo telefone). — Na sua reunião de anteontem á noite, a Camara Municipal de Evora, ao abrigo dos artigos 161.º e 165.º do decreto-lei n.º 39.382, resolveu, por unanimidade, embargar a continuação dos trabalhos de construção de um prédio no Largo de S. Vicente, e que, a concluir-se, viriam a entaipar grande parte da fachada da igreja de S. Vicente, onde outrora se comemorava a Vitória do Salado e eram venerados os Santos Mártires de Evora: Sabina, Cristeta e Vicente. A opinião publica eborense recebeu a notícia com visível satisfação.

Brilhantes Grandes
BOM EMPREGO DE CAPITAL
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telefone 24534

go de fretes, que lhe entregou uma pequena encomenda.

Era a amável devolução da carteira roubada, a que faltava, apenas, a quantia de 2.000\$00. Nessa altura e com a ajuda das informações prestadas pelo moço de fretes, não lhe foi difícil concluir que o carteirista e o homem de negócios eram a mesma pessoa.

A P. J., através da 5.ª secção que é dirigida pelo sr. dr. Fernando de Sousa, a quem a queixa foi distribuída, encetou as necessárias diligências para esclarecer toda a actividade do preso. O «rato» caiu, assim na ratoeira, quando menos o esperava. As idas ao Hospital de S. José, acabaram por lhe ser fadigas, apesar de ter fornecido falsa identidade, ao comerciante.

O Tribunal Criminal da Boa-Hora para onde o processo foi removido, pela P. J. decidirá após as férias judiciais o seu destino.

A União Sul Africana

acusada de racista
pela comissão da O. N. U.

NAÇÕES UNIDAS, 6. — A comissão encarregada pela Assembleia Geral da O. N. U. de estudar a situação política e social no Sudoeste Africano, terminou os seus trabalhos, aprovando o relatório que acusa a União Sul-Africana de praticar naquele território uma política sistematicamente racial.

Diz o relatório que o poder e as riquezas estão, devido a uma série de medidas administrativas, nas mãos dos Brancos, enquanto que a maioria da população, que não é branca, se acha confinada em «reservas» de onde apenas sai na medida em que os Brancos precisam de mão-de-obra. — (F. P.).

Sardinha em abundância na costa holandesa

IJMUIDEN (Holanda), 6. — Pescadores holandeses comunicaram que tinham feito uma pesca excepcional de sardinha a quatro quilómetros da costa. As redes de nylon ficaram repletas, por várias vezes, chegando a haver recheio de que se rompessem sob o peso da pesca. A «milagrosa» pesca foi vendida às fábricas pelo preço «record» de 120 florins a tonelada. — (A. N. I.).

Em Chaves o «Diário de Lisboa» vende-se na Casa Plástica, Rua Direita, 71.

Os soviéticos e os árabes — (6)

Quando Estaline morreu, em Março de 1953, a nova orientação da política soviética em relação aos Árabes estava definida com suficiente clareza para não haver dúvidas sobre o seu prosseguimento e as consequências que, para as nações ocidentais, dela resultariam. Apesar disso, entre Londres e Washington não foi concertada qualquer acção comum para ir ao encontro dessa tendência nova e ameaçadora para os interesses ocidentais naquela região. A rivalidade entre Ingleses e Americanos continuou a manifestar-se, com o consequente desprestígio da influência do Ocidente. Os herdeiros e sucessores do ditador morto não tardaram a revelar a intenção de intensificarem a propaganda junto dos Árabes, não da filosofia comunista mas da grandeza das realizações soviéticas, as quais haviam, entretanto, elevado o seu país ao nível das maiores potências.

Em 1953, inesperadamente, a notícia de que a U. R. S. S. resolvera romper as relações diplomáticas com Israel foi o sinal precursor da rapidez com que a nova política soviética no Médio Oriente seria levada por diante. Jogar a fundo a carta do nacionalismo árabe, numa altura em que a força explosiva deste tomara proporções inquietantes, foi a palavra de ordem dada à diplomacia daquele país, a qual nas capitais do Médio Oriente, e de maneira especial no Cairo, passou a executá-la com habilidade reveladora.

Os testemunhos de gratidão e simpatia prestados pelas massas árabes e os dirigentes do movimento nacionalista que as galvanizara a União Soviética foram de tal eloquência que só a cegueira voluntária da secretaria de Estado ignorou o seu profundo significado. Apesar disso foi necessário esperar ainda dois anos para que a venda do primeiro carregamento de armas de procedência checoslovaca ao

Em Cascais prosseguiram as regatas

da Semana da Vela

Prosseguiram hoje, em Cascais, as regatas da Semana da Vela.

O interesse da jornada residia, principalmente, na ultima regata do Campeonato europeu de «stars», marcada, nos dias anteriores, para as 13 horas.

Antes, porém, disputaram-se regatas de «moth» e «finn», também a contar para o Campeonato da Europa.

Em «moth», os Franceses estiveram de novo em evidência. A classificação desta regata foi a seguinte: 1.º, Serge Verneuil; 2.º, Jean Claude Jammes; 3.º, B. Gignou, todos Franceses; 4.º, Vitor Caires; 5.º, Francis Jammes, francês; 6.º, Lucien Frison, argelino; e 7.º, José Nunes.

Na regata de «finn» verificou-se a seguinte classificação: 1.º, Itália; 2.º, Suíça; 3.º, Austria; 4.º, Finlândia; 5.º, Holanda; 6.º, Alemanha Oriental; 7.º, Suécia; 8.º, Dinamarca; 9.º, França; 10.º, Portugal; e 11.º, Inglaterra. A Alemanha Oriental foi desclassificada.

Após esta regata, a Itália comandou a classificação geral, com 5.607 pontos, seguida da Holanda, com 3.908, e da Alemanha Oriental, com 3.528. Portugal está em 11.º lugar, com 1.310 pontos.

Para assistir á regata de «stars», deslocou-se a Cascais o sr. dr. Azeredo Perdigão, director da Fundação Gulbenkian, que financiou a construção de 15 barcos da classe de «finn». Acompanhado pelo comandante Henrique Tenreiro, o dr. Azeredo Perdigão foi recebido, no Clube Naval de Cascais, pelo presidente do Município local.

Os barcos da classe «Moths» disputaram mais uma regata, a terceira, para o Campeonato da Europa, que foi ganha, novamente, pelo francês Serge Verneuil, seguido de Claude James; em terceiro lugar classificou-se o português José Nunes.

Egipto rasgasse o véu das ilusões que encobria o duelo anglo-americano no Médio Oriente. Esse episódio marcou a viragem decisiva que ali ficou assinalada como um dos acontecimentos relevantes do pós-guerra.

Chepilov, um jornalista até então desconhecido apesar das suas funções de direcção no «Pravda», foi escolhido para executar as directivas pró-árabes da política soviética, depois da morte de Estaline, e a sua visita ao Cairo em 1955 deixou um rasto firme naquela região e nas relações entre os povos árabes e os soviéticos e entre os primeiros e os povos ocidentais que durante quatro décadas a dominaram sem oposição ou limitação.

Walter Lippmann escreveu então um artigo profético no qual dizia que na sala de jantar do Médio Oriente, até então exclusivamente ocupada pelos Ocidentais, entrara um elefante. Podiam os interessados ignorar essa presença incómoda e mesmo negá-la, como fizeram. Nem por isso as consequências dela deixariam de se fazer sentir. Em Moscovo desejavam nessa altura estabelecer um «condomínio russo-americano, baseado numa partilha em esferas de influência, da qual os Europeus — Grã-Bretanha e França — seriam excluídos. Alguns indícios nesse sentido se manifestaram que a discórdia a que obrigava a necessidade de ter em conta as susceptibilidades dos Árabes não iludiu completamente.

Em Washington essas aberturas não tiveram resposta e o Médio Oriente foi abrangido pelas vicissitudes e alternâncias da guerra fria na nova fase que se seguiu á conferência de Genebra de Julho de 1955. Em três anos, entre a venda das primeiras armas checoslovacas ao Egipto e a aprovação da moção dos Árabes na ultima assembleia geral da O. N. U., a diplomacia soviética realizou os objectivos que justificaram a sua orientação pró-árabe. O Médio Oriente transformou-se numa zona estratégica e politicamente neutralizada da qual foram eliminadas as bases americanas e com elas a influência ocidental.

Esta, de futuro, terá de assentar em noções diferentes daquelas que caracterizaram a era da diplomacia da canhoneira. A revisão das condições actuais da exploração e transito do petróleo é um dos actos que se seguirão á transformação revolucionária que ali se operou. Jazigos de carburantes, condutas e vias marítimas, entre as quais o canal de Suez, estão nas mãos dos nacionalistas árabes que reconstituíram a Liga criada por «sir» Anthony Eden. Estes encontram-se em condições de ditar a lei aos Ocidentais obedecendo apenas ás limitações que resultam de não haver para o petróleo do Médio Oriente outros clientes.

A sua liberdade de movimentos é completa e contam com o apoio da diplomacia soviética para as habituais complicações que as negociações a entabular para esse fim podem acarretar. Nelas os representantes das nações europeias terão de agir com grande tacto e firmeza para não serem irremediavelmente postos á discrição dos seus interlocutores. Depois da comunicação da China, prótoto da perda do Extremo Oriente para a influência ocidental, o desastre que se registou no Médio Oriente foi o acontecimento de maior relevo e mais lamentáveis consequências que se registou na vida internacional depois da ultima guerra, em 1945.

Pretendem vender ouro, pratas, ou joias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

R. da Prata, 257

OFERTA COLOSSAL!

FAÇA
COMO
EU...

USE **Tide**
POUPE
40,50!

**UM GIGANTE
ALGUIDAR
PLÁSTICO**

CAPACIDADE 14 LITROS

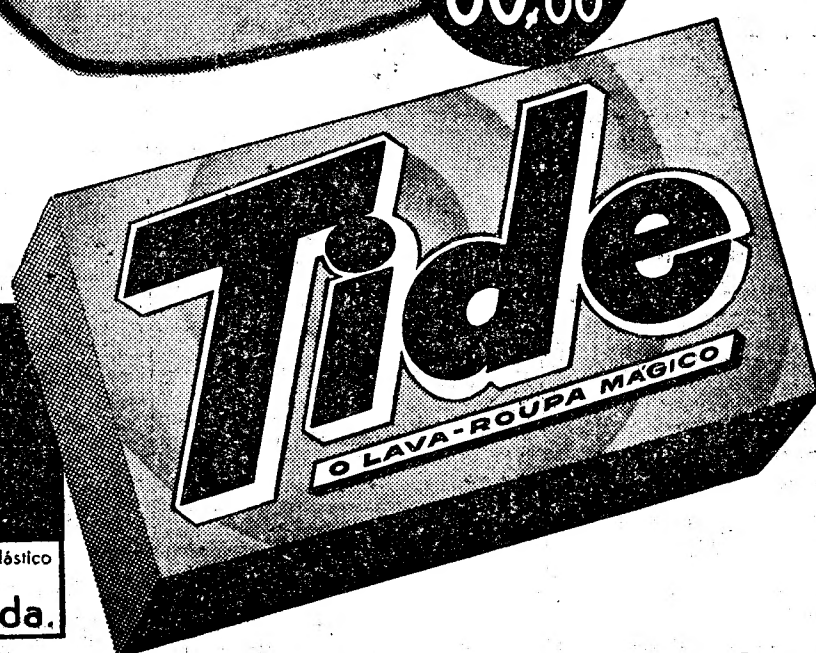
Comece hoje mesmo a juntar as suas tampas TIDE para beneficiar desta maravilhosa oferta.

Este alguidar pode ser seu somente por 19\$50 e 3 tampas de caixas grandes ou 19\$50 e 6 tampas de caixas médias.

USE TIDE...



Uma fotografia do magnífico Alguidar Plástico fabricado por Nobre & Silva, Lda.



A MESMA ALTA QUALIDADE - PREÇO MAIS BAIXO

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)
rir a capacidade de diferenciação. Exemplo: Uma célula epitelial é susceptível de originar uma célula sarcomatosa. Esta metaplasia é sinónimo da mais alta malignidade. A célula cancerosa é também a sede de importantes perturbações metabólicas e enzimáticas.

O ferro nuclear, o sódio e a relação potássio cálcio encontram-se aumentados. Certos investigadores pretendem até estabelecer um paralelismo entre a relação potássio cálcio e o grau de malignidade. Porém, verificou-se mais tarde, que os regimes pobres em potássio e ricos em cálcio não tiveram influência nítida ou marcada no crescimento neoplásico.

As perturbações essenciais incidem sobre o metabolismo dos glúcidos e dos prótidos e, ainda, sobre as conhecidas funções enzimáticas.

A célula cancerosa multiplica-se de uma maneira desordenada, dando origem ao aparecimento, no respectivo órgão ou tecido, de um núcleo canceroso primitivo. Muitas vezes, logo de início, verifica-se a existência de vários núcleos neoplásicos. Este centro neoplásico perturba a vida do órgão de maneiras diferentes, a saber: por expansão, infiltração nos espaços de menor resistência e ainda por sementeira quase imediata no seio do tecido original.

Os tecidos à volta do núcleo canceroso, sofrendo importantes modificações, têm manifesta tendência a necrosar-se. O centro neoplásico dispara, por processos conhecidos, metástases. As células malignas propagam-se por diferentes vias: espaços tissulares, vias linfáticas ou sanguíneas, órgãos glandulares e cavidades serosas.

A invasão dos espaços tissulares e das vias linfáticas é, mais ou menos, precoce. As metástases linfáticas aparecem rapidamente e são reveladoras de um tumor primitivo ignorado. Noutros casos — e poderíamos citar muitos exemplos — as metástases são tardias. A neoplasia

pode assim ter, durante muitos anos, uma actividade puramente local, surda e traiçoeira. Evolução e actividade local, metastásica, explosiva, caracterizam a evolução do tecido canceroso.

Oncologistas responsáveis, têm procurado demonstrar que o tumor maligno representa e traduz a manifestação local de uma doença geral. Outros confirmam que a doença cancerosa conquista o organismo através das células neoplásicas, que podem, em seguida, ser encontradas nos capilares do baço, nos brônquios e nos pulmões e ainda na medula esternal. Esta carcinose latente não é sempre acompanhada de sinais clínicos evidentes.

Os cânceros experimentais, obtidos por enxertos, diferem do cancro original. Desenvolvem-se rapidamente e não disparam metástases. Assemelham-se a um cancro local. Estudos recentes, realizados com o auxílio do microscópio electrónico, desmentem a afirmação anterior, isto é, verifica-se a existência de uma carcinose latente, que, após a extirpação da neoplasia enxertada, se torna evolutiva.

O tumor canceroso pode ser originado pelos agentes físicos. O ocasionado pelos Raios X, é, geralmente, um cancro da pele (epitelioma epidermóide espino-celular). É sempre precedido por uma radiodermite crónica e leva muitas vezes quinze a vinte e cinco anos a aparecer. Mas os Raios X podem determinar, além destes, sarcomas, cânceros do ovário e leucemias. Não são as altas doses as mais nocivas. Doses mínimas e repetidas provocam a cancrização. Este facto foi ultimamente verificado entre os empregados das sapatarias norte-americanas que manipulam, sem protecção, pequenos aparelhos de Raios X.

As substâncias radioactivas são cancerígenas. Os raios solares, não produzem só eritemas, queimaduras mais ou menos graves, hiperpigmentação, verrugas e papilomas, podendo provocar igualmente o aparecimento de cânceros da pele.

Muitas substâncias químicas são também cancerígenas. Desde que Yamagiwa e Itchikawa, em 1916, confirmaram a acção nociva do alcatrão, que o problema tem sido pacientemente estudado. Verificou-se, mais tarde, que o cromo, os cromatos, os produtos da hulha e do petróleo, os derivados das anilinas e quase todos os corantes possuem idêntica acção.

Os parasitas (por exemplo: o «Cysticercus Fasciolaris») e os vírus podem, na opinião da maioria dos autores, encontrar-se na raiz obscura de muitos cânceros.

Os traumatismos repetidos, as queimaduras eléctricas (epiteliomas implantados em cicatrizes antigas), as irritações crónicas, os raios actínicos, os apertos traumáticos ou congénitos (cancro do esófago) e, o tabaco (cancro dos lábios, dos pulmões e dos brônquios), são causas frequentes desta enfermidade.

Os regimes alimentares têm uma grande importância na génese da doença. A carência de riboflavina-metionina-colina, inibindo a síntese dos lípidos e dos fosfolípidos, pode levar os tecidos à necrose e à malignidade. Os mesmos factores explicam a cirrose hepática. A carência de prótidos e amino-ácidos ou de vestígios de cobre, manganés, cobalto e molibdénio, justificam a frequência do cancro na Índia e em toda a África negra.

O emprego de matérias corantes, na indústria alimentar e nas bebidas modernas, tem-se mostrado nocivo, pois prejudica altamente a saúde do indivíduo.

As hormonas, tão usadas na terapêutica do cancro, são facas de dois gumes, pois podem ser as responsáveis da cancrização.

É impressionante o paralelismo existente entre o uso e abuso do cigarro e a frequência do cancro broncopulmonar. As experiências realizadas nos Estados Unidos e publicadas pelo «U. S. Public Health Service», demonstraram que em 605 homens, vítimas do cancro do

pulmão, 13 % não fumava e que 86,5 % pertenciam à classe dos fumadores desesperados.

Rolfo, numa estatística de 83 mil cancerosos, apurou que 90 % dos tumores do lábio, da língua, da faringe e dos pulmões se verificava entre os doentes fumadores. Parece que são os subprodutos da combustão do tabaco e do papel, associados, que provocam o aparecimento do cancro.

Estudos recentes sobre a poluição da atmosfera e o «smog» demonstraram que o número de neoplásicos é maior, nas grandes cidades industriais e de intenso tráfico, do que no campo.

A contagiosidade e a hereditariedade continuam na ordem do dia. Os dados estatísticos são contraditórios. Certos tumores, tais como os fibromas, a polipose intestinal e a doença de Recklinghausen são hereditários. Admite-se, porém, que o cancro não o é.

O método histopatológico constitui a única prova que permite o diagnóstico de certeza da neoplasia.

A biopsia, o citodiagnóstico e os testes biológicos ajudam a estabelecer e a afirmar o diagnóstico precoce.

Os radioisótopos permitem a detecção dos tumores malignos. É conhecido que os tecidos, em via de crescimento, têm uma afinidade especial para determinados radioisótopos. Os tumores cerebrais, por exemplo, podem ser diagnosticados com o auxílio do P 32, do Iodo 131 e do Arsénio 74 e 76. O Gálio radioactivo facilita o diagnóstico dos tumores ósseos.

E meios de tratamento? A cirurgia, os agentes físicos e os medicamentos (hormonoterapia e quimioterapia) continuam a ser os únicos processos seguros de tratamento das neoplasias. A cirurgia, mercê dos novos anestésicos e da quase eliminação do choque operatorio, progrediu muito nos últimos anos.

A roentgenterapia, a telecobaltoterapia, o betatron (electrões atingindo velocidades vizinhas da luz), a radioterapia de contacto (P 32), radioterapia intersticial (Cobalto 60 e suspensões de isótopos coloidais) e ainda a radioterapia metabólica, constituem os mais modernos meios de tratamento.

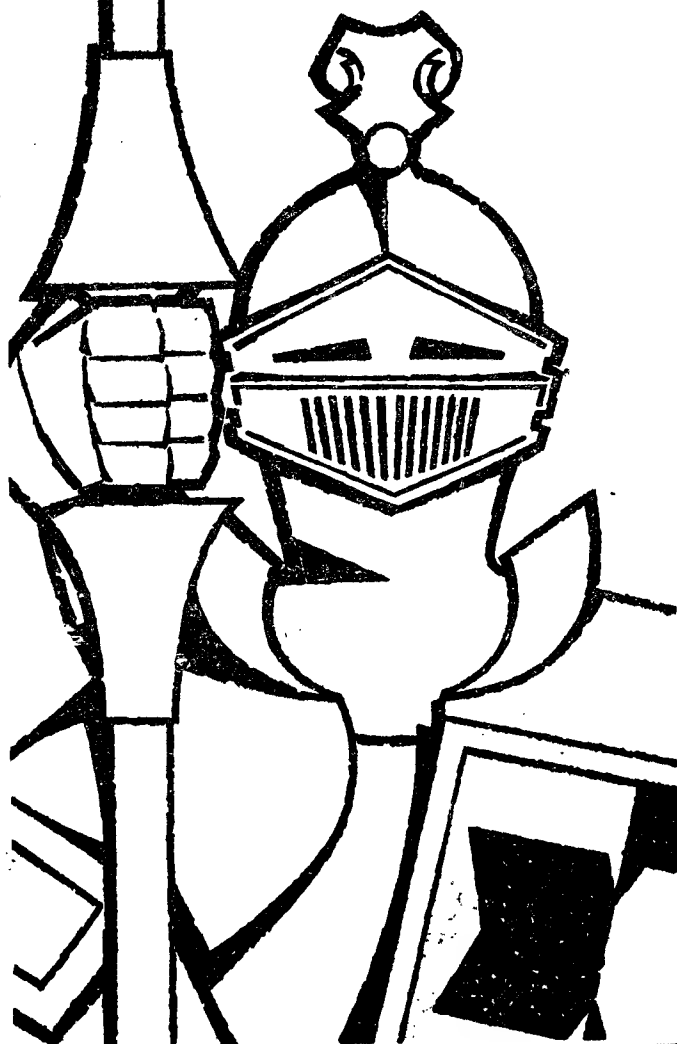
A. d'E.

protecção absoluta !

O motor do seu carro merece e precisa de protecção completa contra o ataque dos ácidos resultantes dos processos de combustão. Shell X-100 Motor Oil, não só lhe resolve este problema, como também, devido às suas propriedades de detergência e estabilidade, mantém os motores limpos e retarda a oxidação. Shell X-100 Motor Oil — Normal e Multigrade — representa para o motor do seu carro maior duração e maior rendimento. Usando os óleos Shell X-100 Multigrade — 10W/30 ou 20W/40 — terá ainda as seguintes vantagens adicionais: economia de gasolina, maior duração da bateria, menor desgaste do motor e maior facilidade de arranque a frio.



mantém potência máxima



BRUXELAS VIA SHELL



SE O SEU MOTOR AQUECE
USE SEMPRE
REDEX
NA GASOLINA

DIRIJA-SE AO SEU GARAGISTA OU A AGENCIA GERAL
ROMA, LDA.

R. do Salitre, 84-5 - Dt. - T. 46541
LISBOA

Domingo, 7 de Setembro 1958
EXCURSÃO DA C. P.

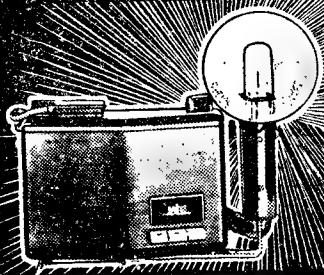
A

S. MARTINHO DO PORTO
3.ª classe — Esc. 55\$00

HORARIO

Lisboa (Rossio)	...	p. 7.35
S. Martinho do Porto	...	c. 10.28
S. Martinho do Porto	...	p. 17.50
Lisboa (Rossio)	...	c. 20.50

BRAUN
Hobby
Automatic



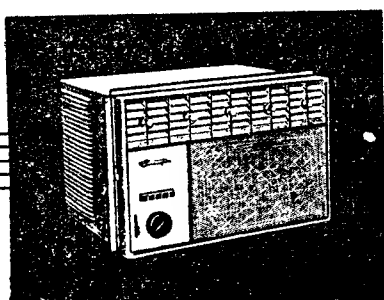
O "FLASH" ELECTRÓNICO
DE MAIOR VENDA
EM TODO O MUNDO !

- Formidável potência luminosa: 135 joules.
- Mais de 100 disparos por carga.
- Relâmpago: 1/1000 de segundo.
- 2 ângulos de iluminação.
- 5.600 graus Kelvin temperatura de cor.
- Construção em Poliamido absolutamente inquebrável e isolante.

A SOLUÇÃO IDEAL DE ILUMINAÇÃO
PARA OS AMADORES E
PROFISSIONAIS EXIGENTES

A venda nas boas casas
da especialidade

Representante **M. SIMÕES JR**
Rua da Conceição, 46-1.º
Telef 31545/6/7 / LISBOA



Condicionadores de ar Remington, monoblocos de fácil colocação, em janelas ou paredes.

O «Incremental System» da Remington tornará útil também no Verão, o seu actual sistema de aquecimento central.

A Remington possui aparelhos móveis permitindo a fácil deslocação para qualquer sala a utilizar de momento.

Centrais de condicionamento de ar para instalações hospitalares.

Centrais de grande potência para lugares públicos.

Os Remington têm garantia, e mais de 50.000 horas de vida útil.



Remington
AIR CONDITIONING

SOCIEDADE COMERCIAL MATTOS TAVARES, LDA.
RUA DOS SAPATEIROS, 39 - TEL. PPCA 31101/4 - LISBOA

MÁQUINAS DE SOMAR

ULTRA

Encontrando-se em Lisboa um técnico da fábrica, convidam-se todos os proprietários destas máquinas a fazê-las inspecionar nas Oficinas dos actuais representantes exclusivos em Portugal.

ROREMA LDA.
SOÇ. REVENDEDORA DE MÁQUINAS
R. dos Correeiros, 92, 1.º — Telef. 367759



Lotte LAURO

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL
PAQUETE ITALIANO

«SURRIENTO»

para LA GUAIRA e BARBADOS
via FUNCHAL e TENERIFE

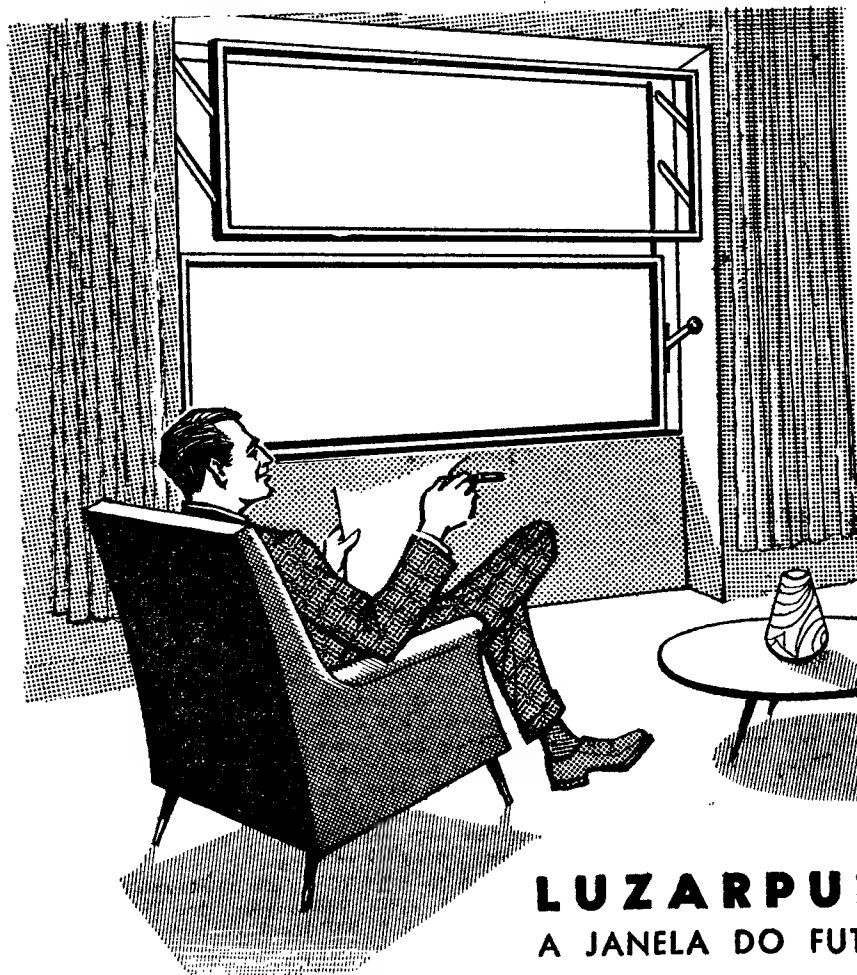
em 1 de Outubro
recebendo passageiros em 1.ª Classe e Turística

CARGA GERAL
OS AGENTES GERAIS

J. VASCONCELOS, LDA.

Praça Duque da Terceira, 24 — Telef.: 31924/5/6/7 — LISBOA
Rua Infante D. Henrique, 73 — Telef.: 23568 — PORTO

Já leu o «SEMPRE FIXE»? Então leia!



LUZARPURO
A JANELA DO FUTURO

Decorativas e modernas, estas JANELAS (patentes n.º 26.675 e n.º 34.081) em alumínio anodizado — «eloxal» — e colorido, graças ao seu novo sistema de funcionamento, permitem, além de uma boa luminosidade e arejamento perfeito, uma limpeza prática e segura.

A anodização e coloração do alumínio foi estudada para este fim, de modo a satisfazer a todos os requisitos exigidos pela moderna técnica da especialidade.

A experiência de muitos anos ao serviço de uma nova indústria, que acaba por se impor, dando deste modo o seu contributo para uma maior valorização industrial do País, do que muito se orgulha.



SOC. DE CONSTRUÇÕES E REP. LUZARPURO, L.ª
RUA GUALDIM PAIS, N.º 88-A — TELEF. 84 25 87-83 17 75 — LISBOA



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«IMPÉRIO»

8 de Setembro

«GANDA»

16 de Setembro

Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique.

Com escala por Leixões, para: Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Moçamedes.

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

«VERA CRUZ»

2 de Outubro
(às 12 horas)

Com escala por Funchal, para: S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»

em 8 Setembro
7 de Outubro
(às 16 horas)

Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Porto Everglades (Miami).

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63—T. 30131/8—PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9—T. 23342

ESCOLA DE ADULTOS

3.ª e 4.ª Classes — Telef. 862244
Exames rápidos c/ dipl. garantidos
Largo Chão do Loureiro, 1, 2.º
GUARDE

PRAIAS DE MARAVILHA

Se se decidir a viajar, o caminho de ferro e os respectivos serviços combinados de camionagem facultar-lhe-ão uma cómoda e módica deslocação.

ANTES E DEPOIS
DO BANHO DE SOL

use **APYROL**

O produto preferido desde 1933

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

Ninguém toma banho sem se ensaboar...

Foi encontrada uma mulher morta! Crime ou acidente? — interrogava-se o comissário da Polícia, que atirou o

barro á parede:

— Conseguiu você esclarecer o misterioso caso Wyatt?

— Pode ser que se trate de um acidente — disse o inspector Jorgensen —. Mas temos de ir observar a coisa e com olhos de ver. A Polícia nunca deve acreditar seja no que for sem ter analisado tudo para tirar as suas próprias conclusões.

— Já tens alguma suspeita? — perguntou, muito admirado.

— Não!, verdadeiramente não tenho! Vamos a ver, contudo, o que sai daqui. Primeiro vou investigar e depois, para ficar bem convencido de que não se trata de um crime, preciso de provas.

— Homem: tu és o tipo mais exagerado quanto a suspeitas que eu conheço! — respondeu-lhe, com uma gargalhada.

— E do officio! — retorquiu Jorgensen, satisfeito. — Que queres? Não posso deixar de ter pena das pessoas que são assassinadas e sinto uma satisfação imensa quando consigo levar os criminosos ao castigo. Sou assim...

Estávamos á entrada de um prédio muito alto, aguardando o elevador. Ali, no quinto andar, morava uma mulher — ao sair do banho. Batera com a cabeça, desastrosamente, na beira de um lavatório de pedra e secumbira em consequência da pancada. O marido chamara primeiro o médico e, depois, avisara a Polícia. Jorgensen telefonara-me, combinando encontrarmos-nos na casa onde ocorrera a tragédia. Enquanto esperava por ele, tive oportunidade de falar com o porteiro e fiquei sabendo que a morta se chamava Eleanor Wyatt e, embora tivesse mais de quarenta anos, era ainda uma bela mulher. O marido, amanuense no Ministério da Marinha, andava pelos cinquenta e parecia que dispunha de alguns bens. O casal morava ali havia três anos. Eram pessoas sossegadas e pareciam viver felizes.

Subimos no elevador ao quinto andar, onde nos aguardava um polícia que nos conduziu aos aposentos dos Wyatt. Estavam ali mais dois funcionários da Polícia, o médico e o marido da senhora Eleanor. Jorgensen trocou algumas palavras com um dos funcionários, foi apresentado ao médico e cumprimentou o senhor Wyatt com um aceno de cabeça. Eu, como sempre sucede quando acompanho Jorgensen em qualquer investigação, deixei-me ficar quieto, até que ele me apresentou como seu amigo. Mas procurei não estorvar o trabalho dos outros e continuei um pouco afastado.

* * *

Wyatt, homem forte, de cabelos grisalhos, estava sentado numa poltrona, ao pé do médico, e parecia esmagado pela tragédia. Movia os olhos, azuis, nervosamente, de um lado para o outro e apertava as mãos com tanta força que as juntas dos dedos ficavam brancas. Reparei que as mãos dele eram finas e bem tratadas. A sua respiração era irregular. Estava ainda em pl-

jama sobre o qual envergava um roupão, e calçava uns velhos chinelos.

— Queira contar-me o que se passou, senhor Wyatt — pediu-lhe Jorgensen.

— Há pouco que contar — respondeu, quase num murmúrio —. Estávamos deitados, a ler, como era costume, antes de adormecermos. A certa altura, Eleanor disse-

cou para apanhar um lenço que está debaixo dela.

* * *

— Que te parece, Bill? — perguntou-me Jorgensen.

Sem lhe responder, entrei na casa de banho e observei tudo com muita atenção. A camisa de noite e o roupão de Eleanor Wyatt estavam pendurados atrás da porta e viam-

Texto integral
do conto de
PHILIP KETCHUM

que ia tomar banho. Era um hábito seu e dizia que assim dormia melhor.

— Eu é que lhe aconselhei o sistema — disse o médico dos Wyatt. — Um banho quente é melhor que um soporífero.

Wyatt fechou os olhos, assentiu com um gesto de cabeça e suspirou, prosseguindo:

— Eleanor foi, pois, para a casa de banho. Eu continuei a ler e ouvi que se metia na banheira, a cantarolar, satisfeita, como sempre. Dali a bocado, ela disse que ia sair da banheira e, logo em seguida, chegou-me o ruído da queda e um pequeno grito. Quando enteei na casa de banho, minha mulher estava estendida no chão, sem sentidos, escorrendo-lhe sangue da boca e do nariz. Chamei logo o médico, mas já era muito tarde.

Jorgensen ouviu tudo e não fez qualquer comentário. Perguntou apenas aos funcionários da Polícia se o corpo estava pronto para ir para a Morgue. Eles responderam afirmativamente e nós fomos examinar a casa de banho. O cadáver estava coberto com um lençol. Jorgensen levantou uma ponta para ver o rosto da morta. Depois, perguntou ao médico:

— Qual é a sua opinião?

— Trata-se de um acidente! — respondeu, o doutor —. Ainda se pode ver a água que está no chão onde a senhora Wyatt escorregou ao sair da banheira, batendo com a cabeça no lavatório. Deve ter o crânio fracturado, além de uma pequena equimose num braço, como se verificava. Talvez tivesse corrido para perder o equilíbrio a posição em que a senhora se colo-

se, a um canto, as suas chinelas. Meti uma das mãos na banheira e verifiquei que a água ainda estava morna.

— E então? — insistiu Jorgensen.

— Dá a impressão, de facto, de ter sido um acidente — respondi-lhe com timidez. — Casos destes repetem-se com terrível frequência.

Jorgensen estava ao pé de mim, perto da banheira. Murmurou qual-quer coisa que não pude compreender, mas pareceu-me que lhe bailava nos lábios um sorriso irónico.

— Anda comigo! — ordenou-me. Voltámos á sala de estar, onde Wyatt continuava na sua poltrona. Olhou para nós e tapou a cara com as mãos. Parecia que ia ter uma crise nervosa.

— Ora, o senhor Wyatt disse-nos que ouvira sua mulher a tomar banho. Isso que nos contou foi, realmente, a verdade? — disparou-lhe Jorgensen.

O homem pareceu dominar-se um pouco e respondeu:

— Pois, certamente, que lhe disse a verdade! Mas que significa essa pergunta?

— Apenas que você matou a sua mulher!... Considere-se preso, em nome da lei!

Como que impellido por uma mola, Wyatt ergueu-se de subito, mas cambaleou. Os olhos pareciam querer saltar-lhe das órbitas. Os dois funcionários da Polícia colocaram-se ao lado dele.

— Mas não foi nada disso o que se passou! — protestou ele —. Foi tudo tal como contei!

Jorgensen, olhando-o fixamente, disse-lhe:

— A sua mulher não tomou ne-

hum banho. É possível que você tenha metido o corpo dela na banheira — não duvido! —, mas garanto-lhe, torno a repetir-lhe, meu caro, que a sua mulher não tomou banho algum. Tudo isto foi cenário, menos mal imaginado, é certo, pois até se lembrou do testemunho do médico. Esqueceu-se, contudo, de um pormenor, que vem a ser: na água do banho não há o menor vestígio de sabão, e nunca acontece as pessoas meterem-se na água sem que, automaticamente, se comecem a ensaboar.

Todo o medo que lhe ia na alma se reflectia nos olhos de Wyatt. Transido, olhou em volta, como um animal que tivesse caído numa armadilha. Sacudiu a cabeça e, de repente, deixou-se cair na poltrona, tapando a cara com as mãos.

— Muito bem! — comentou o inspector —. Agora conte-nos como tudo se passou. Fala aqui ou prefere a confissão na esquadra?

O homem estremeceu. Quando ele destapou a cara, tive a impressão de que envelhecera alguns anos...

— Sim!, fui eu quem a matou!... — disse, tranquilamente —. Agora, vou dizer-lhe porquê...

Durante algum tempo fiquei a ouvir a narrativa daquela tragédia de um casamento destruído pelo cume de um homem que envelhecia ao lado de uma mulher que teimava em permanecer jovem, bonita e sedutora. Os pormenores não me interessavam, de modo que voltei á casa de banho. Lá estava, na banheira, a água límpida, sem o menor vestígio de sabão — tal como Jorgensen verificara. Confesso que eu também reparara nisso, mas sem ligar grande importância a esse pormenor. O médico aproximou-se e disse-me:

— Fomos uns autênticos idiotas. E, com um sorriso, em tom de chalassa, acrescentou:

— Agora, porém, já sei como se fazem as coisas, e se alguma vez quiser desfazer-me da minha cara-metade há-de ser num local fora da jurisdição do meu amigo Jorgensen. É muito inteligente!

— E! — concordei, rindo também —. Mas olhe que na Polícia há outros tão inteligentes como ele!

— O melhor, então, é eu deixar as coisas como estão e não fazer mal ao meu anjo do lar! Não havia sabão na água...

— Pois é! É sempre um pormenor insignificante que se esquece e leva um homem á cadeira eléctrica...

Jean Manzon

o realizador

do «Samba Fantástico»
vai fazer documentários
sobre Portugal

Quase toda a Europa conhece já o filme de Jean Manzon, «Samba Fantástico», quer através das 32 gravações da música de José Toledo, quer pelo facto de lhe terem sido atribuídos os prémios da música e da fotografia do Festival de Cannes de 1957.

Este documentário vai agora apresentar-se em Lisboa e, por isso, o seu realizador, Jean Manzon — um francês que vive no Brasil há 27 anos — veio até nós com o seu filme e uma mensagem cinematográfica especial do presidente Kubitschek para o publico português.

Esta noite, a Mundial Filmes, distribuidora em Portugal de «Samba Fantástico», promoveu um encontro dos representantes da Imprensa com Jean Manzon.

A si próprio se chamando «simples repórter fotográfico», fundou, há 7 anos o Jean Amzon Films, S. A. que hoje produz uma média de dois documentários por mês. Manzon, que foi um dos fundadores do «Paris-Match», onde ainda aparecem ás vezes as suas vivas reportagens, confessou que encontrou no Brasil o verdadeiro ambiente para as suas ambições de bandeirante da era moderna.

«Samba Fantástico» pretende ser um fiel retrato do Brasil e o mais claro embaixador da nação irmã e Jean Manzon.

— O cinema documentário — disse-nos Manzon — é, hoje, um dos instrumentos mais importantes da industria cinematográfica, cheio de um valor humano unico e insubstituível.

Depois, Manzon prestou homenagem aos fundadores do cinema brasileiro, terminando por lembrar que ele e a sua equipa, para fazer o filme que vai ser apresentado se meteram a desbravar 250.000 quilómetros de paisagem amazónica.

Como ultimas informações, diremos ao leitor que, durante toda a próxima semana, poderá ver os pobres «écrans» da R. T. P. cheios dos vivos documentários de Jean Manzon sobre a América do Sul. Manzon, que é um bom amigo de Portugal, seu conhecido depois de repetidas visitas, numa delas tendo por guia Assis Chateaubriand, pensa voltar em breve a Portugal, a fim de realizar uma série de filmes documentários, reais e sem qualquer propaganda pseudo-folclórica ou turística, que apresentará um Portugal multivariado ao povo do Brasil.



Gertrudes Ana Cordeiro Soutelinho

(CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA)

FALECEU

António Maria Soutelinho, Agualda Cordeiro Filipe, Florival Cordeiro Filipe, sua esposa e filha, dr. João Ferreira Filipe, sua esposa e filhos, cumprem o doloroso dever de participar, que foi Deus servido chamar á sua Divina presença a sua muito querida esposa, mãe, sogra e avó, e que o funeral se realiza amanhã dia 7, pelas 12 horas da Igreja de Fátima, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

P. N. A. M.

AGENCIA SALGADO

ESTES SÃO OS 3 MODELOS POPULARES DAS FAMOSAS MARCAS

Sigmara, Crosley, Breda, Gibson

EXPOENTE DE QUALIDADE A BAIXO PREÇO GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO 5 ANOS DE GARANTIA UNIDADES BLINDADAS INTEIRAMENTE SILENCIOSAS

REPRESENTANTE:

ESTABELECIMENTOS Sida, LDA.

RUA DE S. NICOLAU, 46 — LISBOA

Agora, faça deliciosos batidos em casa com

Mix-a-Shake

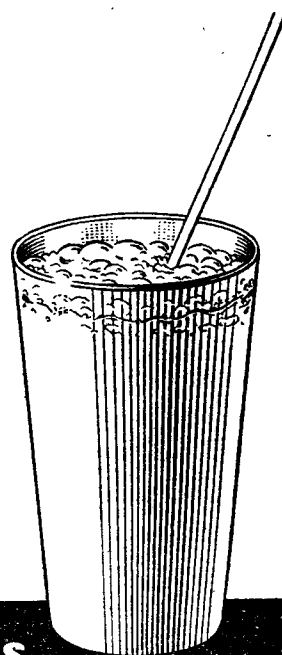


— um agradável modo de beber leite:



Para fazer em sua casa deliciosos batidos basta juntar a cada copo de leite gelado uma colher das de chá de Mix-a-Shake e bater vigorosamente. Experimente hoje mesmo Mix-a-Shake. Veja como é fácil e económico preparar batidos de leite.

Três diferentes paladares: BANANA · ANANÁS · MORANGO



UM PAGOTE CUSTA SÓ 5\$00 E DÁ QUATRO COPOS



BONS SONHOS!

num colchão de espuma de borracha Dunlopillo.

Sim! Você poderá ter sempre um sono profundo e repouso com um colchão DUNLOPILLO feito de espuma de borracha. Note bem que todos os colchões DUNLOPILLO têm a etiqueta DUNLOPILLO.

COLCHÕES · ALMOFADAS · ASSENTOS

Dunlopillo

ESPUMA DE LATEX — FABRICO INGLÊS



Representantes em Portugal

CASA GRAHAM - LISBOA - PORTO

AUGUSTO JORGE

Teu grande interesse procura entrar imediatamente em contacto.

TIO RENATO

Sociedade Joaquim Jacinto Ferreira Herdeiros, Lda.
CARTAXO

Os seus Sócios pedem a todos os interessados o favor de dirigirem ao Advogado Dr. Augusto M. Frazão, com escritório em Santarém, as suas notas de posição perante a Sociedade.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBÓIOS ELÉCTRICOS

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BRUXELAS DE 1958

A C. P. e os caminhos de ferro estrangeiros encontram-se à disposição de V. Ex.ª para lhe possibilitarem a deslocação a esta extraordinária manifestação internacional.

Lãs a Peso

Para tricotar à máquina e à mão
GRANDE SORTIDO
PREÇOS DE FABRICA
CASA GRILLO
RUA DA CONCEIÇÃO, 71-73

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS
OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

Leiam o «SEMPRE FIXE»



Jeanne Pinson

O Home International participa que amanhã, dia 7, às 12 h., na Igreja de S. Luís dos Franceses, será mandada rezar missa pelo eterno descanso de Jeanne PINSON, falecida acidentalmente no passado dia 10 de Agosto, confortada com todos os sacramentos da Santa Madre Igreja.



EM LUGAR

de comprar já feitas as tintas de água (plásticas) de que necessita, para interior ou exterior, compre «DEKOROL» e prepare-as a seu gosto. Economizará pelo menos 50 %.

Informa o representante exclusivo: R. QUEIROZ — Rua Rodrigues Sampaio, 55, 1.ª — LISBOA — Telefone 5 00 36.

A SIMPATIA DO PÚBLICO PELO SERVIÇO DE «TARIFAS»

Em cada mês transporta a C. P. cerca de 3 milhões de quilogramas de «tarifas» em volumes de 5, de 10, de 20 e de 30 quilogramas.

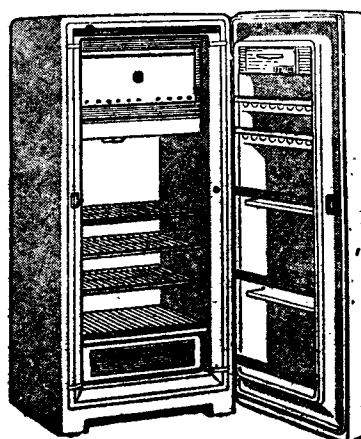
É uma prova da eficiência e perfeição deste serviço.

O SR. CONDE-BARÃO ACONSELHA...

UM BOM VOLANTE CUMPRE SEMPRE O CÓDIGO DA ESTRADA, E SÓ DEVE ANDAR A UMA VELOCIDADE QUE LHE PERMITA PARAR, NO ESPAÇO QUE TIVER LIVRE NA SUA FRENTE. SEJA CORTES PARA COM OS OUTROS AUTOMOBILISTAS E PEÕES

CONSULTE-NOS SEMPRE QUE TIVER DÚVIDAS

Conde Barão Lda
SOCIEDADE INDUSTRIAL E COMERCIAL
AVENIDA 24 DE JULHO, 62 e 64
LISBOA



Whirlpool

MODELOS NORMAIS DE 8,1 E 12,2 PÉS CÚBICOS

MODELO «COMBINATION» DE 12,1 PÉS CÚBICOS

MODERNO CONJUNTO DE CORES INTERIORES

GRANDE CONGELADOR COM COMPARTIMENTO DE FABRICO DE GELO TOTALMENTE SEPARADO

A VENDA NOS AGENTES DA

TELECTRA — EMP. TÉCNICA EQUIPAMENTOS ELÉCTRICOS
LISBOA PORTO



É A PALAVRA CERTA PARA DEFINIR O CONCURSO DOS VINHOS DAS Caves Aliança

EIS OS PRÉMIOS

UM AUTOMÓVEL VOLKSWAGEN · TELEVISORES E RÁDIOS SIERA · MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA SCHARPF · MÁQUINAS DE COSTURA KAISER FOGÕES KNEFT · ASPIRADORES ELECTROSTAR MÁQUINAS DE BARBEAR LUMIAR · RELÓGIOS DE PULSO MAGNAT · FERROS ELÉCTRICOS · PANEIS DE PRESSÃO VAPOREX. MÁQUINAS DE BARBEAR THORENS.

BEBA VINHOS ALIANÇA

E PEÇA A SENHA PARA ESTE Sensacional! CONCURSO

DIÁRIO DE LISBOA

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» publicava no dia 6 de Setembro de 1928, na primeira página, um telegrama de Agadir que dava notícia de terem ali aterrado os aviadores portugueses Pais Ramos e Oliveira Viegas, tenente João Esteves e sargento-mecânico Manuel António que, em dois «Vickers», estavam a realizar a viagem a Angola e a Moçambique. Havião coberto em 5 horas e 20 minutos o percurso Amadora-Casablanca, e desde então não havia deles notícia, até à chegada a Agadir. O atraso da notícia fora devido a uma avaria das comunicações telegráficas em Marrocos.

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3440

1 2 3 4 5 6 7 8 9

1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
10								
11								

HORIZONTAIS: 1 — O mesmo que parou. Altar. 2 — Pequeno grão. 3 — Planta vivaz e medicinal. Artigo definido (ant.). 4 — Presa com as gravinhas. 5 — Cinematógrafo. Preposição. 6 — Ágata policrómica. Carta de jogar. 7 — Abreviatura de idem. Apanhar coisa atirada. 8 — Mitra papal. 9 — Em partes iguais. Falta, de juízo (fam.). 10 — Planta herbácea medicinal também chamada capilária (pl.). 11 — Pronome pessoal. Ilha situada no Pequeno Belt.

VERTICAIS: 1 — Pago. Acolher. 2 — Ave trepadora de várias cores. Vasta península da Ásia Meridional onde fica o Himalaia. 3 — Chefe abexim. Símbolo químico do níquel. O mais. 4 — Célebre condessa de Castela que se envenenou de um príncipe moiro e foi envenenada por seu filho Sancho Garcia. Lançava. 5 — Seguirem. Suspensa. 6 — Atascada. Eia! 7 — Letra grega. Paralisia. Levanta. 8 — Inchação sem vermelhidão. Rio da Suíça. 9 — Gritaria. Sem companhia.

Solução do problema n.º 3439

HORIZONTAIS: 1 — Andrómeda. 2 — Raia. Amena. 3 — Ata. Ara. 4 — Dó. Par. AC. 5 — Lessa. 6 — Si. Mãe. 7 — Sama. Raro. 8 — Agá. Ion. 9 — Lá. Mar. Ut. 10 — Fenix. 11 — Exilaram.

VERTICAIS: 1 — Arado. Salve. 2 — Nato. Saga. 3 — Dia. Lima. Fi. 4 — Rã. Pé. Mel. 5 — Casa. Cana. 6 — Má. Rs. Rir. 7 — Ema. Amai. Xá. 8 — Dera. Arou. 9 — Anacreonte.

LENÇOS DE SEDA

Franceses

Italianos

Suiços

TORRE EIFFEL

104 - Rua do Carmo - 106

SEMANA DO CONTRIBUINTE

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

Durante o mês de Setembro em decurso pode requerer-se, aos chefes das Secções de Finanças dos diversos bairros e concelhos, a divisão dos conhecimentos de contribuição predial, de contribuição industrial e de imposto profissional-profissões liberais, em quatro prestações trimestrais cujo vencimento se verificará em 1 de Janeiro, 1 de Abril, 1 de Julho e 1 de Outubro (§ único do art. 13.º do decreto n.º 25.300, de 5 de Maio de 1935).

Todavia, cada prestação trimestral não pode ser inferior na contribuição predial a 50\$00 e na contribuição industrial e imposto profissional-profissões liberais a 100\$00, pelo que ter-se-á de tomar em consideração o total da contribuição a pagar que não poderá ser inferior, respectivamente a 200\$00 e a 400\$00.

Observação — Uma vez feito o pedido não há necessidade de proceder à sua renovação anual visto que os efeitos subsistirão enquanto não for apresentado outro em contrário. (Conforme o despacho do subsecretário de Estado das Finanças, de 14 de Janeiro de 1947).

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

(Grupo C)

Rendimento líquido presumido para 1959. — Reclamação da sua fixação: — A distribuição do rendimento tributável é feita pelas comissões a que se refere o art. 6.º do decreto n.º 24.916, de 10 de Janeiro de 1935, no mês de Setembro corrente e será anunciada por editais.

Trata-se de um trabalho moroso, complexo e mesmo melindroso e por estas razões e também porque muitos dos elementos necessários não chegam às secções de finanças na devida altura, não é possível ser cumprido o prazo da Lei. Por consequência é aconselhável, com certa frequência, verificar a data da afixação dos editais, a fim de se poder reclamar no prazo de quinze dias, contra o rendimento distribuído, junto da comissão a que se refere o art. 7.º do citado decreto.

Estas reclamações são feitas em papel selado, não necessitando a assinatura de ser reconhecida e não obedecem a fórmula especial, visto não terem carácter contencioso. São julgadas até ao décimo quinto dia seguinte àquele em que termina o prazo para a reclamação, acrescendo três por cento a colecta (verba principal calculada sobre o seu montante, quando a reclamação seja desatendida no todo (§ único do art. 7.º acima referido).

Pode o contribuinte recorrer, ainda, das decisões da comissão de reclamação para o Tribunal da 2.ª Instância do Contencioso das Contribuições e Impostos, no caso de preterição de formalidades legais, e, quando se tenha omitido algum direito ou fórmula prescrita na Lei, quer substantiva, quer adjectiva, ou quando se tenha praticado sem as formalidades legais (art. 8.º do mesmo diploma). Do acórdão da 2.ª Instância não cabe recurso para o Supremo Tribunal Administrativo (Acórdão deste venerando tribunal, de 1 de Maio de 1936, proferido no Recurso n.º 4.801). Se a reclamação for desatendida na 2.ª Instância, a colecta será agravada de cinco por cento, independentemente das custas que forem devidas.

TEMPO QUE FAZ

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era moderado de Sudoeste e o céu estava muito nublado ao Norte do rio Tejo e pouco nublado ao Sul por acção de uma massa de ar marítimo, transportada na circulação de um núcleo de altas pressões centrado entre o Cabo de S. Vicente e a Madeira.

Temperaturas às 9 horas: Porto, 19; Lisboa, 20; Faro e Funchal, 22.

Temperaturas observadas, às 10 h., na Costa do Sol: na atmosfera, 20.2; na água do mar, 18.5.

PREVISÃO ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Ao Norte do Tejo: céu muito nublado, vento sudoeste moderado, chuva fraca no litoral, aguaceiros nas regiões montanhosas.

Ao Sul do Tejo: céu pouco nublado, vento fraco. Subida de temperatura.

PREVISÃO

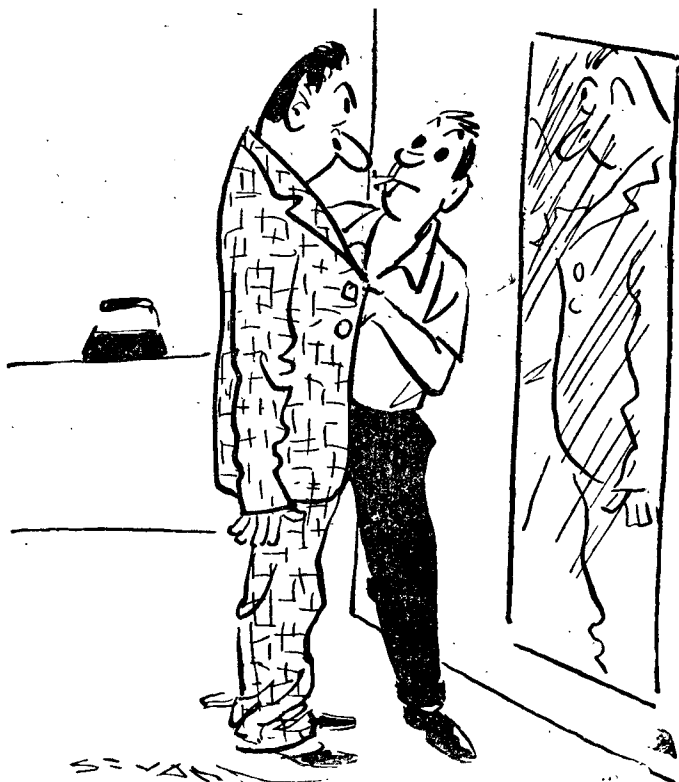
As 21, Abertura da emissão; 21 e 2, Noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, Segundo Galarza e o seu conjunto; 21 e 35, «Momento literário»; 21 e 50, Jornal de actualidades internacionais; 22 e 5, «O Desporto do Mundo» (revista ilhada internacional); 22 e 15, «Café-Concerto»; 23, Actualidades nacionais e últimas notícias; 23 e 10, «Na rua e na estrada»; 23 e 30, fecho da emissão.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNOS C — União — Estrada de Benfica, 592-594. Tel. 730092; Vitex — Estrada de Benfica, 373-B. Tel. 780548; Curie — Avenida Madame Curie, 15-A. Tel. 778439; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35 Carnide. Tel. 780181; Laranjeiras (Das) — Rua Filipe da Mata, 160-162. Tel. 761035; Central do Lumiar, 77. Tel. 779480; Brasil — Avenida Rio de Janeiro, 66-66-A. Tel. 722363; Sanex — Avenida da Igreja, 31-C. Tel. 776905; Belmar — Avenida de Roma, 53-A. Tel. 776314; Algarve — Avenida de Roma, 7-B. Tel. 777478; Garantia — Avenida Padre Manuel da Nobrega, 5-A-B, a Praça do Areeiro. Tel. 727303; Onilda — Avenida João XXI, 13-A. Tel. 726348; Campo Pequeno (Do) — Avenida da República, 58-D-E. Tel. 771661; Vale — Avenida Marquês de Tomar, 45-49. Tel. 773043; Universai — Rua Actor Taborda, 5-7. Tel. 44155-A — Novais — Avenida Luis Bivar, 11-13. Tel. 44324; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação. Tel. 359216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19. Tel. 359237; Conceição — Calçada D. Gastão, 30-32. Tel. 381279; Pereira, Suc. — R. do Paraíso, 98-100. Tel. 863224; Silva — Calçada de Santo André, 16. Tel. 862074; Branquinho — Rua dos Sapadores, 87. Tel. 842725; Luzmar — Rua 2, 16, Bairro de Santa Engrácia. Tel. 728395; Iberia — Rua Barão de Sabrosa, 235-A. Alameda. Tel. 728277; Bastos — R. Morais Soares, 91-D. Tel. 841359; Castro — Avenida Almirante Reis, 76-A-B. Tel. 44373; Peninsular — Campo dos Mártires da Pátria, 117-118. Tel. 53308; Vicente de Jesus — Largo do Rato, 3-C-D. Tel. 681947; Salutar — Rua B, 75-A-B; Bairro da Liberdade. Tel. 683694; Júdice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A. Tel. 634424; Pinheiro — Rua de Campo de Ourique 131-133. Tel. 663640; Janeiro — Avenida Alvares Cabral, 100, ao lado do Liceu Pedro Nunes. Tel. 661453; Tagus — Praceta Possidónio da Silva, lote 3. Tel. 669455; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM. 3. Tel. 610256; Gomes, Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326. Tel. 638193; Costa — Rua dos Lustados 32. Tel. 636704; A. César — Rua Prior do Crato, 74. Tel. 660187; Guerreiro da Costa — Rua das Janelas Verdes 90. Tel. 662327; Motz Capitão — Rua de S. Félix, 45-A-B. Tel. 660720; Fenix — Rua da Cruz dos Poiais, 52. Tel. 21031; Sanitas — Praça Luis de Camões, 24. Tel. 22798 — A — Liberal — Avenida da Liberdade, 217-219. Telef. 43641; Ferrão — Rua da Mouraria, 12. Tel. 860464; Portugal — Rua Augusta 216-218. Tel. 22073 — A —.

«Diário de Lisboa»

Escreveu-nos o sr. dr. José Gonçalves de Araújo Novo, presidente da Câmara de Viana do Castelo e da Comissão Organizadora das Festas da Agonia, agradecendo o relevo e o desenvolvimento com que acompanhámos as típicas festas daquela cidade. Registamos a amabilidade.



— O seu fato ficou um bocado folgado, mas isso até tem vantagem porque, como não molhei a fazenda, em apanhando um bocado de chuva vai ao seu lugar...

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSIONA — As 18, Noticiário; 18 e 40, Trechos de operetas; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — As 19, Emissão infantil; 19 e 30, Trechos em piano; 19 e 45, Aguarda brasileira; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Música ligeira sinfónica; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Trechos em viola espanhola; 21 e 30, Comentário político. No intervalo «Vozes do Mundo»; 23 e 30, Danças; 23 e 45, Junção dos emissores.

Programa «B» — As 19, Aspectos da música moderna; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Recital de canto, por Hugo Casais; 20 e 16, Luís Lumière, palestra por Maria de Carvalho; 20 e 26, Música de tecla, de Schubert; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, 2.º acto da ópera «Lohengrin», de Wagner, artistas, coro e orquestra da Rádio da Baviera, sob a direcção de Jochum; 22 e 45, Que quer ouvir?; «O Lago dos Cisnes», de Tchaikowsky; e «O Moldau», de Smetana, pela Orquestra Sinfónica da N. B. C., dirigida por Toscanini; 23 e 45, Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE — As 17 e 30, Variedades; 18, Ritmos de baile; 18 e 30, Fados e guitarradas; 19, Quer um conselho?; 19 e 15, Teresa Brewer; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Solistas; 20 e 10, Onda desportiva; 21, Imagens por música; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, Trechos recreativos; 22 e 30, Cultura espanhola; 22 e 45, Canções; 23, Concerto; 23 e 15, Ritmos de baile do Casino Estoril; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Conjuntos; 0 e 30, Noticiário; 0 e 40, Ritmos de baile.

Estação de Miramar — As 18, Ritmos de baile; 18 e 45, Recital de Cruz e Sousa; 19, Palestra de língua portuguesa; 19 e 15, Motivos portugueses; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, Boletim informativo; 20 e 10, Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, Vida desportiva; 21, Noticiário; 21 e 15, Canta Elisette Cardoso; 21 e 30, Orquestras ligeiras; 22, Programa para a mulher; 22 e 5, Brasil; 22 e 30, Con-

juntos instrumentais; 23, Trechos de operetas; 23 e 30, Artistas portugueses; 0, Ritmos de baile.

RÁDIO RENASCENÇA — As 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, Segundo Galarza; 20, Música para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21 e 5, As últimas novidades; 21 e 30, Música portuguesa no estrangeiro; 21 e 50, Melodias; 22, No reino das musas; 22 e 20, Trechos de óperas; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 às 19 e 30, Rádio Peninsular; 19 e 30 às 22, Voz de Lisboa; 22 a 1, Clube Radiofónico de Portugal.

EFEMÉRIDES

No dia 6 de Setembro de 1914 começou a primeira batalha do Marne.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «A rainha do ferro-velho».

COLISEU — A's 20.30 e 22.45 — «Ai mexe... e remexe!».

ABC — A's 20.45 e 22.45 — «Vira o disco».

CINEMAS

IVOLI — «A escada de caracol».

SÃO LUIZ — «História da Humanidade».

SÃO JORGE — «O cais do desespero».

EDEN — «A noiva raptada».

IMPERIO — «Missão diabólica».

POLITEAMA — «Aconteceu na 5.ª Avenida».

ALVALADE — «Onde está o Carlos?».

MONUMENTAL — «Raparigas de azul».

RCMA — «Embaixadores no inferno».

CONDES — «O solteirão».

AVIS — «Totó no inferno».

CAPITOLIO — «Rose Marie».

ESPL. PORTUGALIA — «A família Trapp».

OLIMPIA — «Diamante azul».

PAVILHAO — «Cantinfilas porteiro».

IDEAL — «Vera Cruz».

PRECISA-SE EMPREGADO DE ESCRITORIO

Sabendo bem cálculo de facturas em moedas estrangeiras — escrita a máquina — redacção comercial em português — expediente geral para ajudante de guarda-livros em casa importante da Baixa. Lugar de estabilidade com ordenado correspondente às habilitações. Indicar casas em que esteve ou está empregado, guardando-se rigoroso sigilo. Exigem-se rigorosas referências. Não responder não estando habilitado.

CARTA ESCRITA PELO PRÓPRIO A ESTE JORNAL AO N.º 69

STAND MODERNO

CONCESSIONARIO TAUNUS FORD F.K.



- PRECISÃO NO FABRICO
- AJUSTE PERFEITO
- MAIOR DURAÇÃO

A VENDA NO SEU STAND RECENTEMENTE REABERTO AO PÚBLICO

NA AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 15-A — TEL. 49669 — LISBOA

Os temporais no estrangeiro causaram vítimas e avultados prejuízos

(Continuação da 1.ª página)

a atingir 130 quilómetros horários. Até à data, não há vítimas a sinalizar. — (F. P. e A. N. I.).

Um tornado e grandes inundações nos Estados Unidos

DALLAS (Texas), 6. — Acompanhado por chuvas torrenciais, um novo tornado flagelou, a noite passada, a parte leste do Texas, a região oriental da Luisiana e o Kansas, provocando estragos materiais e importantes e grandes inundações. O rio Sabine alagou grandes extensões de terreno, obrigando mais de quinhentas pessoas a abandonar os seus lares. Mais quatro rios, saíram dos leitos, causando a morte a centenas de cabeças de gado.

O vento ciclónico provocou grandes estragos na cidade de Novice, a Noroeste de Dallas, onde muitas casas ficaram destelhadas. Muitas árvores, bem como postes telegráficos e telefónicos, foram arrancadas pelo vento.

A povoação de Elks Creek, onde vivem mais de mil pessoas, ficou completamente inundada. Na cidade de Clyde, no Kansas, um terço das casas estão inundadas e os seus moradores foram dificilmente salvos pelos bombeiros.

A água cobre as estradas de Clyde até mais de dois metros de altura, impedindo todo o tráfego. — (A. N. I.).

Onze mortos em Seul

SEOUL, 6. — Onze pessoas perderam a vida em consequência das chuvas diluvianas que devastam há três dias a região de Seul. Grande parte da capital sul-coreana, à beira do rio Han, teve de ser evacuada. Contam-se 5.000 pessoas sem tecto. — (F. P.).

Proposta da Alemanha Oriental para a reunificação

BONN, 6. — A República Democrática Alemã, com o objectivo de procurar solução para o problema das duas Alemanhas, enviou aos três Grandes Ocidentais, a U. R. S. S. e a República Federal, novas propostas — transmitidas aos Ocidentais por intermédio da Cecoslováquia.

Estas propostas germano-orientais surgem quatro dias depois de Bonn ter anunciado a intenção de propor às quatro antigas potências ocupantes a criação de uma comissão permanente quadripartida, encarregada de procurar solução para o problema das duas Alemanhas. Agora, a Alemanha de Leste propõe, também, a criação de uma comissão quadripartida, mas a sua função limitar-se-ia a preparar o caminho para um encontro de representantes dos dois Estados alemães, ao que Bonn, que não reconhece o regime de Pankow, sempre se tem oposto. — (F. P.).

A América não responderá

WASHINGTON, 6. — O Governo americano não responderá a nota, relativa ao problema alemão, que o Governo de Pankow enviou às quatro grandes potências, por intermédio das autoridades checoslovacas. É a opinião que prevalece nos círculos informados de Washington, que considerou a nova nota como gesto de propaganda. — (F. P.).

Experiências

com um novo projectil

CAPE CANAVERAL (Flórida), 6. — Um avião militar de reacção lançou ontem, a título experimental, quando a grande altura sobrevoava Cape Canaveral, um novo tipo de projectil destinado a bombardeamento de alvos terrestres e, segundo se supõe, a ser dotado com ogivas nucleares.

Crê-se que se trata de um protótipo do foguetão «Rascal», nova arma destinada a ataques nucleares de alvos situados a distâncias até 150 quilómetros. — (ANI).

A égua

também se «aqueceu»...

LONDRES, 6. — A chuva caía torrencialmente e as ruas pareciam rios. O vendedor ambulante Fred Hogan recolheu-se numa taberna para «aquecer», mas ficou preocupado com a sua égua «Dolly», que ficara à porta do estabelecimento, à chuva.

Sentindo-se confortado e com pena do animal, Hogan foi desatrelar a égua e trouxe-a para dentro da taberna, onde foi bem recebida e acamada com os outros clientes. — (ANI).

Vão aderir à Liga Árabe o Marrocos e a Tunísia

CAIRO, 6. — O Marrocos e a Tunísia decidiram entrar para a Liga Árabe, pelo que entregarão o seu pedido oficial de admissão dentro de dias — anunciou hoje Abdul Jabbar Gomard, ministro dos Negócios Estrangeiros do Iraque.

Gomard chegou esta manhã ao Cairo, depois de ter visitado Rabat e Tunes e conferenciado com o rei Maomé VI e com o presidente Bourguiba. — (A. N. I.).

Consta que os Estados Unidos estão a enviar para a Formosa projecteis teleguiados anti-aéreos

(Continuação da 1.ª página)

Foster Dules, sobre a situação da Formosa e a maneira mais eficiente de auxiliar a China Insular a defender as ilhas Quemoy e a Matsu de uma possível invasão das forças da China continental.

O secretário da Defesa conferenciará esta tarde com o Presidente Eisenhower sobre o mesmo assunto. — (A. N. I.).

Empréstimo adicional à China Insular

WASHINGTON, 6. — O Governo dos Estados Unidos concedeu um empréstimo adicional de muitos milhões à China Insular, a fim de que possa o Governo da Formosa desenvolver ao máximo o sistema das geradoras hidroeléctricas de Shimen. — (A. N. I.).

Trégua de doze horas no bombardeamento das ilhas

TAIPEH, 6. — O Ministério da Defesa anunciou hoje que, nas últimas doze horas os canhões da China Continental não bombardearam as ilhas Quemoy.

Acrescentou ter sido ontem o dia mais tranquilo desde que a China Continental iniciou o bombardeamento daquelas ilhas, há duas semanas. Com efeito, apenas 90 granadas foram disparadas durante todo o dia. — (A. N. I.).

O Governo de Pequim apreciou a situação

TOQUIO, 6. — Mao Tsé Tung presidiu ontem, em Pequim, a uma reunião do Governo, durante a qual foi discutida a actual situação da China Continental e do Mundo — anuncia a agência Nova China.

A agência comunica que Mao Tsé Tung pronunciou um discurso, fazendo «uma análise incisiva da situação interna e externa». O comunicado não especifica se Mao abordou a actual campanha contra as Quemoy e Matsu.

Esta reunião dos governantes chi-

O Senhor "H"

chegou a Israel

JERUSALÉM (Sector Israelita), 6. — O secretário-geral das Nações Unidas, Dag Hammarskjöld, chegou esta manhã ao aeroporto de Kalandia, procedente do Cairo, e seguiu imediatamente para a sede da missão da O. N. U., instalada no edifício do Palácio do Governo.

Hammarskjöld tem marcada para esta tarde uma audiência com o chefe do Governo de Israel, Ben Gurion.

Um informador oficial da O. N. U. disse que Hammarskjöld tenciona partir amanhã de manhã para Bagdad, a fim de prosseguir na sua «missão de paz». — (A. N. I.).

Desencadeou-se em França nova onda de terrorismo enquanto se prepara a campanha para o próximo plebiscito

PARIS, 6. — Os partidos políticos prepararam-se para tomar parte na campanha de propaganda do plebiscito sobre a nova Constituição francesa.

O Conselho Nacional do M. R. P. reúne-se hoje, a fim de decidir sobre a atitude a adoptar.

Os Independentes e os Republicanos Sociais manifestaram-se, unanimemente, por intermédio dos respectivos directórios, a favor do texto da Constituição elaborado pelo general de Gaulle.

Espera-se que a maioria dos partidos aconselhem os seus filiados a votarem «sim» no plebiscito de 28 de Setembro, contra o qual está a ser organizada uma «oposição» capitaneada pelos comunistas.

A Comissão Central do Partido Comunista reuniu-se esta manhã, sob a presidência de Jacques Duclos, em Gennevilliers, nos arredores de Paris, para elaborar, segun-

do se afirma, o seu «plano de batalha».

O deputado e antigo ministro Gaston Defferre, que pertence ao grupo dos parlamentares que votaram contra a investidura do general de Gaulle quando este formou governo, declarou aprovar o projecto da nova Constituição e disse: «Hoje, as coisas modificaram-se. O êxito do referendo significa que um Poder forte e estável, numa democracia renovada, poderá aplicar uma política liberal».

Também o «comité» directivo do Partido União Democrática Africana, um dos dois agrupamentos políticos da África francesa, se pronunciou por um «sim» ao referendo.

Dois «leaders» influentes de outro agrupamento político — Reagrupamento Africano — Laminé Gueye, deputado e presidente do município de Dakar, e Leopold Senghor, pronunciaram-se também favoravelmente.

Esta tarde, o «leader» da oposição não-comunista, Pierre Mendès-France, exporá as razões da sua oposição ao projecto da nova Constituição.

O general de Gaulle tenciona começar na próxima terça-feira a sua viagem de propaganda do plebiscito, através de todo o território metropolitano, não se sabendo, por enquanto, se a primeira cidade a visitar será Lille ou Bordeaux. — (A. N. I.).

Ataques à Polícia e outros actos de terrorismo

LYON, 6. — Dois grupos de extremistas argelinos atacaram com bombas incendiárias duas esquadras de Polícia, desta cidade, mas foram repelidos a tiro pelos agentes.

Durante a luta foi morto um polícia, e um extremista ficou gravemente ferido, sendo despedido o seu estado. Houve mais polícias e Argelinos feridos com menos gravidade, mas ignora-se o seu número. Surdon é o oitavo polícia francês morto pelos rebeldes argelinos desde 25 de Agosto.

Mais tarde, um cão da Polícia descobriu uma bomba de relógio que fora colocada pelos rebeldes perto de outra esquadra.

Em várias buscas feitas pelas autoridades, a vários locais suspeitos da cidade foram encontradas muitas armas, munições e explosivos para a fabricação de bombas.

Entretanto, agentes da Segurança Nacional descobriram uma conjura destinada a provocar a destruição de uma fábrica de munições em Grenoble e prenderam vários extremistas.

Em Nantes, foram presos cinco rebeldes, quando se preparavam para realizar vários actos de sabotagem contra estabelecimentos do Estado.

Foram também presos três extremistas nos estaleiros navais de Cherburgo, onde está a ser carregado material bélico nos barcos de guerra franceses que vão partir para a Argélia.

Os actos de terrorismo levados a cabo na noite passada, coincidiram com o anúncio feito pela Frente Nacional de Libertação da Argélia, de que os rebeldes iam desencadear uma nova vaga de terror, na França, e destruir mais depósitos de carburantes e instalações militares. — (A. N. I.).

Em Chaves o «Diário de Lisboa» vende-se na Casa Plastic, Rua Direita, 71.

Ultimas notícias

O governador de Chipre chegou a Londres.

LONDRES, 6. — «Sir» Hugh Foot, governador de Chipre, chegou hoje a esta cidade para conferenciar com Harold MacMillan sobre o novo plano britânico para aquela ilha.

Interrogado no aeroporto sobre o possível regresso do arcebispo Makários a Chipre, «sir» Hugh Foot afirmou ser «impossível de prever» o regresso do arcebispo auxiliaria a restabelecer a paz. — (A.N.I.).

Um enxame de vespas matou uma camponesa

RIVOLI, 6. — Um enxame de vespas matou uma camponesa, Giuseppina Rizzat, de 56 anos. A vítima andava a arrancar ervas daninhas quando pisou um enxame de vespas: algumas centenas destes insectos atacaram furiosamente a pobre mulher, sobretudo na cara. Fulminada pelo veneno, a vítima teve morte imediata. — (F. P.).

Despenhou-se um avião brasileiro e morreram sete pessoas

RIO DE JANEIRO, 6. — Morreram, pelo menos, sete pessoas em consequência da queda de um bimotor que se dirigia de Paraíba para esta cidade.

O avião — que transportava 44 pessoas, entre passageiros e tripulantes — caiu nos arredores da cidade de Campina Grande, no Estado de Paraíba.

Dos mortos, 3 eram passageiros. — (A. N. I.).

A Dinamarca pediu a revisão do tratado de pesca

LONDRES, 6. — O encarregado de negócios da Dinamarca em Londres esteve hoje no Foreign Office onde solicitou oficialmente o entabulamento de negociações entre os dois países sobre a revisão do tratado anglo-dinamarquês de 1955 que interessa os limites da pesca em volta das ilhas Feroe. O diplomata foi recebido por Michael Joy, secretário dos Negócios Estrangeiros para os assuntos escandinavos. — (F. P.).

CAFEZAL

O CAFÉ
DOS CONHECEDORES
Compre-o avulso
ou beba-o à chávena no

CAFE LUANDA

AV. DOS E. U. A. - LISBOA



RESTAURANTE CASTANHEIRA

LUMIAR

AOS SÁBADOS — Orquestra de dança,
das 20 às 24 horas
DOMINGOS — Das 13 às 17 e das 20 às
24 horas

Serviço normal de lista

CINEMA — CAFÉ BAR — SALA DE CHÁ — TELEVISÃO
(Maiores de 15 anos)

RIBATEJANO

Salvaterra de Magos — Tel. 14

• TODOS OS DIAS •

Aos Almoços — Chás e Jantares

Exibições: Ranchos Folclóricos

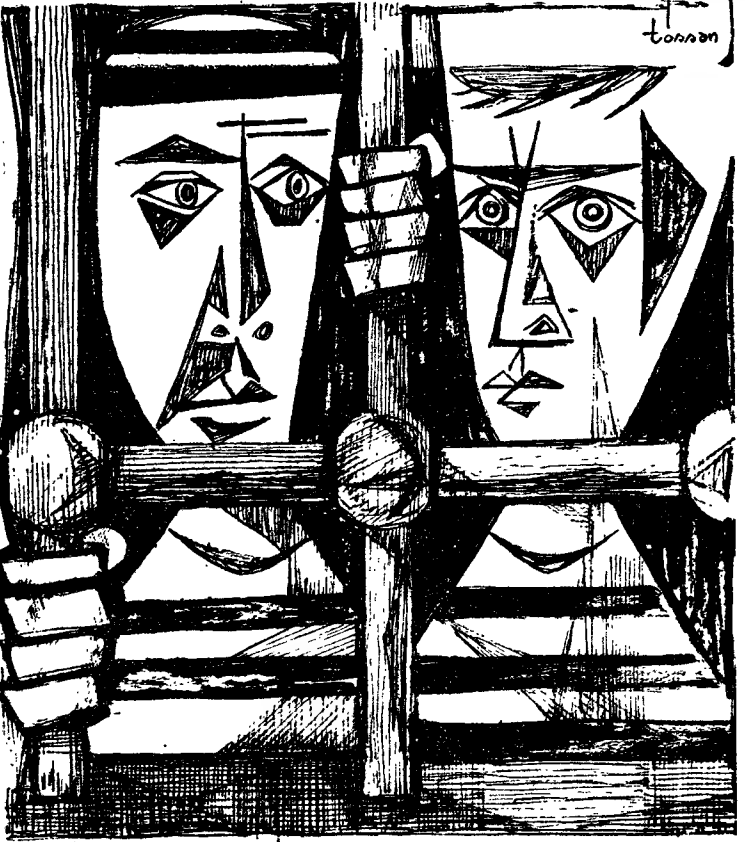
Cozinha Portuguesa

(6 anos)

UMANO

Um crime sem cadáver
KURT SINGER
Viagem breve ao mundo
dos poetas
ALFREDO PINTO BRAS
Fim de semana feliz
CICERONE
Apontamentos para os tem-
pos futuros
DIÓGENES
Ganhe 100\$00 com um sorri-
so nos lábios
Nijinsky — o deus da dança
JORGE SANTOS
As primeiras eleições portu-
guesas
AUGUSTO DA COSTA DIAS
Ouvindo bater o coração do
Mundo
WILLIAM SIMPSON
Postal ilustrado
MANUEL AGRA
Os milagres do açúcar
M. CAROLINA FREITAS
Sim ou não?
OLGA SANTOS
Conselhos aos senhores hi-
pertensos
Eduquemos o nosso filho
M. LÚCIA DA SILVA ROSA
Comentário humorístico ilus-
trado
GOMES FERREIRA
Página da Mulher

INIGALZILLO



CASOS CÉLEBRES DAS POLÍCIAS DE TODO O MUNDO - (1)

A Soares da Silva per-
tencia àquela cate-
goria de tratantes cujas
mafeitorias causam
mais aborrecimentos
à Polícia do que os
cadastrados de vulto.
Seis anos antes, a
longa série dos seus
loubos dera bastante
que fazer aos meus
serviços — não, como já disse, por-
que fossem de grande tomo, mas
porque nos perturbavam constan-
tamente, tal qual o mosquito que,
para assegurar a subsistência, dá
a sua ferroada nos pobres e infeli-
zes.

Silva, era um grande bebedor.
Quer, porém, se encontrasse em-
bragado ou em jejum, nada esca-
pava ao seu olhar sagaz. Uma noi-
te, sentado num «café», em Per-
nambuco, entretinha-se a esvaziar
várias garrafas de vinho barato. Os
vinhos brasileiros, mesmo os de
baixo preço, são bons e deviam
constituir para Silva uma generosa
fonte de inspiração, pois os seus
olhos vidrados não se despegavam
de um conhecidíssimo plantador de
açúcar assentado na mesa vizinha.
O plantador merecia essa atenção:
as garrafas vazias de uísque enfi-
leiravam-se-lhe em frente e de cada
vez que pedia outra, cheia, logo

mestras do seu equipamento pro-
fissional — pôs-se-lhe na peugada e
chegado a um local suficientemente
afastado, descarregou uma valente
pancada na cabeça do plantador. A
vitima caiu como um prego. Silva
soltou um grunhido de satisfação
e procurou esvaziar o mais depressa
que pôde as algibeiras do plan-
tador. Feitas as contas, o espólio
montava a 700 cruzeiros. Belo ne-
gócio!

Em tais circunstâncias, estivesse
bebado ou não, o primeiro gesto de
Silva era pôr-se imediatamente em
fuga. Desta vez correu pelos cam-
pos até à estrada que conduzia à
aldeia. Mal, no entanto, atingira a
faixa de asfalto, uma terrível pan-
cada desabou sobre a sua cabeça.
Cabia-lhe agora a ocasião de per-
der também os sentidos, o que fez
obedientemente.

Uma dor lancinante e o calor do
Sol do meio-dia acordaram o ladrão.
Estava coberto de pó e de lama e
com o sangue que jorrara da ferida.
Mesmo assim, tacteu os bolsos
à procura dos 700 cruzeiros, bem
merecida recompensa de uma noite
tão deploravelmente terminada.
Mas o dinheiro tinha voado! Um
desconhecido sem contemplação
nem moral, um vadio, em suma, ti-
nha-lhe roubado o dinheiro... E isto
depois de tanto trabalho!

CRIME SEM CADAVER

Uma grande vitória

Olhamos para o sorriso que ilumina
esta gravura e pensamos: eis aqui um
garoto feliz...

Não nos enganamos. Ese garoto é a
própria imagem de felicidade, pois re-
presenta a saúde e a vida reconquista-
das, depois de violenta luta. Representa
uma das maiores vitórias da humani-
dade. Este menino fora atacado pela le-
pra. Entregue aos cuidados da Organi-
zação Mundial de Saúde, a Drapsona
(droga mágica que nesta época das sim-
plificações se conhece por DDS...) não
tardou que a doença fosse atalhada e
curada depois.

Como este garoto, muitos outros seres
humanos, milhares deles, devem a vida
às maravilhosas sulfonas. E assim, o
mal que durante séculos espalhou o
horror já hoje é combatido como qual-
quer doença vulgar...

Evidentemente, os lutadores benemé-
ritos contra tão terrível flagelo depa-
ram com as maiores dificuldades, devi-
das à ignorância e superstição dos indi-
genas.

publicou um curioso livro «Doctors of
the World» onde relata episódios rela-
cionados com a luta à doença na Ni-
géria Ocidental. Vou traduzir um pe-
queno trecho para os leitores do «Ma-
gazine»:

«Nem todos os doentes se apresen-
tam, porém. Alguns desconfiam do no-
so amuleto e pensam que somos char-
latães. Lembro-me de uma velha que
caminhava nove milhas todas as sema-
nas — aliás, foi em Birmin-Jero mes-
mo, por coincidência — para buscar
suas pilulas. Um dia descobri que ela
não as estava tomando. Punha-as de-
baixo da língua enquanto bebia a água,
e depois cuspiam-as fora. Encontrámos
as pilulas no chão. Perguntei porque
ela fazia isso, e a resposta foi que as
pessoas mais velhas, lá na vila — a
própria parecia ter 80 anos — lhe
diziam para tomar cuidado com a nossa
magia. O que nunca pude compreender
é porque a velha caminhava nove mi-
lhas apenas para dar uma cuspidela.

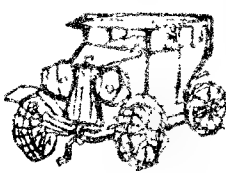
Murray Morgan, escritor americano,

NATÁLIA DA FONSECA



FIM DE SEMANA FELIZ

Para onde vai
amanhã?



Hoje tenho relutância em dar-lhe
conselhos, leitor. Eu sei lá o que
hei-de dizer-lhe com o tempo ins-
tável que tem feito! Imagine que
seguindo o meu próprio conselho
fui no domingo passado à Tapada
da Ajuda. Não encontrei dificulda-
des porque tenho em dia o meu
cartão de livre-transito com foto-
grafia e selo branco e assinatura e
tudo. Eu a entrar e uma cacimba
peganhenta a cair do céu. Aborre-
cida. E eu a sonhar com uma som-

bra fresca de alfarrobeira... Eu que
durante tanto tempo (todo o que
levava a preparar e a escrever a
crónica) me cegara com a pers-
pectiva de uma tarde repousante...
Ainda me aventurei até ao mira-
douro, a apanhar Lisboa toda na
palma da mão. Mas não tirei daí o
menor prazer. A chuva miuda e
constante esgatanhava o quadro,
comia-lhe a cor e a simpatia. O co-
po da tarde era o de um doente es-
tendido na marquesa, á espera...

Regressei breve, ás turras comigo
por ter tomado o remédio que pre-
crevi aos outros. E avaliei quantos,
a essa hora, estariam na mesma si-
tuação. De hoje para o futuro, para
ressalva da minha responsabili-
dade, fica entendido que os meus con-
selhos valem para P. T. N. isto é,
para as condições normais de Pres-
são e Temperatura...

Do meu conselho da última sema-

(Continua na página seguinte)

CRÓNICA DE LONDRES

A Imprensa britânica conquistou
em todo o Mundo uma sólida re-
putação pela seriedade e o rigor
das suas notícias, pela compostura
e a gravidade bem humorada dos
artigos de fundo. Começa logo pela
apresentação gráfica, sóbria de li-
nhas e lançada com gosto. Vai de-
pois aos variados artigos que co-
brem os aspectos capitais da vida
política, económica, social e artís-
tica. O jornal é feito não só para
informar o leitor, para o pôr a par

do acontecido e fornecer-lhe dados
precisos sobre os acontecimentos
quotidianos, como ainda para for-
mar e dirigir uma corrente de opi-
nião.

Nas largas edições dominicais, ti-
radas a muitas centenas de milhar,
figuram longos estudos firmados
pelos melhores especialistas do
país e por repórteres de nomeada.
Os Três Grandes do mundo impres-

(Continua na página seguinte)

por LUÍS DE SOUSA REBELO
leitor da Universidade de Londres



(Continuação da página anterior)

so são o «Times», o «Observer» e o «Manchester Guardian», cujos suplementos semanais ou de domingo oferecem o panorama mais completo do noticiário nacional e internacional. Como as exigências da vida moderna reduzem cada vez mais o tempo de que cada qual pode dispor, o «Observer» inaugurou há bem pouco uma secção em que se dá um relance sumário e cronológico dos eventos da semana. A ideia foi feliz, mas não prejudicou de modo algum as secções habituais do jornal. Até porque esta leitura dos domingos já faz parte integrante dos hábitos da vida inglesa. Sob os céus pardacentos e com a cidade morta, o domingo é o dia mais melancólico da semana. Os teatros, os divertimentos públicos, os salões de baile fecham as portas, e os cinemas só abrem às cinco e meia da tarde. Sofrendo deste relento de puritanismo, o inglês que não teve a dita de ir passar o dia fora com uns parentes da província, ou que não emigrou para a costa ou para o campo, deixa-se ficar em casa, não se barbeia, enfia um pulôver velho, senta-se ao borralho e mergulha na leitura do seu jornal.

Nos bons tempos da rainha Vitória este ócio forçado em tardes sombrias e borrascosas era dedicado à leitura da Bíblia em família. Mas as coisas mudaram muito desde então, em particular desde o começo do século, quando a primeira Grande Guerra fez sentir que se vivera num mundo de ilusões e o melhor da juventude inglesa se revoltou contra as instituições tradicionais. O gosto pelos textos sagrados foi-se perdendo aos poucos e a grande massa do público entrou num indiferentismo religioso, que é sacudido de vez em quando por surtos de interesse súbito. Porém o hábito velho prevalece ainda, uma certa atitude mental de aceitação respeitosa e inerte pela matéria impressa nos três grandes periódicos nacionais.

Existe até uma hierarquia nítida e bem marcada entre os vários periódicos, uma espécie de distinção social, que traduz as boas maneiras, as inclinações e os interesses dos leitores que consomem a folha qu-

tidiana. Ao lado dos Três Grandes prolifera uma floresta de publicações de larga tiragem, como o «Daily Mirror», «Tit-bits» e «Reveille». São o que se chama jornais «populares», no mau sentido do termo, jornais que encham as suas colunas de todos os escândalos conjurais e revelam grandes notícias de sensação, sejam elas os últimos boatos da vida privada da Corte — as visitas furtivas do Príncipe Consorte a algum restaurante de Solvo, a última entrevista entre o coronel Townsend e a princesa Margarida, — ou as aventuras amorosas das vedetas de Hollywood. A reportagem é sempre acompanhada de dados pormenorizados, com uma insistência particular no erótico, e ilustrada com fotografias provocantes de belíssimas mulheres. Há depois um folhetim ilustrado, ao jeito das histórias de quadrinhos, que nos deixa mortinhos de curiosidade pelos embaraços sentimentais em que se enreda a heroína. Jane tornou-se um símbolo durante a última guerra e agora, talvez para variar ou porque a necessidade de evasão é menor, passou a aparecer mais vestida e um pouco menos tola.

A's vezes surgem grandes cartazes a anunciar os segredos extraordinários de algum harém oriental. E para que as revelações sejam ainda mais aliciantes, informam-nos que elas são feitas directamente por uma jovem inglesa que viveu sequestrada no palácio de um xeique árabe. E' geralmente uma reportagem em série, para obrigar à compra regular do jornal e aumentar a tiragem. O mais surpreendente é que o processo do resultado e que um ou outro, dos «periódicos respeitáveis» recorre sorrateiramente ao mesmo sistema, como fez o «Sunday Times» ao publicar as memórias da mulher de Mussolini.

Todavia as fronteiras estão bem demarcadas entre a «imprensa popular» e a «imprensa respeitável». Os sociólogos criaram até um palavrão técnico para definir este tipo de imprensa que tem sabido ganhar o interesse do público — os «tabloids». De facto a degradação do gosto encontrou momento oportuno e terreno propício para se desenvolver. Em face das dificuldades reais da vida presente, o inglês mé-

dio busca naquelas páginas um alívio, um exotismo e uma fuga que o levem a esquecer a sua situação, não se dando conta que atribui uma importância excessiva e mórbida a aspectos triviais da existência.

Perante um tal estado de coisas apareceram agora protestos veementes da parte de um grupo de jovens intelectuais. Os seus ataques à imprensa não usam um vocabulário de cariz erudito, mas são talvez por isso mesmo mais incisivos. Para eles a imprensa dominical divide-se em duas categorias — «a dos grão-finos» — «posh» — a «imprensa reles» — «wet». Englobam ambas no seu desprezo ostensivo pelas publicações periódicas e, de um modo geral desdenham de quase todos os órgãos de informação existentes. Que os desgostasse o que se passa com estes jornalecos de segunda ordem, vá lá, era justo e acertado. Agora que dirigissem as suas inectivas coruscantes contra uma imprensa grave e sisuda era um pouco exagerado.

A reacção não se fez esperar do lado alveado e a grande maioria assentou a luneta irritada sobre os moços inconvenientes. Mas uma coisa ficou. Que a isenção da imprensa britânica num país com plena liberdade de expressão não era assim tão completa, como se tinha julgado, e que a busca pura e simples da verdade não era a preocupação capital do jornalista.

Vieram à superfície certos factos poucos desejáveis. Acentuou-se que a grande imprensa dependia de fortes interesses financeiros e que altas personalidades, como Lord Beaverbrook, controlavam intermináveis cadeias de jornais. Lembra-ram-se incidentes já esquecidos sobre o trato dado na prisão ao Cardeal Midsentsky e circularam algumas declarações dos repórteres que assistiram ao julgamento. Com elas procurou-se provar que muitos dos telegramas enviados às redacções dos jornais não permitiam os relatos sombrios que depois se publicaram.

Fosse como fosse, o certo é que isto trouxe à baila outros problemas, e um deles foi a difícil situação económica do «Daily Herald», quotidiano do Partido Trabalhista. Levantou-se polémica acesa entre alguns dos militantes mais destacados, que exigiam que o jornal passasse a ser financiado e editado pelo conjunto das organizações sindicais, arrancando-o, assim, à «Oldham's Press», poderosa organização industrial privada, que é na realidade a proprietária. Para alguns esta situação dava pouca garantia da integridade de princípios e justificava o desinteresse da massa laborista pelo seu jornal. No fim tudo se acomodou sem vezames nem palavras feias e a empresa continuou de posse dos seus direitos. Os descontentes é que não se calaram e murmuram à boca pequena que aquilo foi uma abdicação.

Estes e outros factos, sem ter um carácter de revelação fresca, vieram abalar as camadas ilustradas do país. As culpas imputadas aos Três Grandes atingiam também o «Manchester Guardian», que tem sido o campeão indómito e impoluto do Liberalismo, e ainda o seu confrade da ala socialista, o «New Statesman».

O inglês que confiava até agora no noticiário geral, que lhe fornecia qualquer dos três diários, vê-se de repente na necessidade de dar um relance a um numero muito maior de periódicos, a fim de poder exercer uma certa verificação de dados e inteirar-se da verdade. Para a grande maioria isto é praticamente impossível e então não há senão um processo, pelo menos perante aqueles problemas em que se pode tomar partido — boicotar o jornal. Foi o que sucedeu durante a crise do Suez. O «Times», que dera o seu apoio à acção do Governo, viu as suas tiragens diminuídas, ao passo que aumentavam as do «Observer», que a condenava.

Mas nas circunstâncias actuais é curta a memória das gentes e desce sobre tudo um véu de esquecimento que leva invariavelmente à leitura desprevenida. Ou então fica um rasto de desconfiança e de cinismo bem humorado à espera de novo incidente revelador. E daí talvez que a situação de um jornal independente e desinteressado, acima de particularismos individuais e interesses colectivos, seja impossível no mundo de compromissos em que vivemos. A dúvida, se não é o primeiro caminho do pensamento lógico, torna-se corrosiva e cria um clima de desencanto. E aqui os problemas que ela levanta são tão complexos e variados, que mais vale ouvir um tango argentino, ou dar uma espreitadela, pelo rabicho do olho, à última «pin-up» em biquini, ou às pernas da Sofia Loren...

LUIS REBELO

Setembro, 58.

Fim de semana feliz

(Continuação da página anterior)

na retiro uma satisfação. A perda de tempo não foi grande, nem o prejuízo. Imagine que lhe aconselhava um passeio longe. Ficávamos de relações cortadas pela certa...

Ora o tempo variável mantém-se. Nuvem vai, nuvem vem... Vento ora de um quadrante ora de outro. Senhora da Conceição faça Sol e chuva não...

Não vale nenhum conselho para uma surtida em grande escala. Tempos melhores hão-de vir, leitor, deixe lá. Optimos domingos ainda estão na forja, que o sei de fonte limpa. Portanto, amigo leitor, tenha paciência e faça o que lhe digo, não fique em casa e não vá para muito longe...

Muito importante: não ficar em casa... O nosso espírito ainda não está suficientemente maduro para aceitar a reclusão voluntária. No Outono e no Inverno, então sim. Agora ver cinzento lá fora é ficar cinzento por dentro... Saia, com a mulher e os miudos, ou com a moça. Escolha uma praiazinha perto, de onde possa regressar breve e sem contratempos de «bichas», demoras, despesas, o diabo... Sabe que ver o mar já conforta! Sou como o poeta que disse: «Nenhuma janela de onde se veja o mar é pobre...» Ao nosso equilíbrio faz falta, de tempos a tempos, uma ainda que

sumária integração na natureza. On-da levantada que somos, bichos com uma consciência dentro (a doença da ostra é a pérola...), temos por vezes a sensação de que se quebraram as amarras com o resto do Mundo que também somos. Uma vista ao mar, ou á serra, ou uma viagem ás estrelas por noite clara, repõe-nos no nosso lugar cósmico e o equilíbrio fica restabelecido.

O meu amigo F. S., que se encontra a passar as férias em Seia é da mesma opinião. Aconteça o que acontecer este mês de horizontes novos ninguém lhe tira: «Não há nada que empobreça mais — diz ele — do que os dias que não mudam de vestido!»

Por isso lhe aconselho a não ficar em casa, a dar um giro por aí fora. E se em vez da praiazinha modesta que lhe aconselho procurar um bosque, ou um parque, um recanto sombreado, não se esqueça de levar um canivete para gravar um nome no tronco do eucalipto ou na folha m oleado cacto... Não sorria de troça, amigo leitor, e faça o que lhe eu digo. Seja capaz ainda desse gesto natural de quem nasce para a vida — e para o amor... De quem, gravando um nome ou uma inicial no costado pene da matéria acredita estar a enviar uma mensagem para a eternidade.

CICERONE

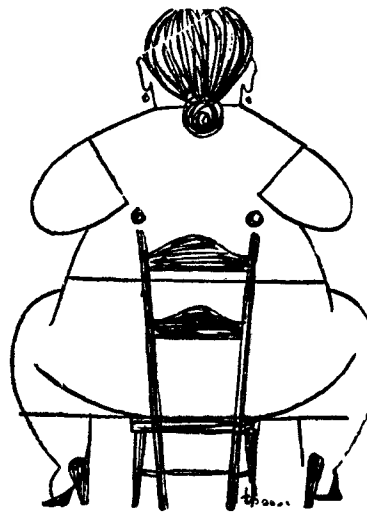
O Clube Simpático

Constituiu-se em Paris um novo clube feminino que se intitula: Clube Simpático das Mulheres Fortes (C. S. M. F.).

As reuniões efectuaem-se ao redor de uma mesa bem provida, visto que as mulheres do clube decidiram nada fazer para emagrecer. Condição «sine qua non» para fazer parte do grupo: possuir um mínimo de 80 centímetros de cintura e regozijar-se com isso.

Afirma-se no Clube Simpático que o culto da magreza é um absurdo. No fundo — declara-se — os homens preferem as mulheres com recheio...

Pode ser. A controvérsia deslocou-se em Paris, das loiras ou morenas para gordas ou magras. Tempestade num copo de água. A verdade é que as mulheres gordas hão-de continuar a desejar ser magras, e as magras hão-de continuar a engordar um pouquinho mais. O resto é «clube»...



O segredo dos encantadores de serpentes

Foi a leitura de uma comunicação feita pelo dr. Auguste Chevalier à Academia das Ciências de França que me desvendou o segredo dos encantadores de serpentes. Até aí, seguindo o velho pendão humano para o maravilhoso, supus que esse dom de transformar terríveis ofídios em inofensivos ameixinhos bailadores seria mais uma manifestação daquele miraculoso poder atribuído aos faquiras, aos iogues e aos velhos feiticeiros negros. Mas mais uma vez a ciência conseguiu demonstrar que o gosto do maravilhoso não passa afinal de uma idealização da nossa ignorância e que a realidade se situa, a maior parte das vezes, no polo oposto ao da nossa delirante imaginação.

O dr. Chevalier começa por contar na sua comunicação como travou conhecimento, durante uma visita à Guiné francesa, com três enfermeiros indígenas do centro estival de Dalaba, que sabiam capturar sem risco as serpentes mais venenosas. Os referidos indígenas agarravam-nas facilmente á mão e colocavam-nas no peito ou em volta do pescoço, sem que os perigosos animais manifestassem a menor agressividade. Se em seguida as colocavam no solo e desde que algum deles cantasse ou batesse com os dedos num tambor, logo as serpentes se dirigiam para o ponto donde partia o som. O dr. Chevalier afirma ainda que o «encantador»

chegava mesmo a entreabrir-lhes a boca para mostrar que os dentes venenosos e as glândulas das cuspidas estavam no seu lugar, não sendo possível qualquer mistificação.

O segredo desse «encantamento» das serpentes, como depois lhe foi revelado, consistia na simples operação de friccionar o corpo e as mãos com uma pasta feita com três plantas verdes da região, esfregando em seguida com ela o corpo do ofídio. A operação concluiu-se com a introdução na boca da serpente de um pouco do mesmo produto vegetal, posto o que se poderia manejar a sem o mínimo risco. Essa acção inibidora da agressividade durava cerca de oito dias e a operação poderia ser recomeçada várias vezes.

Receio bastante que este processo natural de «encantar» serpentes, relatado pelo dr. Chevalier, seja de molde a «desencantar» um tanto o amigo leitor. Falta ainda, porém, uma explicação para o facto dos chamados «selvagens» terem atingido empiricamente o conhecimento da acção exercida sobre as serpentes pelas tais mágicas ervinhas. Que esta margem de mistério chegue para contentar as pessoas sedentas de maravilhoso, são os nossos sinceros votos.

A. B.

GANHE 100\$00

com um sorriso nos lábios

Satisfeitos com o grande êxito deste nosso concurso semanal, vamos hoje propor a definição da palavra (somos «amigos da onça», não acham?)... da palavra

AMOR

A definição deverá ser curta, como calculam, assim tão simples como um provérbio.

Além da resposta do Vencedor, publicaremos todas as que merecerem, com menção do nome do autor.

As respostas devem estar em «MAGAZINE», Rua Luz Soriano, 48, até ao próximo dia 15 de Setembro.

Felicidades e muito espírito inventivo!

Seguidamente, como prometemos, vamos publicar as melhores definições das palavras «CINEMA» e «BOTA», tema dos Concursos semanais do «MAGAZINE» N.º 5 e 6.

CINEMA

O VENCEDOR

● CINEMA É A ARTE DE NO ESCURO MOSTRAR TUDO AS CLARAS

José Luis Pessoa da Graça — Calçada Moimho do Vento, 11, r/c., Esq. — Lisboa.

● São ilusões em conserva

E. Lass — Couraça dos Apóstolos, 3 — Coimbra.

● É uma arte que mostra que, por vezes, a vida é uma fita

Eduardo José Serralha — Santarém — S. João da Ribeira.

● Cinema é uma fogueira mágica de queimar o tempo

João Salsa — Rua Possidónio da Silva, 158, 3.º, Dt.º

● É o sítio para onde vão os namorados quando não há bancos vazios no jardim

Armando Madeira — Rua das Gai-votas, 11-B, 2.º, Dt.º — Lisboa.

BOTA

Esta semana não podemos publicar todas as definições excelentes que nos enviaram. Vão ler apenas a do Vencedor e mais umas poucas. Na próxima semana publicaremos as restantes.

O VENCEDOR

● BOTA — COISA PARECIDA COM MUITAS PESSOAS: SO SENTE BEM COM MUITA GRAXA

Eduardo José Serralha — S. João da Ribeira — Santarém.

● Bota é o Santo Graal dos Parsifais descalços

António Luis Valente Gancho — Rua General Taborda, 34, 1.º, Dt.º — Lisboa.

● Bota — disfarce anfibio de sapato

Eurico Prestes Carregado — Avenida D. João I, 7, cayé, Dt.º — Almada.

● Sapato a que puxaram as orelhas

E. Lass — Couraça dos Apóstolos, 3 — Coimbra.

● Bateira onde viajam os calos

Manuel de Jesus Carreira — Rua da Amargura, 7-A — Caldas da Rainha.

● Bota — é quase sempre: Feio para usar. Fácil de dar. Difícil de descalçar. Perigoso, arranjar um par.

Faustino Soares — Rua Mousinho da Silveira, 5 — Lisboa.

● É uma coisa com entrada, mas muitas vezes sem saída

L. B. Neves — Rua Victor Cor-don, 24, 1.º, Esq. — Lisboa.

Viagem breve ao MUNDO DOS POETAS (1)

Por ALFREDO BRÁS

Quem conseguirá dizer o que é a poesia? Tentou Novalis defini-la como «o autêntico real absoluto» e se com isto quis afirmar que só através dela o homem consegue contactar com o essencial de si próprio, com a sua íntima realidade, concordamos em parte com a definição, muito embora pensemos, como o grande António Machado, que:

*«No es el yo fundamental
eso que busca el poeta
Sino el tu esencial».*

Afirmou Baudelaire que «a poesia é a infância reencontrada, e se assim pretende ver nela uma tentativa de renovar a pureza dos instintos, uma reacção contra o envelhecimento do Mundo, estamos igualmente de acordo. Mas que importância final dizer o que é a poesia «em si», se ela só plenamente se realiza pela comunicação humana? A poesia, amigo leitor, são os poemas e não será de uma indefinível abstracção, mas desses homens reais e concretos, que iremos falar-vos um pouco.

Homens reais e concretos, mesmo os mais reais e concretos de todos os homens por serem os mais íntimos da vida, não obstante o arrastado preconceito que leva a maior parte da gente a olhar os poetas como seres perigosos, visionários ou mesmo loucos.

Concedemos que alguns poetas têm de facto dado fortes motivos de reparos, que os exemplos de Edgar Poe, Baudelaire e Rimbaud,

ta que tombava bebado e epilético nas ruas de Baltimore, Baudelaire, seu irmão no génio e na desgraça, desejou ter escrito: «Todos vós que, com ardor, trabalhastes na descoberta das leis do vosso ser, que tendes aspirado ao infinito e cujos sentimentos recalçados tiveram de procurar um terrível lenitivo no vinho ou no deboche, rezai por ele». Certamente a hora virá em que este patético apelo de Baudelaire será escutado por todos os homens, mesmo por aqueles que nunca tiveram de procurar tão terríveis lenitivos, e, a partir desse momento de luminosa compreensão, não mais haverá nenhum autêntico poeta que possa ser maldito.

Mas se, como disse Miguel Torga, o desespero é «a triste madrugada dos poetas», também é certo que nem sempre ele conduz à lamentável renúncia de Rimbaud, ou a trágica degradação de Poe e de Baudelaire; muitos acabaram por encontrar o fértil caminho da esperança e da alegria na comunhão com os outros homens e será de alguns desses poetas fraternos que iremos falar-vos.

Começemos por Walt Whitman. Poeta dum só livro — «Leaves of Grass» (Folhas da Erva), a que Emerson chamou «o livro mais cintilante e mais profundo que até hoje a América produziu», Whitman travou uma luta sem quartel contra o seco formulário da nossa velha civilização e quis dar ao seu jovem e forte povo uma poesia á altura da ingente tarefa que a nis-

tes autómatos. E por isso Whitman anuncia previamente aos seus possíveis companheiros:

*«O meu clarim é o clarim da bata-
Viagem breve ao mundo dos poetas
por Alfredo Brás*

*[Iha, eu proclamo a rebeldia
[actuante, há-de vir
aquele que vier comigo bem corajado,
aquele que vier comigo sujeita-se
[com frequência a razões frugais,
[misérias, inimigos ferozes, aban-
[donos].*

Solidário com todos os homens que caminham decididamente «para longe das fórmulas sem luz» em direcção a um futuro luminoso, o poeta encontra nessa comunhão toda a sua dimensão e a sua mais profunda humanidade:

*«Sou maior, sou melhor do que pen-
[sava,
ignorava conter tanta bondade».*

Não há como acabeis de ver, qualquer sombra de desespero no canto do grande poeta norte-americano, antes se desprende dele uma incofinda alegria, uma força transbordante e uma ilimitada confiança nas possibilidades humanas. E se tanto nos detivemos em Walt Whitman, com prejuízo do espaço a dedicar a outros poetas, é porque o consideramos um precursor do género da poesia que mais amamos: uma poesia, didáctica e épica mas sem perder o indispensável lirismo e sem tombar na balofa retórica; uma poesia, enfim, que convence pela presença viva do poeta («Eu e os meus não convencemos por argumentos, imagens, poesia, convencemos pela nossa presença»).

Queríamos, no entanto, falar-vos ainda de outros poetas que também muito amamos e cujas obras constituem, segundo nós, a mais elevada expressão da poesia actual. Falar-vos de António Machado, o grande poeta espanhol morto no exílio, alto exemplo de integridade poética e humana, que lançou este sábio aviso á tentação solitária de certos homens:

*«Poned atención:
un corazón solitario
no es un corazón».*

Não poderíamos também silenciar o nome de Federico Garcia Lorca, o jovem poeta andaluz estupidamente assassinado em Granada, «en su Granada», poeta íntimo da vida do seu povo e que soube unir em luminosa síntese o mais velho da tradição hispânica com o mais moderno e arrojado da expressão poética do nosso tempo. Dele disse Vicente Aleixandre «que sus brazos se apoyaban en el aire, pero que sus pies se hundían en el tiempo, en los siglos, en la raíz remontísima de la tierra hispánica» e é supomos não ser possível definir melhor essa mágica poesia dissipadora de sombras, sem dúvida a mais sensual, alegre e colorida que a Espanha até hoje produziu. Repare-se, por exemplo, neste fragmento dum dos poemas de Lorca a que o fatalismo do povo andaluz parece ter imprimido uma presciência do seu fim próximo e trágico e verifique-se que nem mesmo aí se dissipa a alacridade do extraordinário poeta do «Romancero gitano»:

*«Quando eu morrer,
enterraime com a guitarra
debaixo da areia.*

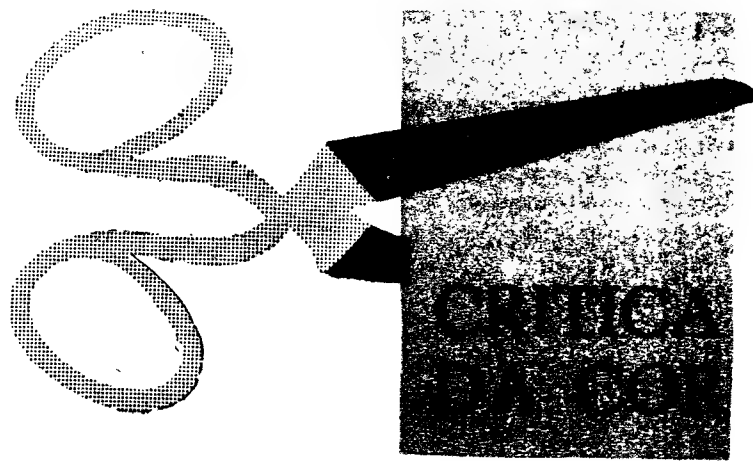
*Quando eu morrer
entre as laranjeiras
e a hortelã.*

*Quando eu morrer
enterraime, se quereis,
num cata-vento.*

Quando eu morrer!

Ninguém ainda hoje sabe onde se encontra o corpo do poeta assassinado. Diz-se que na noite da sua morte o luar tão querido de Federico — «la luna de par en par» — banhava de prata «su» Granada e que o poeta perguntou aos seus carrascos se eles iriam matá-lo com um luar assim. Lenda ou verdade, eis uma interrogação que muito bem pode ter sido feita por um apaixonado da vida, como era Lorca, aos que pretendem arrancar o luar aos olhos dos poetas. O corpo de Garcia Lorca continuará incógnito em qualquer recanto da terra espanhola, mas a sua poesia, tão intimamente ligada á terra e ao povo da Espanha, vive e viverá no coração dos homens sensíveis de todo o Mundo.

(Continua no próximo numero)



A pontamentos para os tempos futuros

Hoje pareceu-me que valeria muito a pena contar-lhe o que sucedeu há coisa de um ano quando surgiu o primeiro numero do jornal de António Quadros — o «57». Você, que estava longe, não o leu — presumo — e talvez nem lhe tenha mesmo dado pela existência. Porque lhe falo, então, no caso? Por me parecer iminentemente significativo dum vício da nossa Cultura e revelar mais uma faceta do «HOMO ORTHODOXUS LUSITANUS ANTI-QUISSIMUS» — sua forma de viver e conviver no mundo das ideias.

Havia, pois, saído o primeiro numero daquele jornal e de pressa os batráquios intelectuais começaram a coaxar as suas reacções. Uns diziam bem; outros diziam mal: Você acha a «coisa» naturalíssima — e eu concordo. Havia, porém, uma curiosa característica que aproximava estranhamente os campos rivais: era o tom fanático de cruzada, a convicção inabalável de que, num lado e noutro, se andava a «dar cabo» do infiel.

Como você calcula, o assunto começou a tornar-se-me deveras interessante e a pedir um pouco de meditação. E foi isso mesmo o que fiz. Continuei, pois, o meu papel de observador, neutro, como convinha — e nesta missão, tomei uma decisão que me pareceu indispensável: «comprei o jornal»!

Assim, inteli as suas teses e parei-me para discuti-las, sem malícia, com vários adeptos dos dois bandos rivais. Durante mais de uma quinzena em que nisto persisti, rasgaram-se-me nem Você imagina que novos e insuspeitados horizontes...

Confesso que nos contactos iniciais me senti um pouco perturbado. Mesmo mais que perturbado — perplexo. O meu primeiro interlocutor, um «adepto máximo» do jornal, levou-me logo a crer que a doença era grave. Na hipótese, porém, de estar enganado, resolvi suspender o diagnóstico iminente. Mas o pior veio a seguir, quando me sujeitei á ofensiva dum «inimigo máximo» daquele mesmo jornal. Comecei então a compreender

que fizera bem em adiar o diagnóstico, pois a doença era muito mais complexa e exigia grande apuro de exame.

Continuei, portanto, a saltar dum mundo de adeptos para um mundo de adversários e dum mundo de adversários para um mundo de adeptos... Apesar de tanta evidência acumulada, de tanta certeza de pedra e cal, eu julgava-me em sonho e furtava-me a assinar a conclusão impiedosa. Neste compasso de espera sucedia que umas vezes me ria a bandeiras despregadas e que noutras não chorava, porque, segundo a lei do fado — «é feio um homem chorar»...

Mas que estranho ar de família em dois mundos tão opostos! — eis o que, invariavelmente, me encontrava a repetir depois de novos contactos com amigos e inimigos do «57». Um dia, finalmente, enchia-me de coragem e assumi a responsabilidade duma conclusão. Duma conclusão extraordinária. Nada mais e nada menos que esta verdade inverosímil, mas duramente demonstrada: os amigos e inimigos de «57» (com quem falei) tinham de comum a estranha fraternidade de nunca terem lido aquele jornal! Erguiam-no aos cornos da lua ou abismavam-no nas profundezas dos infernos sem ao menos lhe conhecerem uma simples linha! Vero e bene trovato...

Sé então me foi possível compreender muitas coisas até aí incompreensíveis. Que entre nós, por exemplo, em virtude de uma degenerescência das ortodoxias — um livro, uma revista, uma teoria, uma ideia são verdadeiras, são justas apenas na medida em que pertencem ou não ao nosso grupo, á nossa cor. Se pertencem ao nosso grupo, á nossa cor — nós não temos o livro, não temos a revista, não conhecemos a teoria, ou a ideia — e dizemos bem. Se não pertencem ao nosso grupo, á nossa cor — nós não temos o livro, ou a revista, nada sabemos sobre a teoria ou a ideia — e dizemos mal. A crítica não passa assim, dum pobre e miserando fototropismo. Coisa em que muito nos assemelhamos ao gira-sol. Pelo menos ao gira-sol.

DIÓGENES

Maravilhas da ciência

Menos espectaculares que os satélites artificiais e a energia atómica, muitas experiências não menos importantes, se estão levando a cabo no silêncio dos laboratórios.

Para permitir á Humanidade futura alimentar-se numa Terra superpovoada, os fisiologistas esforçam-se por arrancar ás plantas os seus segredos para criar novas espécies alimentícias.

Para tentar achar a causa de algumas das mais graves doenças — entre elas o cancro — os biólogos inclinam-se para as reacções misteriosas do sistema nervoso. Espe-

ra-se mesmo poder um dia transformar os caracteres humanos.

Resultados muito positivos foram já conseguidos pelo doutor Decourt que experimentou alguns dos seus produtos em cavalos de corrida atacados de medo, de angustia. Muitos «puro-sangues» não «queriam» correr. Manifestavam sintomas de angustia: suor, nervosismo, hesitação... Após tomarem medicamentos apropriados, todos esses sintomas desapareceram.

Não há duvida: o mundo onde vivemos é um poço sem fim de mistérios e de maravilhas.



...Uma reacção contra o envelhecimento do mundo

entre outros, são de molde a justificar as desconfianças dos homens chamados «sensatos». Reconhecemos também que os poetas, reagindo contra a pobreza mental e moral da gente «prática» e «cordata» e no anseio de dela se distinguirem, têm eles próprios reivindicado algumas vezes o título de visionários e de loucos. Recordamos mesmo o célebre poema onde José Régio proclama orgulhosamente:

*«Eu tenho a minha loucura!
Levanto-a, como um facho, a arder
[na noite escura,
E sinto espuma, e sangue e cânti-
[cos nos lábios».*

Desregramento e loucura são, porém, manifestações de natureza excepcional dos poetas, da sua impossibilidade de pactuarem com o simulacro de vida que é a nossa triste realidade quotidiana, da sua incessante busca de harmonia e de comunhão humana. Recusando-se a trilhar os caminhos por onde os construtores da infelicidade alheia conduzem o vasto rebanho dos resignados, e não tendo conseguido encontrar a larga estrada da fraternidade, os poetas «malditos» enveredaram então por estreitas e perigosas sendas.

Eles não queriam perder-se nesse estéril desespero que levou Rimbaud a confessar: «compreendi que a volta da justiça levaria mais tempo a reproduzir-se que uma estrela. Desta vez, na verdade, chorei mais que todas as crianças do Mundo». Eles não procuravam inicialmente tristes sucedâneos da vida em «paraísos artificiais», mas a angustiante realidade arrastou-os inexoravelmente para caminhos de degradação onde só o milagre da inocência poética os pode ter salvo. No tumulto de Edgar Poe, o genial poe-

tória parecia então destinar-lhe. Uma poesia completamente nova, arejada, construtiva, sincera e capaz de ajudar a forjar um Novo Mundo pleno de dinamismo, esperança e dignidade tal foi o sonho do grande poeta americano. E se os mesquinhos interesses privados conseguiram impedir momentaneamente a realização do mundo prometido na sua profética poesia, esta permanecerá no entanto como um cântico de esperança nas enormes possibilidades que o homem tem de vir um dia a construí-lo.

Um dos mais belos poemas do livro de Whitman é o conhecido «Song of the Open Road» («Cancão da Estrada Larga») e nele mais do que em nenhum outro se sintetiza toda a poesia do autor das «Folhas de Erva». Logo o começo do poema nos dá exacta ideia da amplitude sinfónica da poesia de Whitman e do seu horror ás estreitas limitações, tanto da poesia como da vida:

*«A pé e de alma descuidosa vou to-
[mar pela estrada larga:
Sadio, independente, com o Mundo
inteiro diante de mim,
com o largo trilho alvacento diante
[de mim, levando-me aonde quer
[que eu sonhe».*

Mas o poeta não é um solitário explorador das estreitas rotas individuais que a parte alguma conduzem. A sua estrada é bastante larga e nela cabem todos os homens «sem preferência nem recusa». Ele sabe bem que a sua missão é despertar as almas sonolentas e guiá-las pelos árduos caminhos do futuro. Despertar e não narcotizar, repare-se bem; levar consigo homens livres, voluntários conscientes das dificuldades e dos perigos da longa viagem e não inconscien-

NIJINSKY

O deus da dança (2)

A VIDA QUOTIDIANA E Há 138 anos — As

por Augusto da Costa Dias



Apenas com 16 anos, Nijinsky está de posse da mais completa maestria de bailarino. Eleva-se como se não obedecesse às leis da gravidade e fica, por momentos, suspenso no ar. Salta mais de sete metros, como se fosse uma flecha. Quando se move há a esquisita sensação de que seus pés tocam e não tocam o solo. E a juntar a tudo isto, Nijinsky possui a mais consumada arte histriônica. Não admira, pois, que Obukhov concebesse e conseguisse realizar o ousado projecto de o apresentar em publico antes mesmo do exame final, na escola. Foi num «pas de quatre» intercalado no «Don Juan», de Mozart. O publico agita-se em delírio e no dia seguinte Svetlov, o crítico severíssimo, escreve: «Este rapaz eclipsará um dia pela sua arte qualquer outro bailarino do Mundo».

Depois deste primeiro êxito, é Fokine quem o apresenta nos seus renovadores bailados — «Pavilhão de Armida» e «Despertar de Flora», dois novos êxitos absolutos. Finalmente na Primavera de 1908 apresenta-se a exame final, no mesmo «Don Juan», de Mozart.

Quando sai do palco, é calorosamente felicitado por todas as grandes estrelas, e Kschesinskaya — a «prima ballerina assoluta» — diz-lhe: «É um génio, Nijinsky. Quero que seja meu par no próximo Verão».

O pior é o exame escolar. O maior bailarino do Mundo falhará a sua carreira por causa duma reprovacão em História? A direcção da escola manda repetir o exame, e nessa ocasião Nijinsky já sabe antecipadamente o que lhe irão perguntar...

Agora, ao terminar a escola, Nijinsky tem 18 anos, é chefe de família, pois tem a mãe e o irmão a seu cargo, e entra no Bailado Imperial. Como o ordenado é pequeno, dá lições aos filhos dos milionários e parte em digressões pela provincia, mal chegam as férias. No Verão desse ano dança para o czar, ao lado de Kschesinskaya. O monarca oferece-lhe pessoalmente a joia com que costuma premiar os artistas excepcionais: um relógio de ouro com o seu monograma. Nijinsky está na moda. Toda a nobreza o solicita. E ele, deslumbrado, segue os seus antepassados em intermináveis noites de boémia, nos mais fabulosos restaurantes nocturnos.

É numa dessas noites que Serge Diaghilew lhe aperta cordialmente a mão e se confessa feliz por encontrá-lo. Diaghilew faz um discurso em que revela os seus ambiciosos projectos: revelar a Paris, a todo o Mundo o Bailado Russo! Conta com grandes artistas, «com os maiores bailarinos — Pavlova, Kschesinskaya, e com você, Nijinsky» — diz.

Apartir daí Diaghilew vai assistir aos treinos do jovem bailarino.

Na Primavera de 1909, os Bailados Russos preparam a digressão a Paris. Durante cinco anos a história de Nijinsky confundir-se-á com a dos Bailados Russos.

Em Paris, Nijinsky causa verdadeiro espanto: chamam-lhe «Mensageiro do Céu», «Figura de Sonho», «Espírito criando espontaneamente a graça»... No Inverno de 1909-1910, já de novo na Rússia, continuam a preparar-se para a segunda temporada em Paris, onde voltam nessa Primavera, onde o genial bailarino dança «Sheherezade», o «Carnaval» e o «Passaro de Fogo». Após o assombroso triunfo destas duas temporadas — afluem propostas de contrato de todo o Mundo. Para aceitá-las, Diaghilew necessita, pelo menos, da colaboração de Nijinsky,

atrás do qual todas as grandes estrelas virão. Nijinsky provoca um incidente pafá se fazer despedir do Bailado Imperial e em Setembro de 1911 abandona a Rússia para não mais voltar.

Diaghilew pode então pôr em prática o sonho duma Companhia permanente de Bailados Russos. Na primeira digressão que fazem, apresentam em Paris, no Teatro do Chatelet (Junho de 1911) a célebre «Petrouchka». «Petrouchka» tem uma importância fundamental na vida de Nijinsky, pois, segundo vários autores, dela data a actividade criadora de Nijinsky, como coreógrafo. Nessa época interpreta o «Espectro da Rosa», que deslumbrou uma geração. «Não era já um ser humano — diz um crítico — que abandonava o quarto do fantasma para regressar ao espaço e se confundir com as madeiras argenteadas duma noite de verão — era o sopro aromático, era realmente a própria sombra da rosa, da vertigem, do sonho e do sono...»

Embora durante apenas 8 minutos, este bailado exige um esforço sobre-humano. No espectáculo em favor das vítimas do terramoto de Messina — o publico pede bis e Nijinsky aceita, para depois cair sem acôrdo no camarim.

Deixando Paris, apresentam-se em Londres, onde a aristocracia envolve o artista numa teia que não lhe deixa um momento de repouso. «Se alguma vez endoidecer, acredita, Anatola (amigo de infancia), que será o tributo da vida que fui obrigado a levar. Nasci para a dança, sim, mas para a sociedade e para todo o resto, nunca».

Lentamente se faz nele uma maturação. «Não sou um saltador, sou um artista!» exclama. E de regresso a Paris passará uma parte do Verão a pensar na coreografia da «Tarde dum Fauno». Diaghilew incita-o ao ouvir as suas teorias estéticas: rejeição da «graça pela Graça», passos e gestos naturais, estreita correspondência espiritual entre o desenho coreográfico e a musica.

Condensação de «A Vida de Nijinsky», por Françoise Reiss, editada por ESTUDIOS COR. E' o 4.º volume da Coleção «DESTINOS», a que pertencem «A VIDA DE VAN GOGH», «A VIDA DE DOSTOIEVSKY», e «A VIDA DE TOULOUSE LAUTREC».



Tratando-se, como vimos no artigo anterior, de uma Campanha eleitoral — os leitores esperam de certo, agora, que lhes mencione um certo numero de factos. E partidos políticos? — perguntarão. E propaganda eleitoral? Havia candidatos a deputados, apoiados por comissões eleitorais com suas secretarias e estribilhos políticos?

Nada disto havia. Não devem, no entanto, esquecer que o País passava de uma velha situação absolutista de opressão e de indiferença civil, para uma nova situação liberal, que pedia a cada homem responsável uma constante e activa presença na vida do País. O primeiro sinal desta presença era a escolha dos dirigentes da Nação.

Mas aonde? Os grandes vultos liberais não eram conhecidos do publico, embora pouco tempo depois viessem a mostrar a sua competência, cultura e honestidade. Nesse tempo nem sequer, aliás, havia um publico com o sentido nacional que a palavra hoje possui. A inexistência de estradas, a falta de jornais que levassem a todo o lado as mensagens de uma nacionalidade comum, a falta de um Código de Leis igual para toda a gente e em toda a parte do País — fazia com que não existisse uma opinião publica de carácter nacional. A nossa Terra era em muitos aspectos differentissima da que hoje pisamos e amamos — e a transformação começou precisamente com a grande Revolução de 1820. A mentalidade portuguesa anterior a ela — era a velha mentalidade regional, limitada ao rincãozinho camponês, de olhos fitos nos três palmos de terra do lugar, muitas vezes hostil aos das comarcas vizinhas, por mor desses três palmos; nas vilas e pequenas cidades (todas as de então, afóra Porto e Lisboa) o fenómeno era o mesmo: os homens não pensavam em termos nacionais, não possuíam sequer ideia de nação; governavam-se aqui por certas leis e costumes que, quilómetros adiante, já variavam; os pesos e medidas deferiam também de terra para terra; e se se promettesse aos Portugueses de 1820 — «vamos fazer uma revolução, uma transformação em todo o País» — eles olhariam o propagandista com secular desconfiança ou com o maciço bom humor, filho do «bom senso». Revolução não sabiam o que fosse e se o nome já lhes tivesse assomado às orelhas não era decerto acompanhado de fama muito honesta; acerca de «transformação» já faziam uma ideia, embora não do País — coisa a modos de fim do mundo, perdida entre atalhos e matagais e rios e montanhas; em seu entender os melhoramentos só tinham sentido «lá no sitio», á vista do campandêiro. A mentalidade portuguesa era, de

facto, uma mentalidade de campandêiro: os homens viviam, lutavam e morriam á sombra do campandêiro da terra.

Agora já o leitor admite que não houvesse correntes de opinião organizada á escala inteira do País — pois nem o absolutismo (que reduzia todas as opiniões a uma só — a official), nem o regionalismo em que se pulverizava o País — o permitiam.

Qual, portanto, o objectivo das eleições? Escolher uma Assembleia de cidadãos que a gente de cada região do País apontasse como homens de bem, esclarecidos e sabedores.

Uma lei eleitoral

A lei eleitoral reflectia, de facto a situação do País. Por cada 30 mil almas elegia-se um deputado — que, na base do censo de 1801, de via dar uns 160 representantes. Para se chegar á escolha dos deputados, as eleições passavam por três graus, espécie de sucessivas metamorfoses por que passava, se robustecia e se afirmava o nascente espirito nacional: primeiro nas paróquias, depois nas comarcas, finalmente nas provincias.

No primeiro grau — nas Assembleias paroquiais ou de Freguesia — elegiam-se os chamados compromissários que, por sua vez, escolheriam os eleitores de paróquia, isto é do grau politico-administrativo imediatamente acima.

No segundo grau — nas Assembleias de Comarca — as juntas eleitorais eram, portanto, constituídas pelos eleitores de freguesia. Tinham por missão escolher os eleitores de comarca que, na capital da provincia, designariam os representantes desta.

No terceiro grau — reuniam-se, nesse caso, todos os eleitores de comarca que formavam as Juntas de Provincia. Eles escolhiam, finalmente, os deputados por cada provincia, os deputados da Nação.

Podia ser deputado todo o maior de 25 anos, residente na provincia há sete anos. E as formalidades a que obedecia a apresentação das candidaturas? Eis outro traço original das eleições de 1820: não havia candidaturas: a escolha popular foi espontanea e recaiu nos homens que, desde a paróquia á provincia, os povos apontavam como mais capazes de interpretar e defender o património comum.

Dois correntes doutrinais

Houve, evidentemente — e já o surpreendemos nos excertos de jornais publicados no artigo anterior — doutrinação politica, estruturada em torno de duas mentalidades que se afrontavam: a tradicionalista, inimiga de reformas, e a regeneradora, que pretendia transformar totalmente a vida do País.

Esta doutrinação manifestou-se, como é bem de ver, nos três graus

CRIMES

(Continuação da 1.ª página)

prezado os efeitos do vinho de Pernambuco...

Os anos passaram. Um dia, em 1954, Silva reapareceu no meu gabinete. Devo acrescentar, que não vinha por iniciativa sua: por sinal, um dos meus policias até o trazia pela gola.

Não se podia dizer que tivesse sorte, este rapaz! Silva fora preso quando se despedia de maneira pouco ortodoxa de uma rica viverda do Recife, a capital do Estado de Pernambuco. Depois de um arrastamento com inteiro êxito que lhe permitira fazer mão baixa sobre joias que valiam, pelo menos, uns quinze mil cruzeiros — ele saltara pela janela, como por vezes fazem os heróis de Hollywood, e aterrara na cabeça de um policia que fazia calmamente a ronda.

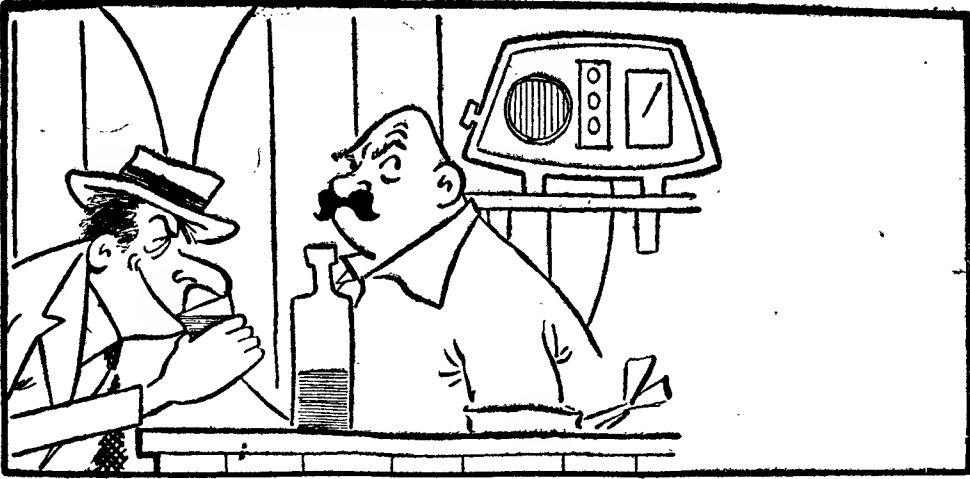
Como Silva possuía um cadastro pesado, apanhou uma pena de seis anos de trabalhos forçados e enviaram-no para a penitenciária de Pernambuco. Alí, encarceraram-no nu-

ma pequena célula de parceria com um criminoso que espiava a pena de quinze anos por assassinio. Chamava-se este João Simão.

Tempos depois soube que Silva e o seu companheiro eram naturais da mesma pequena cidade de Escada, que conheciam mutuamente as suas famílias, que conheciam o cura da aldeia e que, finalmente, haviam frequentado os mesmos botequins e as mesmas mulheres. Daí não tardarem em tornar-se amigos íntimos e em considerar-se irmãos. Juraram mesmo uma amizade eterna.

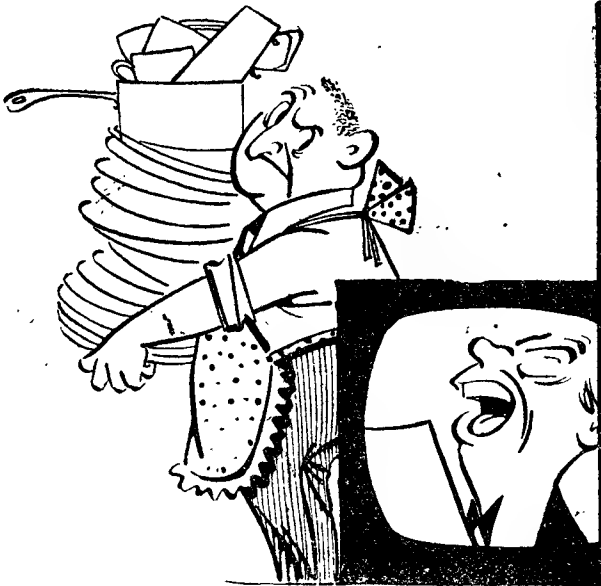
Na solidão da cela, muitas vezes lembraram os acontecimentos marcantes da sua movimentada existência. Começaram por contar histórias de família, histórias de juventude, histórias de amor, e acabaram por narrar as histórias dos seus crimes.

Chegou fatalmente a altura em que Silva contou o infeliz negócio em que ele, ladrão, acabara por ser roubado. José Simão escutou a história com muito mais interesse que o habitual. Fez perguntas sobre perguntas acerca do que se passa-

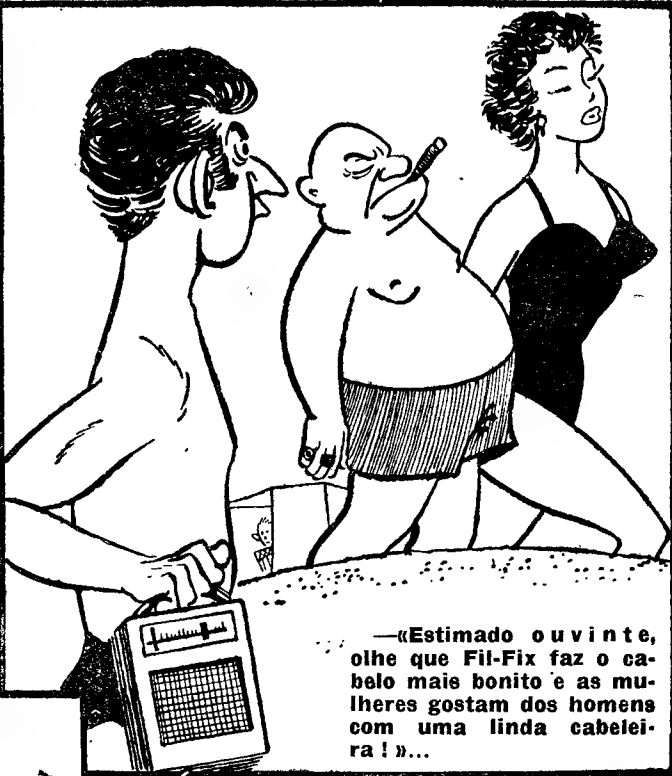


— «...Caríssimo ouvinte, conhece alguma coisa melhor que um bom cop, de água mineral Escaravelho ?!»...

ESSA OOKA
é uma coisa
muito boa



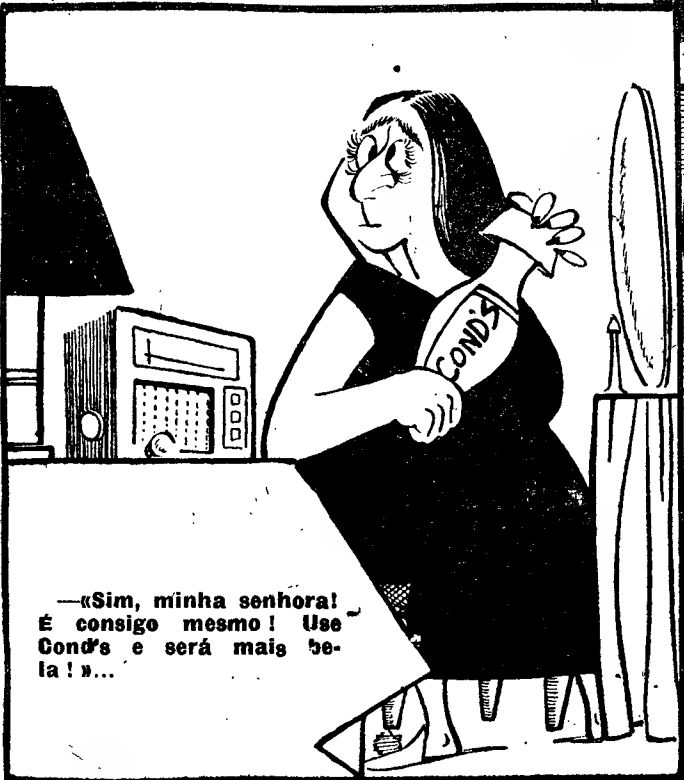
— «Quer ser mais forte? Mais viril? Mais másculo? Quer ser um homem?... Então tome Fortivite! »...



— «Estimado ouvinte, olhe que Fil-Fix faz o cabelo mais bonito e as mulheres gostam dos homens com uma linda cabeleira! »...



— «Querido Rádio-ouvinte: Porque não confia à Agência Kaska o seu plano de férias, na certeza de passar uns dias agradáveis ?!»...



— «Sim, minha senhora! É consigo mesmo! Use Cond's e será mais bela! »...



— «...Caro teleouvinte: Já experimentou o papel higiénico Rósinha ?!»...



AGORA
SIM!
O MELHOR
FILME
PORTUGUÊS!

ENTRADA



UM CASO POR SEMANA

Uma página de humorismo nacional

Não ria com RISO AMARELO!
Ria com o RISO BRANCO E SAUDÁVEL da pasta

DEX-CREME

PAGINA D

PERGUNTE para saber

Estrela sem brilho

O ponto «à-jour» turco e o ponto «à-jour» em quadrados não requerem a tiragem dos fios do tecido para se obter o efeito dos abertos. Este efeito é obtido pelo emprego de uma agulha grossa, que afasta os fios do tecido, e de uns pontos apertados, dados com linha «filoselle» Ancora, que mantêm o afastamento dos fios mesmo depois do tecido lavado e muito usado.

A técnica desses dois pontos é muito diferente. Se deseja podemos enviar-lhe as amostras explicativas de cada um ao preço de 6\$00, quantia, esta, que poderá ser-nos enviada em selos de correio. A cobrança importam em mais 2\$00 sobre o custo total da encomenda. Na secção de Culinária serão publicadas as duas receitas que deseja conhecer. Aguarde, portanto as nossas publicações.

Leitora assidua

As nódoas de gordura, em tecidos de li costumam tirar-se facilmente com o emprego de benzina ou benzovaque. Embeba um pano no líquido e comece por passar com ele a fazenda num círculo bastante afastado da nódoa e em volta desta. Vá apertando o círculo sempre com o trapo molhado e quando chegar à parte manchada insista um pouco mais. O te-

cido deve assentar sobre um pano bem seco e limpo.

Uma nova dona de casa

Meta a mantilha de renda branca dentro de um frasco de boca larga, deite-se água morna e uma colher de qualquer desses detergentes em pó, muito amaciados, para lavagem da roupa. Rolhe o frasco ou tape-o com a mão e agite-o durante uns minutos. Repita depois a operação, por duas ou três vezes, empregando água limpa.

Os meus segredos

Quando estou constipada e desejo desentupir o nariz olho para cima. Imediatamente consigo o que pretendo, mas, evidentemente, não é por muito tempo.

Para tirar das mãos, mais rapidamente, o cheiro a cebolas e a alhos, esfregue-as bem com folhas de salsa e passo-as, depois, repetidas vezes por água limpa.

Se as moscas sujam os metais cromados passo-os com um trapo embebido em álcool puro. GATA BORRALHEIRA

Pensamentos

Nunca a fortuna põe um homem em tal altura, que não necessite de um amigo.

SÉNECA

O homem é o mais frágil caníço da Natureza, mas é um caníço que pensa.

PASCAL

As injustiças, se alanceiam as vítimas, também ferem quem as faz. CAMILO CASTELO BRANCO

Não se ganha fama numa cama de penas.

DANTE

Nós sabemos o que somos mas não sabemos o que podemos vir a ser.

SHAKESPEARE

Não está a felicidade em viver muito, senão em viver bem.

PADRE ANTONIO VIEIRA

Máquina de TRICOTAR **BUSCH**

APENAS POR **115\$** MENSAIS

CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER "TRICOT"

REPRESENTANTES:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 37

Telefs: 59181-2-3 - LISBOA

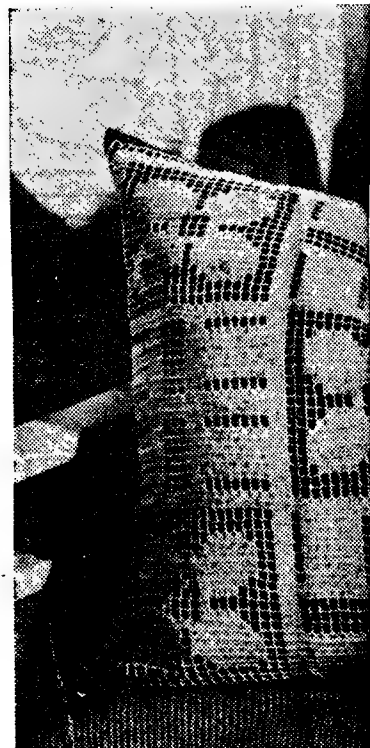
Elegância e Beleza pelas Especiarias Vegetais

OBESYL

Combate as gorduras

Regula o intestino, normaliza o fígado, activa a função renal.

A venda nas boas Farmácias



Almofada de fã

Esta almofada é de seda vermelha com um «crochet» que foi executado com linha Mercer Corrente em 7\$00 e uma amostra explicativa pode ser feita com selos. á Página da Mulher. Diário de L

V. Ex.^a deseja comprar um relógio

Peça um ENICAR ULTRAS

O ENICAR ULTRAS oferece-lhe:

absoluta garantia
modelos elegantes
acabamento ultramoderno
Preços modestos

ENICAR
ULTRASON

O relógio Enicar Ultra é o único relógio que não precisa de lubrificação durante três anos.

Cada relógio Enicar Ultra tem um boletim de garantia. Há centenas de fábricas de relógios na Suíça. 1. Fábrica Enicar fabrica 8

O relógio

Em PORTUGAL encont LISBOA — Ourivesa

M. Vieira
Oliveira
PORTO — Carlos Ro
PRAGANÇA — Man
LOULE — Laginha
GUARDA — Carlos
VILA REAL — Dani
AMARANTE — Silv
MERTOLA — Antón
TRAFARIA — Joaqui
MADEIRA-FUNCHAL

TODOS COMEM massas

...E TODOS TÊM RAZÃO!



O ALIMENTO IDEAL PARA TODAS AS IDADES, QUE CONSTITUI UMA REFEIÇÃO DE TODOS OS DIAS. FÁCIL E RÁPIDO DE PREPARAR, UM BOM PRATO DE MASSAS, E SEMPRE APETITOSO, LEVE E NUTRITIVO. ECONÓMICO E DE EXCELENTE APRESENTAÇÃO.

É bom... é saudável, por isso... o Homem das Massas aconselha:

RECEITA 1

Sopa Doceada, com Massaloba

Dose para 6 pessoas:

1/2 kg de ossos bovinos — 5 colheres (de sopa) de massa miúda (estrelinha, letras, pevide, etc.) — 1 gema de ovo — um pouco de salsa picada — sumo de meio limão — sal que baste.

Os ossos fervem na quantidade de água desejada, durante 90 minutos. Depois disto coa-se o caldo, tempera de sal, deita-se a massa e volta ao lume para cozer-se. A parte desfaz-se a gema com o sumo de limão e junta-se-lhe a salsa picada.

Logo que a massa esteja cozida, retira-se a panela do lume; e, a pouco e pouco, despeja-se a gema na sopa, mexendo sempre, para não esfarrapar. A panela volta ao fogo e, logo que rebente fervura, a sopa está pronta a ser servida.

COM MASSAS... A VIDA É MAIS GOSTOSA

OUÇA TODOS OS DIAS EM RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS O «HOMEM DAS MASSAS»



Alvorada Primaveril!

por Maria Leonilde Cosme Dinis (18 anos)

Pela minha janela, aperta de par em par, vejo um novo dia chegar!

Este Sol maravilhoso, belo, traz-me alegria que sinto na minh'alma penetrar!

Alegria de viver, de cantar, de gritar ao Mundo que repare na beleza de tom tão profundo!

Que não se prenda com a vida efêmera e pequena e olhe para o Alto e, então, verá que vale a pena!

Que vale a pena viver a vida, verdadeiramente, para depois viver o Sonho, eternamente!

Gosto de sonhar!... de abrir velas esplêndidas lutadas da ilusão que enche o meu coração!

Bendito sejas, Sol Primaveril e profundo a tua luz resplandecente inunda o meu mundo!

Sinto-me alegre de viver a vida! O meu Sonho!... não há-de ser esperança perdida!

Hei-de lutar, hei-de torna-lo realidade! E tu, meu Sonho, ficarás com a saudade!

Diário de Lisboa



6-9-958

71

Textos

Augusto da Costa Dias, Mário Castrim e Manuel Salgueiros

Ilustrações

Tósean e Figueiredo Sobral

*Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 - LISBOA

CONCURSO GIGANTES DA HUMANIDADE

Grande e genial é o músico austríaco de que hoje tratamos! Nasceu em Rohrau em 1732 e morreu em Viena, em 1809. Desde muito novo Joseph mostrou grandes disposições para a música. com 8 anos entrou como cantor dos coros da catedral de Viena. Em 1761 entrou ao serviço dos príncipes Esterhazy, e na família se manteve durante vinte e cinco anos.

Em 1790 decidiu fazer uma viagem a Londres, onde foi calorosamente recebido: concederam-lhe o título de «doutor honoris causa» pela Universidade de Oxford (1791). Na Inglaterra compôs uma grande série de 12 sinfonias, entre as quais se contam a 92.ª, chamada «Oxford», a 94.ª, dita «Surpresa», e 100.ª, mais

conhecida por «Militar».

A sua influência foi grande sobre Mozart e Beethoven, influência esta que se tornou mais fácil em virtude do bondoso e modesto carácter do grande músico.

As respostas devem estar na redacção do «Juvenil», até ao próximo dia 15 de Setembro, acompanhadas das seguintes indicações: nome, morada, idade (os que ainda não enviaram) e número de ficheiro dos concorrentes (desde que já o possuam). Devem dizer também os três artigos que apreciaram no «Juvenil» desta semana.

Além dos prémios habituais, distribuiremos um, especial, para o melhor trabalho sobre o Gigante que hoje homenageamos.

FLASH

Por Manuel Agra

Vocês sabem que os caixeiros-viajantes de um país, agora, são os cantadores. Dizem que é para dar a conhecer ao Mundo o folclore... Trala lá, lá e pronto. Conquista-se simpatia e fama. Eu não sou contra isso. Ao contrário. Acho que a dança e a música estão no dia-a-dia do povo, persistem, através dos anos com uma virulência que ganha a todas as desgraças. E por isso devem ser divulgadas para se saber como a alma desse povo foi sendo temperada ao longo dos séculos.

Mas não me sinto muito à vontade quando ouço dizer que a primeira coisa que os da estranha perguntam quando

beira para filho de bruma e do «spleen» admirar a riqueza e a fartura da terra saloia.

Não lhes digo nada. E' que não sei mesmo como estas coisas se podem contar. O Inglês todo janota, de cravo lusiada na lapela, com o fato de londrino, corte colado ao corpo justo como o destino, o meu Inglês sentimental poeta agarrado a uma ceira de figos moscatel, a dar neles sôfregamente com «ohs!» e «Ahs!» mal silabados pela impaciência. E já tinha o queixo lambuzado e já brilhavam pedaços de figo no bigode pelo-de-aramé. Admirava-se muito de eu não querer, de eu ficar impávido

desembarcam é onde se canta o «fadô». Por isso imaginem vocês, a minha atrapalhão quando vejo, ali ao Cais do Sodré, vir um palmeirim ao meu encontro com o ar de quem pretende informações. Era um «bife». E desejava saber, não onde se canta o «fadô» mas onde era a torre de Belém...

O que os Ingleses são de sentimentais! Vá lá a gente crer em ditos. Na

torre de Belém desentranhou-se em exclamações de admiração a cada pormenor em que o rochedo se aproxima do milagre...

Dali, fui com ele aos Jerónimos. E depois dos Jerónimos às ruínas da Graça onde, por janelas rasgadas no muro e onde nascem sardinheiras, se vê o Tejo em cinemascópio.

Era isto por volta de uma hora da tarde. O inglês entregue aos meus cuidados admirou-se sinceramente de ver operários sentados no chão, encostados à parede, a comer. Perguntou se lá tinhamos cantinas. Honradamente, encolhi os ombros. E levei-o à Praça da Ribeira, num dia de Verão...

dante da ceira... Queria saber, por força, se nós aqui em Portugal não comíamos figos todos os dias...

O Inglês saiu a barra nesse mesmo dia, ao crepúsculo. Não sei para onde. Sei lá! O que sei, do que me não restam dúvidas é que tudo poderá «verrer-se-lhe da memória, tudo — menos a ceira de figos desbastada na Praça da Ribeira, num dia de Verão...

XXV — A PRIMEIRA LIÇÃO DE MAX

Porter resolvera aceitar o convite do amigo para umas férias na casinha deste, nos arredores de Lisboa. Ficava numa bela região, cor verde de todos os tons, desde o verde tenro das hortas ao escuro e sombriático dos pinheiros. Muitas famílias possuíam ali a sua pequena vivenda — e no Verão, os favores da Natureza tornavam-se ainda mais

agradáveis com a alegria dos bandos de jovens, libertos por momentos das fainas estudantis.

Os dois amigos eram profundamente admirados por toda aquela gente nova. A sua aventura através da História possuía para os jovens um encanto inesgotável. Muitas vezes se sentavam em grupo, ao ar livre, em redor de Max e Porter e assediavam-nos com avalanches de perguntas:

— Conte, Porter, o que lhes sucedeu naquela noite quando Peri-

PROBLEMAS DOS JOVENS

Do «sharlton» «ao rock'n'roll»

por JOÃO G. VENTURA (18 anos)

Na senda assustadora do progresso tudo evoluiu de uma maneira homogênea. Nunca antigamente se sonhara com as viagens interplanetárias, a não ser na concepção doida de Julio Verne, e contudo isso é hoje quase um caso arumado com o lançamento dos «sputniks». Também antigamente nunca se pensou, nem nas mentes dos doutos mais intelectualizados, que hoje se havia de dançar o alucinante «rock'n'roll» fazendo toda a sorte de malabarismos desde o contorcionismo até ao pino só para poder acompanhar o ritmo desenfreado da música!

Com as suas dolentes valsas, as nossas avós que já consideravam o «sharlton» como a escandaleira da época, a corrupção da moral e decência pública, morreriam de vergonha com um «blue» maluco tocado por «Bill Halley»!

E são elas que estão antiquadas e que são «botas de elástico»?

Não. Se assistirmos a um desses pseudo-bailes e apreciarmos bem o que os nossos olhos nos mostram temos por força de concordar que anda o mundo doido. São estes bailes bailes que nos levam (pelo menos a mim) a considerar a classificação de espectáculos. Os menores de doze (infelizes!) ao cinema não podem ir senão à «matinée» (e não é sempre, pelo menos em Coimbra). Aquilo que se possa passar no «écran» é-lhes pernicioso à sua formação!... Coitados! No entanto, nestes bailes, de «rocks, blues & Companhia», nós vemo-los, impávidos e serenos, a assistir a tudo quanto lhes queiram exhibir!

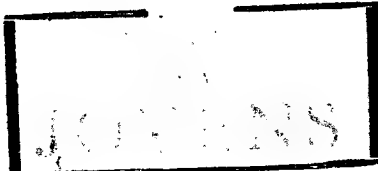
Há quem compare estes bailes com o carnaval carioca. No entanto, esquecem-se que a mentalidade no Brasil é muito diferente da de Portugal. Enquanto que lá ninguém repara que uma moça vá em «bikini» para a praia, cá, se tal pudesse acontecer, essa moça ficaria com a sua reputação estragada por muitos anos.

E nós, jovens do sexo masculino, sabemos perfeitamente que esses bailes só prestam pelo espectáculo em si e por mais nada. E porque sabemos isso, nós se temos irmãs não as levamos, pois que a sua ida corresponderia a passarem a tarde ou a noite amarradas à cadeira onde se sentassem. E porque sabemos isso, que aqueles que têm noivas não permitem que ninguém dance com elas. E porquê? Por medo de que lhes roubem? Não. Porque nesses bailes ninguém confia no próximo.

E' a formação moral do jovem que está em xeque perigoso. Já dizia alguém, com um pouco de humorismo, que o bom da dança não é dançar: é segurar bem as moças enquanto elas o fazem.

Em resumo, nota-se que a influência destes bailes nos jovens é profunda e vexatória, em virtude de o ritmo ser amoroso e tender a enraizar-se profundamente no ser. Já presencié muito boa gente que enquanto falava se requetava em meados de «rock». Inconscientemente é uma melopeia que ficará em pouco tempo e que custará muito a sair.

(AMIGO 221).



Atenção ao concurso «Portugal e a Juventude»

(Continua na ultima página)



O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados!

CURIOSIDADES DOS MARES

A «galera portuguesa» ou fisália, flutua no mar como um navio-fantasma. E como se em verdade o fosse, ataca todos os peixes pequenos que lhe passem ao alcance dos tentáculos. E não é pequeno o perigo, pois estes chegam a atingir nada menos que quatro metros de comprimento, ao longo dos quais se encontram minúsculos dardos que são o terror dos pobres incautos. Quem olha para a fisália, poderá julgar tratar-se de um animal; mas é na verdade uma colônia.

Decerto já viram uma estrela do mar. É um animal curioso que se desloca no fundo do mar com o auxílio de centenas de pés tubulares colocados por baixo dos cinco braços. Quando tem fome, abre a casca de um molusco e lança-se sobre ele, para o devorar. Ao contrário de qualquer outro animal, a Estrela não come com a boca. Deita fora o estômago, espécie de saco e com ele apanha a presa. Findo o repasto, recolhe o saco e do pobre molusco só resta a casca, deve ser indigesta! Se for a Estrela do mar perde qualquer dos braços, não se preocupa com isso; trata, simplesmente, de regenerá-lo, fazendo crescer outro, no mesmo lugar.

Outros animais há, como a medusa, a anêmona, os corais, as esponjas arborescentes — cujo aspecto nos deixa muitas dúvidas se se trata de animais. Mas é verdade; Em geral, quando adultos, não se deslocam para procurar alimento; esperam que lhes passe ao alcance, o que não é difícil. No mar o alimento abunda e pelo próprio movimento das águas, vem-lhes parar á boca. Por isso, como se fossem plantas, estes animais comodistas fixam-se ás rochas, e gozam dos rendimentos. Mas isto quando são adultos; porque em jovens, têm sangue na guelra (cuidado que não têm guelras), gostam de brincar, correr e saltar. Não se fixam, portanto; deslocam-se, com o auxílio de tentáculos ou apêndices filiformes — os cílios — que lhes facilita a locomoção. A medusa e a anêmona são ainda primas em primeiro grau. São semelhantes ao aspecto, isto é, têm um ar de família. Ambas se deslocam, lentamente, com o auxílio da umbrela. Como órgãos de defesa, possuem dardos ao longo dos tentáculos, que picam como urtigas. Os ovos da medusa vulgar desenvolvem-se em pequenos corpos semelhantes a torres, fixas no fundo dos mares. No fim de algum tempo lançam

para cima (satélites, não) mas pequenos «pratos» com pé que, crescendo, se tornam medusas iguais ás mães.

No fundo do Mediterrâneo, encontram-se corais, com os seus braços esculptados. A substância de que se fazem joias é produzida por estes animais, como suporte para os seus corpos-flores.



Os corais vivem em colônias por vezes tão grandes que chegam a atingir quilómetros de comprimento. É o caso do recife da Grande Barreira, em frente da Austrália. Ali estão muitas espécies diferentes de corais, formando verdadeiras ilhas — os atóis.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Em seis horas da tarde, quando eu e as minhas primas resolvemos dar um passeio até uma serra chamada «Cabeço de Vilão». Achamos melhor irmos pelo meio de um eucaliptal, porque é muito mais agradável do que a estrada.

Enveredámos por um caminho coberto de folhas e com muito bom piso. Enquanto avançávamos, ouvia-se o chilrear dos passarinhos e o canto ritmado do curso. A certa altura, o caminho devidu-se em dois atalhos, mas eu, reparando que um deles tinha um aspecto muito alegre, alivrei que por ele seguíssimos.

Aceitaram a minha ideia e, em breve estávamos empenhadas em apanhar flores das mais variadas e bolotas de vários feitios, esquecidas do tempo. Continuámos a andar e em breve o eucaliptal estava bastante para trás das nossas costas. Em contrapartida porém, tínhamos agora outras coisas a admirar.

Seguíamos pela beira do rio e entrevímo-nos a tentar apanhar enguias. Apanhámos algumas que guardámos em sacos de plástico que tínhamos levado. Apressámos o passo e, em breve, passámos por uma azenha cuja mó se entretinha a moer incansavelmente o trigo e



A aventura também está no presente!

Muita gente julga que a Aventura só está no passado. Mentira! Se assim fosse, nós teríamos de deixar de ser pessoas do presente. Não, não é preciso! A Aventura floresce mesmo á vista dos nossos olhos — navegadores audazes, viajantes intrépidos que penetram florestas e desertos e vivem junto ás estranhas civilizações.

Perguntarão: É um exemplo dessas Aventuras dos tempos presentes?

Com todo o gosto. Darei mesmo dois exemplos: O primeiro é o célebre «Patrão do Girl Pat», espécie de memórias dum grande Aventureiro dos nossos tempos, Dod Orsborne.

O segundo é o «Rumo ao perigo». Ambas estas palpitantes obras, que somos obrigados a ler duma assentada, pertencem á Colecção:

«VIAGENS, AVENTURAS, EPOPEIAS»

Viagens, Aventuras e Epopeias verdadeiras e do nosso tempo. São, como sabem, edições da Livraria Clássica Editora.

deu António Lopes Sabino (Elvas).

- 16. — Amigo n.º 1.261 — Teófilo Valente Araújo (Araújo).
- 17. — «OS BRUDENBROOK», por Tomas Mann — LIVROS DO BRASIL, LDA.
- 18. — «AS VINHAS DA IRA», por J. Steinbeck — LIVROS DO BRASIL, LDA.

Prémios

- 1. — «QUINTA-FEIRA DE AVENTURAS», por J. Pudney («OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS», Livraria Clássica Editora).
- 2. — «SEXTA-FEIRA DE AVENTURAS», por J. Pudney («OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS»).

3 a 5: A cada, 3 volumes da Colecção «CONTOS DE ENCANTAR», editada pela Livraria Clássica Editora.

6. — «UM SABADO DE AVENTURAS», por J. Pudney («OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS»).

7. — «SEGUNDA-FEIRA DE AVENTURAS», por J. Pudney («OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS»).

8. — «UM DOMINGO DE AVENTURAS», por J. Pudney («OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS»).

9 a 12: «AMANHECER DUM LINDO DIA», por Berthe Bernage — «BIBLIOTECA DAS RAPARIÇAS» da PORTUGALIA EDITORA.

13. — «UM LUGAR AO SOL», por Erico Verissimo — LIVROS DO BRASIL, LDA.

14. — «ADMIRAVEL MUNDO NOVO», por A. Huxley — LIVROS DO BRASIL, LDA.

15. — «O LIVRO DE S. MICHELE», por A. Munthe — LIVROS DO BRASIL, LDA.

16. — «MADAME CURIE», por Eva Curie — LIVROS DO BRASIL, LDA.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE PICASSO

17. — Amigo n.º 246 — Maria Fernanda de Brito e Silva (Sintara).

18. — Amigo n.º 912 — Manuel Duarte Saraiva (Lisboa).

UM PASSEIO DURANTE AS FÉRIAS

por Alberta Manuela Mourato de Melo (12 anos)

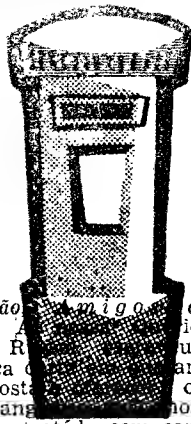
o milho e por algumas casas brancas com quintais cheios de flores, couves e outros legumes. Por fim, chegámos á serra. Empreendemos a subida, apanhando aqui e ali flores silvestres de que as suas encostas estavam revestidas.

Quando chegámos lá acima, sentámo-nos a descansar, fazendo comentários sobre o que víamos pelo caminho.

Não estávamos porém, tão entretidas na conversa que não reparásemos em tudo o que víamos cá em baixo, sob os nossos pés. Ao longe, numa aldeia chamada Olho Marinho, as crianças saíam de uma

escola, ficando umas a brincar na rua e indo outras para suas casas. Do nosso lado direito, ouvia-se o ruído dos operários numa fábrica. Virámo-nos para o outro lado e verificámos com espanto que se avistava o Baleal, pequena praia muito agradável, rodeada de rochedos escarpados e talhados a pique. Visto dali, o pôr do Sol era maravilhoso. Os rochedos estavam rodeados de uma auréola de luz, tendo um aspecto muito menos sombrio, quase alegre.

Porém, eu avisei que se estava fazendo tarde e, pesarosas, retomámos o caminho de casa.



Atenção! Amigo dos Animais!!! A minha amiga Louise Russell anuncia estar disposta a doar o seu burrinho Mangalá aos amigos, a quem prometer tratá-lo com carinho. Diz na sua carta: «tem que ser uma criança (o burrinho não pode trabalhar muito), porque ele gosta muito de crianças, não morde, nem dá coices (de certeza absoluta, pois tenho-o desde 1951). Ele não está feliz aqui, não faz nada, ele devia estar numa quinta grande onde pudesse andar á vontade, aqui não pode e, como digo já não pode como. Como o Juvenil tem tantos amigos, talvez haja entre eles um pequeno ou pequena que gostasse de ter o Mangerico».

Aqui fica, pois, o bom do burrinho á espera de quem o queira adoptar, sem qualquer ideia de exploração, pois o Mangerico não está habituado a trabalhar. É um burrinho de luxo.

Os Amigos interessados podem dirigir as suas propostas para a nossa Redacção. A Louise Russell decidirá depois.

Maria Angélica Martins (Lisboa):

O Juvenil destina-se a jovens até aos 21 anos. Portanto, a rubrica a que se refere não pode destinar-se áquele Suplemento. E o Magazine não a inclui, também, por enquanto. No entanto, obrigado pela atenção.

1270 — Teresa da Cunha Telles Hall (Lisboa): aqui tens o teu número; no entanto, nota que este número diz respeito ao Juvenil e não ao Magazine. Para responder aos Concursos deste, basta mandar o nome e a morada — não é necessária inscrição alguma.

1034 — António José Duarte Saraiva (Lisboa): é este o teu número.

Carlos Loureiro (Lisboa): Se a colaboração que enviaste se destina ao Juvenil, é condição indispensável indicar a idade (O Juvenil destina-se a jovens até aos 21 anos); mas se ela se destina ao Magazine (não há limite de idade), não podemos, desde já, afirmar que ela seja publicada, pois só nos responsabilizamos pela colaboração solicitada. Aguardo a resposta, antes de lhe dar destino.

Maria Helena Bairrada (Lisboa): Vê a resposta que damos acima á Maria Angélica.

1220 — Herminia Freitas (Almada): Não, não é preciso responder a todos os concursos. Entre as respostas certas, os livros serão sorteados. Só o prémio especial é atribuído ao melhor trabalho sobre a Figura publicada. Podes incluir todas as respostas na mesma carta ou postal.

Podes mandar a colaboração que quiseres, desde que não exceda o tamanho regulamentar. Obrigado pelos teus votos.

TROTE

Uma visita ao Colégio Moderno

Está a chegar ao fim esta breve reportagem que fizemos ao «Colégio Moderno» no ano lectivo de 1957-58. Os nossos leitores certamente não deixaram de verificar que os alunos encontram nele as melhores condições de trabalho, o melhor ambiente, a melhor camaradagem. Ficou bem vincado, no decorrer dessa reportagem, que a actividade do Colégio se exerce com grande eficiência não apenas no sector cultural, desportivo, artístico, psicológico. É caso para dizer que o Colégio Moderno luta em todas as frentes — o que faz dele, na realidade, um colégio moderno.

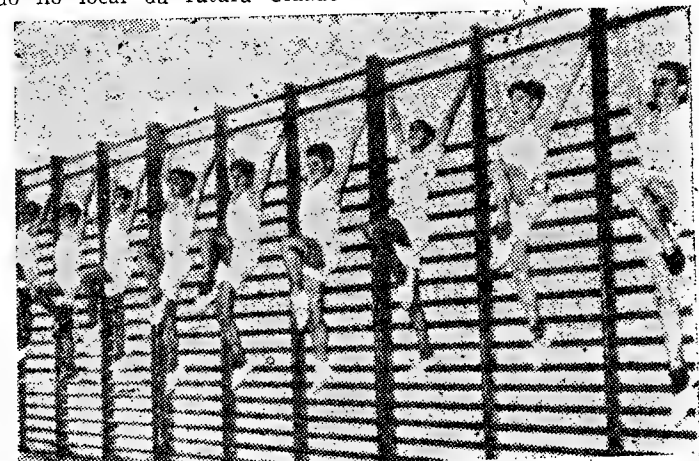
Esta obra no campo pedagógico acaba de ser reconhecida oficialmente: a partir do ano lectivo de 1958-59 os exames passam a realizar-se no próprio colégio — isto é, os alunos passam a jogar a final no próprio campo, — e todos sabem a vantagem de jogar em casa... Além disso, o Colégio fica situado no local da futura Cidade



Em salas amplas apetece trabalhar...

Universitária, com a Biblioteca Nacional a dois passos — o que quer dizer que os alunos, na sua vida universitária, continuarão na sua casa...

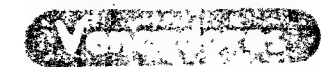
No ano lectivo que se aproxima o Colégio Moderno continuará a lutar em todas as frentes...



Jovens, cultura física, alegria de viver...

Concurso da semana

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 69. I — AS VOGAIS ESTÃO EM FÉRIAS: camioneta, electricidade, Hiroshima, andorinha, Évora. II — **GIGANTES DA HUMANIDADE:** Pablo Picasso.



- 1. — Amigo n.º 369 — Maria José Gonçalves Isabelinha (S. Pedro de Muel).
- 2. — Amigo n.º 867 — Carlos Inácio Tanqueiro (Bucelas).
- 3. — Amigo n.º 894 — José António Calado Torres (Lagos).
- 4. — Amigo n.º 1.232 — Maria Antonieta Sousa Cabrita (Lisboa).
- 5. — Amigo n.º 1.239 — Maria Adelaide Coelho Pessa (Leiria).
- 6. — Amigo n.º 1.144 — Maria Isabel Holbeche (Peniche).
- 7. — Amigo n.º 1.259 — Saturnino José Raposo Lopes (Aljustrel).
- 8. — Amigo n.º 1.270 — Teresa da Cunha Telles Hall (Lisboa).

Roger Martin du Gard

Acaba de morrer o grande romancista francês Roger Martin du Gard. Laureado com o Prémio Nobel de Literatura, du Gard é um dos maiores escritores do nosso tempo e um dos maiores romancistas de todos os tempos, da mesma estatura de Romain Rolland, Balzac, Dickens, Tolstoi, etc.

Ao assinalarmos este facto, torna-se-nos um dever indicar aos nossos amigos mais velhos (maiores de 17 anos) que a sua obra fundamental — o grande romance «OS THIBAUT» — se encontra traduzida em português e editada no nosso País. Está publicada em três grossos volumes na Colecção «Dois Mundos» de Livros do Brasil, Lda. Belo e comoventíssimo romance — retrata-nos a sociedade francesa de finais do século passado e princípios deste, até ao final da primeira Grande-Guerra Mundial (1914-1918).

Eis um livro que nenhum jovem culto pode desconhecer.

Queres livros? Vai ganhar prémio, conto. Põe só as vogais num postal — e pronto.

As respostas devem com a solução até dia quinze estar na Redacção.

De noite reluz voa pelo campo Solução de luz que é o PRLMP...

Enfrentar na encosta o bicho quem ousa? Quem estuda não gosta de apanhar RPS...

«Alma pura e bela» de um povo admirável Quem venceu Castela foi o CNDSTVEL.

Ah! Nada se perde quando a gente alcança a luzinha verde da nossa SPRNÇ.

Tudo quanto é coube exactamente nesse grão de fé que era uma SMNT.

A MULHER

CULINÁRIA

Ganabaláia

A «ganabaláia» é um prato creoulo muito apetitoso.

Corta-se um frango ou um coelho em bocados pequenos, levam-se a alourar em metade manteiga e metade banha, com alguns bocadinhos de toucinho cortados aos quadrados e também um pouco de presunto.

Retira-se a carne desde que esteja loura e conserva-se quente a um canto do fogão. Substitui-se na caçarola por três cebolas picadas, que se deixam alourar sobre lume brando. Quando estiverem com boa cor, junta-se-lhe água morna, sal, pimenta e tomates crus e inteiros. Regula-se um tomate para cada pessoa, um dente de alho pisado e 250 gramas de arroz. Deita-se a carne outra vez dentro, cobre-se a caçarola e deixa-se cozer a fogo brando durante uma hora e meia.

Serve-se em forma de pirâmide sobre um prato aquecido misturando as carnes com arroz.

Galinha recheada

A uma boa galinha, tiram-se com cuidado os ossos do peito. Tiram-se as asas e o pescoço e coze-se muito bem a pele para que fique lisa. Faz-se um recheio com 250 grs. de carne de porco, 250 grs. de vitela, um ovo, sal, pimenta, um pouco de miolo de pão embebido em leite e espremido, uma colherinha de cebola picada muito fininha e algumas trutas picadas, querendo; passa-se a carne crua pela máquina e junta-se-lhe todo o resto, misturando bem. Leva-se ao lume uma caçarola com manteiga, deita-se-lhe

dentro este picado e deixa-se cozinhar; liga-se com um decilitro de molho Béchamel e recheia-se a galinha; coze-se, ata-se muito bem, formando um rolo alto, conservando as duas pernas, às quais se não devem tirar as patas. Tempera-se e vai ao forno a assar. Deve ficar com a pele dourada.

Coelho recheado à inglesa

Começa-se por se desossar um coelho, novo e gordo, e a seguir enche-se com um recheio preparado com 100 gramas de miolo de pão cozido em leite e escorrido em seguida; 50 gramas de manteiga, uma cebola picada que primeiro se coze em água, quatro gemas de ovos, cruas, sal, pimenta e 100 gramas de presunto igualmente picado.

Enrolam-se em volta fatias finas de toucinho e leva-se a cozer em lume brando, numa caçarola, com manteiga. Cobre-se, fecha-se herméticamente, logo que apresente uma cor dourada.

Logo que o coelho esteja cozido, coloca-se sobre uma travessa previamente aquecida e serve-se.

O molho que ele deixa deve ser reduzido e serve para guarnecer o coelho.

Peixe de cebolada

Põe-se numa caçarola um pouco de azeite, uma camada de cebola às rodas, alho, salsa, pimenta e umas folhas de poejos.

Sobre isto uma camada de peixe bem lavado e limpo, outra de batatas às rodas e, sobre estas, calda de tomate, mais azeite e, para quem é apreciador, uma folha de loureiro. Tapa-se bem a caçarola e põe-se em lume brando agitando-a repetidas vezes para não se esturrar.

Serve-se quando a batata está cozida.

Linguado no forno

Amanhado e limpo um linguado de bom tamanho, polvilhe-se de sal e conserve-se assim por espaço de duas horas. Lava-se depois; enxuga-se bem e coloca-se numa travessa de ir ao forno, sobre rodela de cebola e pedaços de manteiga, cobrindo-o por cima com os mesmos temperos, raspa de noz moscada e pimenta.

Assim preparado, rega-se com vinho branco, polvilha-se de queijo parmesão, pão ralado e assa-se no forno.

Serve-se na própria travessa com batatas cozidas, em rodela, entremeadas, com raminhos de salsa fresca.

Um prato de legumes

Batatas descascadas, cenouras raspadas e feijão verde cortado às tiras. Coze-se tudo, mas separadamente. Cozem-se também dois ovos. E depois de tudo cozido, corta-se a batata, a cenoura e os ovos, às rodas fininhas.

Barra-se muito bem, com manteiga, uma forma de ir ao forno. Nela se deita uma camada de batata, outra de cenoura, outra de feijão verde, outra de ovos e assim sucessivamente, até acabar. Cada camada é separada da seguinte por algumas colheres de molho amarelo.

Sobre a ultima camada deita-se também umas colheres de molho amarelo.

Mete-se a fôrma no forno e deixa-se cozer durante meia hora.

O molho amarelo faz-se levando ao lume brando duas chavenas de leite, duas colheres de farinha, uma colher de manteiga, uma gema de ovo, sal e pimenta nas proporções devidas para um creme espesso.

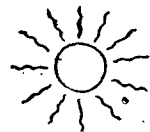
Vibrette

para tratamento de Salão de Beleza, em casa



Com algodão estampado num moderno desenho de grandes pintas foram executados estes conjuntos para usar na praia

Pensa na sua beleza?



Sol de mais prejudica a pele e torna-a seca e rugosa; a pele tratada com NIVEA, mesmo quando exposta ao sol, mantém-se elástica, lisa e bela. Durante os banhos de sol, o Oleo NIVEA-Ultra, de efeito reforçado, protege a pele contra os raios ardentes do sol. Milhões de mulheres sabem isto. NIVEA goza, por isso, de preferência em todo o mundo.

Pele tratada com NIVEA: frescura juvenil

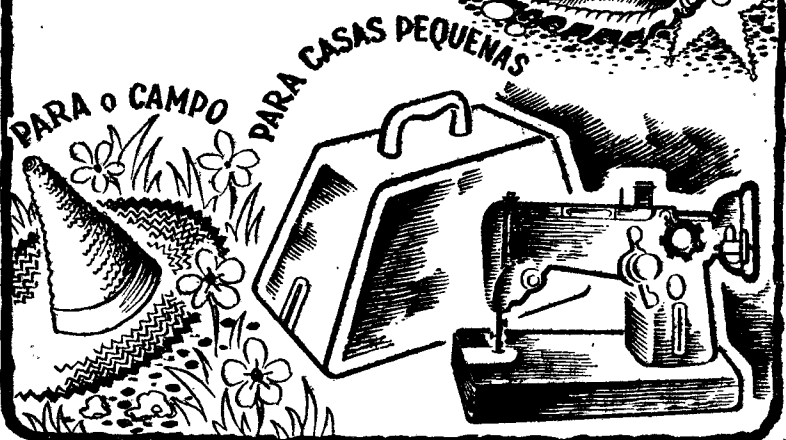


Tão eficiente porque contém Eucerit.

PRODUTO ORIGINAL DA BEIERSDORF, ALEMANHA

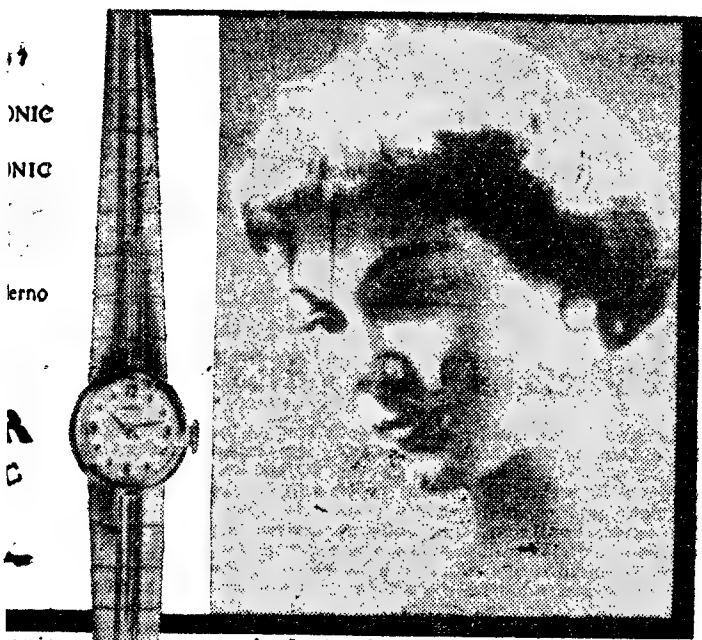
NOVA AUTOMÁTICA SINGER

EM MALETA PORTÁTIL



il execução

tendo o tempo superior coberto, na malha de duas laçadas, n.º 20. O seu desenho importa-lha da malha, em 600. O paga-A cobrança, mais 200. Pedidos boa-Rua da Rosa, 57, 2.ª-Lisboa



produção total na Suíça, ou seja perto de um milhão de relógios por ano.

Também fabrica toda a relojoaria moderna em:

Automáticos, com os últimos aperfeiçoamentos. Calendários, com a lente de aumento. Impermeáveis: 100% — caixa SEA-PEARL. Extra-planos: sensacionalmente planos.

nicar está à venda nos cinco continentes.

se à venda nas seguintes ourivesarias:

a Correia — R. Ouro, 245
da Guia — R. D. Duarte, 4
Pimenta — R. Augusta, 253
e Relojoaria do Império — R. Coelho da Rocha, 99-B
Suíça — R. Ouro, 252
& Filhos — R. da Palma, 13
Jacome, Ld. — Pavilhão dos Ourives — Largo Martim Moniz
figues — R. Alexandre Herculano, 366
i dos Santos
Ramos
res Correia
Salgueiros, Ld.
Pereira, Sucs.
Romba
Almeida Botas
— Relojoaria Suíça — R. João Távira, 38
Big-Ben — Avenida de Zarco, 24



Eduquemos o nosso filho!

Um notável explorador: o Bebê

O problema dos cegos

Impõe-se nos trabalhar em reformas de programas de ensino elementar, secundário e profissional, com vista aos inválidos considerados capazes de o abarcarem e darem largas às suas inúmeras aptidões, de modo a dignificarem-se a eles próprios e a dignificarem a sociedade de que são parte, e isto tudo a bem da Nação. É preciso que a acção assistencial visando os cegos não se confine, com tem sucedido na maior parte dos casos, apenas à escola e ao asilo, antes, estenda o seu âmbito à sua colocação e acompanhamento na vida prática por meio de processos que não os inferiorizem ou humilhem: isto é, devemos caminhar para o consequimento de actividades próprias que permitam ao cego sentir-se um elemento da sociedade, não diferenciado do vidente nas suas possibilidades de trabalho e de produção, e lhe possibilitem outrossim constituir normalmente o seu lar, ser, enfim, um chefe de família como os demais cidadãos portugueses.

DR. JOSÉ DE SOUSA MACHADO FONTES

Gracias ao desenvolvimento progressivo dos sentidos e a uma curiosidade insaciável, Bebê toma, pouco a pouco, contacto com o mundo que o rodeia. Ele ouve os sons; e vê, apalpa, «prova» e cheira todos os objectos que tem ao seu alcance. Aprende a distinguir o calor do frio, o duro do macio, o escuro do claro, o grande do pequeno, o molhado do enxuto e muitos outros contrastes. Algumas destas experiências obtive-as durante os primeiros meses no limitado espaço do seu parque. Porém, o terreno em breve se torna acanhado e a mãe

antigos e sem interesse para os adultos, não o privando assim do prazer de rasgar e concedendo-lhe mais uma ocasião de fazer as suas explorações. Mais tarde ele saberá estimar e manusear os seus livros e albums de desenho.

Já repararam quanto satisfaz um bebê tirar e tornar a colocar roupa numa gaveta? Sente-se verdadeiramente feliz, enquanto a sua expressão atenta denuncia uma séria actividade. Pode às vezes fazer-se-lhe essa vontade, deixando numa gaveta baixa, ao seu alcance, alguma roupa velha, coisas que já se não usem. Verão que é capaz de estar horas a tirar tudo para o chão, para depois tornar a guardar.

Há pequenos nada que representam tanto para a vida e desenvolvimento do Bebê! Dêmos-lhe nós, adultos, toda a atenção possível, bastando, para isso, pensarmos que ele enquanto pequenino depende de nós, e nós temos por dever proporcionar-lhe todo o bem-estar e a alegria de viver.

Contar às crianças histórias verdadeiras e educativas é muito bom, mas parece-me preferível evitá-las nas horas das refeições porque as crianças habituam-se a isso e não querem comer sem as ouvir. Mesmo assim, o Joãozinho não comeu.

Ameaçar com o «homem do saco» ou outras frases na género é muito pior, e se o Joãozinho pertencer ao numero das crianças nervosas não só se torna tímido e desconfiado pela vida fora como cria horror a qualquer pobre que traga um saco para guardar as esmolas. Se for esperto e perspicaz, tem ouvido dizer tantas vezes que o «homem do saco» o vem buscar se não comer, e não o vê aparecer, que essa conversa deixa de o interessar e não é por isso que vai comer.

Para a mãe do Joãozinho ser uma mãe inteligente e compreensiva, se, ao pôr-lhe o prato na frente, ele não comer, deve pensar: qual a causa? Estará a sopa bem feita e apetitosa? Estará o prato tão cheio que a criança nem sintia coragem de o principiar? Estará a criança adoentada ou terá comido alguma coisa, especialmente goloseimas, entre essa refeição e a anterior? Se nada disto tiver acontecido pode ainda o Joãozinho não gostar muito daquela sopa e então a mãe deve dizer-lhe que coma, mesmo que seja pouco, para ser um homem como o pai, que às vezes também não gosta muito de qualquer coisa mas também come para ser forte e não estar doente. E, com estas palavras acessíveis à mentalidade da criança, se o Joãozinho for saudável, come com certeza.

Porque não come o Joãozinho?

não comer, deve pensar: qual a causa? Estará a sopa bem feita e apetitosa? Estará o prato tão cheio que a criança nem sintia coragem de o principiar? Estará a criança adoentada ou terá comido alguma coisa, especialmente goloseimas, entre essa refeição e a anterior? Se nada disto tiver acontecido pode ainda o Joãozinho não gostar muito daquela sopa e então a mãe deve dizer-lhe que coma, mesmo que seja pouco, para ser um homem como o pai, que às vezes também não gosta muito de qualquer coisa mas também come para ser forte e não estar doente. E, com estas palavras acessíveis à mentalidade da criança, se o Joãozinho for saudável, come com certeza.

MIZÉ



Dois palmos de quintal, uma varanda com vasos ou um simples caxote com terra — e poderemos despertar nas crianças o amor pelas plantas e o interesse pelo seu desenvolvimento

Concurso-relâmpago da boa educadora



VII

Não tarda aí o mês de Outubro e, com ele, a reabertura das aulas. Então voltaremos a ver uma ou outra criança, chorosa e agarrada à mãe, negando-se a ir para a escola. Esta atitude da criança que inicia a sua vida escolar é a consequência dum erro educativo. Qual? Quais são os seus inconvenientes? Como se deve proceder? Diga-nos tudo o que pensa a este respeito. Assine o seu nome e indique a sua morada. Querendo, acrescente um pseudónimo. Envie até ao próximo dia 15 para «Diário de Lisboa» — Magazine — Página «Eduquemos o nosso filho» — Rua Luz Soriano, 44, Lisboa. O melhor trabalho será publicado nesta página e a sua autora receberá, como lembrança, uma assinatura da revista «Os Nossos Filhos».

A melhor solução do quarto problema

O prémio do quarto problema —

Caixa do Correio

MARIA MADALENA SANTOS: A sua resposta está certa, mas é tão laconica! Como terá visto pelos trabalhos publicados, é preciso desenvolver um pouco o assunto. Também não convém artigos muito extensos. Uma a duas páginas é o tamanho ideal. Espero voltar a receber notícias suas.

MARILIA DE DIRCEU: — Obrigada pelas suas palavras de louvor. Sabe? não gostei da sua transigência final. Depois de exprimir muito bem o que pensa sobre a situação da pequenina que foi ao cabeleireiro, termina: «Contudo, se a mãe quer que se faça uma permanente à menina...», etc. Aqui já não estamos de acordo. A mãe só «deve» querer o bem da sua filha, aquilo que lhe convém; e a «permanente» é tudo que há de menos indicado para uma criança. A mãe que tem a inconsciência ou a coragem de sujeitar a sua pequenina a semelhantes tratamentos, está muito longe de ser uma boa educadora. Portanto não devemos transigir, mas tentar tudo para a esclarecer. Não concorda?

ILDA NUNES: — Muito obrigada pelas palavras de simpatia que tem para o «Diário de Lisboa» e para esta página. Como viu, o seu trabalho não só estava certo, mas também foi premiado. Não tem razão para fazer assim tão grande segredo daquilo que escreve. Gostaria que me mandasse os seus trabalhos sobre crianças. As suas observações podem ser úteis às leitoras desta página. Vá fazer-me a vontade, não é verdade?

A cadeira do cabeleireiro é um martírio que não tens o direito de impores à tua filha

Inconsciência, ignorância absoluta do que seja uma criança e suas necessidades, vaidade cega — são os factores que podem levar uma mãe a arrastar uma criança de quatro anos até à cadeira do cabeleireiro.

— Oh mãe! A tua filha não é uma boneca que rivalize em beleza com outras tuas conhecidas, nem acessório decorativo da tua própria pessoa!

A sua verdadeira beleza reside na saúde do corpo e do espírito que lhe ajude a criar. O encanto duma criança não está forçosamente no encaracolado do cabelo, mas no aspecto saudável, simples, inocente e despreocupado que possa ter. Mesmo encarando o caso só sob o ponto de vista estético — aquele que te tem interessado — teríamos muito que discutir. O artificialismo duma permanente não pode ir bem

MARIA ALICE SENA

Devemos colaborar com os nossos filhos

A Guida, que já fez quinze anos, e está frequentando um curso de cozinha e economia doméstica, começou em casa a criticar os métodos da mãe e da cozinheira. A mãe zangou-se, enfureceu-se mesmo, com as objeções da Guida, reputando os seus queridos e velhos métodos como os melhores.

As desavenças continuaram e a pequena disse à mãe que não continuaria com aquelas aulas, pois seria a forma de pôr termo às zangas e aborrecimentos que estavam a tornar-se frequentes. A mãe, então, reconsiderou e adoptou o critério de transigir com a filha, observando até que ponto era criticada injustamente em alguns dos seus métodos, e em que medida outros poderiam ser aperfeiçoados e remodelados.

E agora vão experimentando ambas os métodos culinários da Guida, comparando-os sempre com os da mãe e, cheias de boas intenções, chegam à conclusão de que, se umas vezes os da filha são melhores, outras prevalecem, como mais eficientes, os da mãe. Em boa harmonia, preparam alegremente as refeições, dentro do espírito de cooperação tão útil sempre e que é o único eficaz para se chegar a um fim profícuo.

Consultório das mães

Espero o meu primeiro bebê e estou preocupada com a minha alimentação. Peço-lhe o favor de me dar algumas indicações.

Resposta:

— Preocupada, porquê? Há algum motivo de saúde para o estar? Com motivo conhecido ou não, faça-se observar pelo médico. Todas as futuras mães devem ser vigiadas pelo médico; a ele compete orientá-las quanto à alimentação e cuidados a ter. Mas não esteja preocupada; esperar bebê não é sinónimo de doença; e, tendo certos cuidados, tudo decorrerá normalmente. Entretanto, podemos dizer-lhe que, de um modo geral, a futura mãe pode seguir o seu regime alimentar habitual, sem excesso de temperos ou de quantidade. Não se deve «comer por dois», basta comer conforme o apetite. Cada refeição não deve ser muito abundante, é preferível comer mais vezes e menos de cada vez. Quanto à escolha de alimentos, eis algumas indicações:

LEITE — Alimento completo, merece sobre todos a preferência.

OVO — Alimento quase completo, também merece simpatia. Deve

comer-se com pão ou em cremes com farinha, juntando-lhe assim os hidratos de carbono que lhe faltam.

FRUTAS — Muito recomendáveis, pelas suas vitaminas e qualidades refrigerantes e laxativas.

VERDURAS E LEGUMES — Mineralizam o organismo. Recomendam-se em especial: cenoura, nabo, espinafre, feijão verde, agrião, alface.

CEREAIS — O valor nutritivo do trigo, da aveia, da cevada, do arroz, do milho, etc., aumenta de forma notável quando misturados com leite.

PEIXE, CARNE DE VACA E AVES DOMÉSTICAS — Devem entrar na alimentação, nas quantidades habituais, durante os primeiros seis meses; e em menor quantidade nas últimas semanas.

BEBIDAS ALCOÓLICAS, CAFÉ, CONSERVAS, SALMOURAS, MAIOISES, ESPECIALIDADES, CARNE DE PORCO — Devem ser postos de lado, ou usados com cautela: assim como o repolho, o rabanete, o pepino, o pimento, e tudo que seja excitante ou de difícil digestão.

* * *

Gostava que me explicasse se um bebê deve ou não alimentar-se durante a noite.

Resposta:

— O dr. Benjamin Spock, notável pediatra americano, é da seguinte opinião: «Durante as primeiras semanas, muitos recém-nascidos tendem a acordar por volta das 22 horas para «pedir» alimento. Uma vez satisfeitos, voltam a

adormecer, depois acordam de novo cerca das 2 horas da manhã e reclamam a mamada. No entanto rapidamente aprendem a dormir durante mais tempo e a prescindir de uma destas refeições. Deixam de acordar completamente à vontade, eles acordarão pela meia-noite, o que será cómodo para as mães que se deitam tarde. Se não pertence a este numero não tem mais do que acordar o bebê uma meia-hora antes da hora a que deseja deitar-se, digamos, pelas 22 horas. A criança continuará então durante algumas noites a acordar por volta das 2 ou 3 horas da manhã, depois tomará o hábito de continuar o seu sono até às 5 ou 6 horas da manhã. Logo que ele tenha idade bastante para recusar acordar pelas 22 ou 23 horas, habituar-se-á a dormir até perto das 6 horas.

1820 — (2)

Primeiras eleições municipais



A memória de Gomes Freire aconselha Lisboa a votar uma Constituição

da mecânica eleitoral. Nas vésperas das eleições, a posição das duas tendências foi defendida através de dois manifestos. O tradicionalista começava nestes termos:

«Cidadãos, compromissários e eleitores de paróquia. Correi a voz da pátria, que por mim vos fala. Filhos, não encarregueis as vossas consciências, nem comprometais a vossa honra e crédito. Sede portugueses nas vossas eleições e na escolha que fizerdes nos eleitores de comarca; porque estes nos dão de dar os deputados que nos dão de representar em cortes, pois de suas eleições dependem as outras, de vós as das camaras, destas as das províncias e daqui as das cortes. Ai de vós e ai de nós, se a vossa escolha não for de homens bons e de bons cidadãos.

O que era para os tradicionalistas um homem bom? O manifesto não se esquecia de o definir:

«Fugi dos irreligiosos e escandalosos, ainda que vos digam que são sábios e instruídos. É uma verdade por todos nós sabida que todo o indivíduo que não respeita nem tem a religião da sua pátria seja qual ela for, ainda mesmo a de Maomé, é mau cidadão. Entre nós há indivíduos que não sabemos que religião professam, e agora nos são metidos à cara por homens de saber e de instrução, capazes de nos irem representar em cortes!

Que desgraça! Homens irreligiosos devem ser excluídos de uma tal assembleia, como vai ser a nossa. Quando eles nos derem pro-

vas de terem ligado a religião, em actos publicos e bons exemplos, o seu saber, sejam então chamados para nossos representantes».

O manifesto tradicionalista baseava, assim, a idoneidade política na aceitação da religião maioritária do País — o que era uma grave precedente, pois desta sorte amarrava os princípios religiosos às controvérsias políticas de que ganharia em manter-se afastados.

O manifesto regenerador era muito mais metódico no que respeitava aos problemas reais da vida da Nação; não se dirigia a homens abstractos, mas a gente em cujas feridas económicas, políticas e sociais se metia o dedo. Tratando da importância da escolha dos deputados, logo a sua doutrinação enraizava nos factos concretos:

«Se escolheis bem, a vossa propriedade será respeitada; desaparecerão leis opressoras, aposentadorias odiosas, embargos injustos, serviços forçados, arbitrariedades de oficiais de ordenanças, que calam aos pés as disposições das leis de recrutamento, só para continuarem a ser seus tributários; tudo isto acabará. Vossa segurança individual será um objecto sagrado. Desaparecerão prisões arbitrárias; o honesto cidadão não será lançado em masmorras horribes, nem nelas demorado a bel-prazer dos magistrados, nem gemerá em longo e triste degredo, enquanto eles se divertem e passam belos dias. A administração da justiça, tanto civil como criminal, será feita ora em diante dirigida pela imparcialidade e rectidão; e o

juiz não fará, além das suas, as funções de legislador, desprezando a lei escrita. Tereis o vosso jurado, e não vereis instituir processos no meio das trevas e das escondidas, nem vereis depender a vida dos vossos semelhantes e irmãos do mero capricho de um par de homens; vereis desaparecer, como já o tendes em parte experimentado, o sistema tortuoso e misterioso da arrecadação e distribuição dos rendimentos publicos, sistema que engordava os seus empregados como muito bem sabeis. Porém, para obterdes tais e tão grandes resultados, é necessário escolher bem».

De que forma entendiam os regeneradores de 1820 «o homem bom»? Como vamos ver, de forma ampla e não-sectária:

«Instrução e sabedoria são qualidades mui preciosas; pois é claro que um congresso composto só de homens probos e de firme carácter não desempenharia os altos destinos que vão ser o objecto das suas tarefas. A sabedoria e a instrução acham-se repartidas por todas as classes. Há homens mui virtuosos em cada uma delas. Os que reuniram instrução e saber são dignos da vossa escolha. Não pareça que um cego espírito de partido vos dirige. O vosso partido, como respeitáveis Portugueses, é e da vossa pátria. E quem é a pátria? Sois todos vós».

O tom, a um tempo amplo e metódico, deste manifesto, veio de terminar o resultado das eleições, como veremos no próximo artigo.

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

Minni tinha um sonho...

...Mas Minni não era santa. Estava exausta. Uma palavra, uma palavra só — e todo o sonho de Minni se desvaneceu como uma bola de sabão...

Por Willian Simpson

Minni frequentava a escola de negros. Era bem dotada e aplicada nos estudos. «Há-e ir longe», dizia o professor pousando a mão na carapinha áspera.

Acreditava-o sinceramente. Estava farto de conhecer rapazes de cor, preparados nos estabelecimentos para negros, que não encontravam trabalho em lado nenhum. Mas tudo havia de ser diferente, um dia. Um dia quando os «coloured men» pudessem frequentar as escolas para brancos, onde se dão mais matérias e o ensino é mais eficaz...

Esse dia chegou — e o mestre aconselhou Minni a inscrever-se no Liceu Central de Little Rock. Previu-a, ao mesmo tempo, das dificuldades que ia encontrar, da imensa corrente que teria a vencer. Minni aceitou. Não tinha medo. A lei estava com ela e além disso nada mais pretendia do que estudar, preparar-se para a vida, ser útil à sociedade...

Foi com ansiedade que se dirigiu à escola no primeiro dia de aulas. Mas quando lá chegou, a primeira surpresa: os guardas do governador Faubus impediram-lhe a entrada. Nada a fazer, a não ser voltar para casa. Assim fez. Duas semanas depois o Supremo Tribunal ordenou a retirada imediata dos guardas — e Minni entrou na escola protegida pela polícia.

Dirigiu-se ao gabinete do reitor, para escolher horários, curso, livros, etc. Foi sobressaltada, de repente, por um enorme arruído que vinha lá de fora. Chegou-se à janela e arreou a cortina.

— Que é? — perguntou-lhe uma companheira.

— Gente — respondeu. — Vamos, minhas filhas — disse calmamente o reitor — sigam para a aula de química. É no terceiro andar.

E lá foram. Minni não possuía material. Um companheiro branco, gentilmente, deixou que ela seguisse pelo seu livro. Depois, houbra uma onda de ternura pelos seus companheiros brancos tão bons para ela... Minni gostava de cantar, tinha uma bela voz de soprano. «Como tu cantas bem!» diziam-lhe, entusiasmados, os companheiros.

Mas a tempestade rugia, lá fora. A multidão inundava as ruas próximas do liceu. Até ali, trepavam os gritos, as imprecações, as manifestações delirantes de uma multidão que a raiva enlouquecera.

Um quarto de hora antes de terminar a lição de canto coral a sr. Hucaby veio buscar a negrinha, para pô-la a salvo, pois a administração da escola temia que a multidão forçasse os portões da escola. Minni e as suas companheiras regressaram a casa na camioneta do exército escoltada por dois jeeps.

A partir de aí, como por encanto, a atitude dos companheiros brancos, certamente influenciados pelo ambiente da rua e de casa modificou-se. O primeiro incidente deu-se na aula de francês. Um aluno estendeu a perna, quando ela passava.

— Por favor deixe-me passar — pediu Minni.

— Disseste alguma coisa? — tornou o outro, importante.

— Deixe-me passar, por favor.

— Negra duma figa, se queres passar passa por debaixo das minhas pernas!

Quando Minni se baixou, levou um pontapé. Mas não desistiu de passar. O outro quis agredi-la. A negrinha chamou em seu auxílio o guarda destacado para defendê-la e que estacionava no corredor...

A negrinha vivia em ve inglês e à terceira hora canto coral. Todos tratavam bem a negrinha em cujo coração constante sobressalto. A

períodos de relativa calma sucediam-se crises cada vez mais agudas. Fornecia-lhe bem de ligaduras — diziam-lhe — Não tardarás a precisar delas... O que acima de tudo mais a feria era a hostilidade de muitos dos seus companheiros que os adultos, fora do liceu, influenciavam.

Apesar disso, não respondia a uma agressão, nem sequer a uma palavra azeda. Sabia que tudo quanto fizesse se voltaria contra ela própria. Devia esquecer todos os vexames, ignorá-los, mesmo... Confiava em que, mais tarde ou mais cedo, todos se tornariam compreensivos, todos verificariam que não havia razão para todas as perseguições... Os negros desejavam apenas estudar, trabalhar, ocupar um lugar digno na sociedade...

Mas Minni não era santa. E depois estava exausta. Esgotara-se já a sua capacidade de paciência. A hostilidade à sua volta tomava, dia após dia, formas cada vez mais odiosas. Guerra fria que não abrandava.

Naquele dia, Frankie não deixou de importuná-la um só momento. Tudo lhe servia para a vexar — todas as palavras, todos os gestos.

Minni perdeu a cabeça:

— Acaba com isso, porca!

A notícia, como um relampago, correu toda a escola. Minni chamara porca a uma aluna branca! Vejam, os resultados da integração. Que será de nós, amanhã, por este andar?

Minni cometera um crime nefando. Foi suspensa, primeiro, e expulsa, depois sem apelo. Expulsa a negrinha cujo sonho era estudar, ser alguém... E a um jornalista que lhe perguntou se aprendera alguma coisa na escola, respondeu:

— Sim. Que é duro não retribuir os golpes que nos dão...

POSTAL ILUSTRADO

por Manuel Agra

Muitos pensam que toda esta multidão veio à praia, ao sol, à marésia. Veio para apagar as marcas do escritório ou da loja ou da oficina. Engano. Muitos destes senhores e destas senhoras vieram para o Casino mostrarem-se uns aos outros com o pretexto do conjunto musical Copacabana. Ali perdem gostosamente as suas noites. Deitam-se de manhã, acordam às tantas e gastam o resto da luz solar em preparativos de «maquillage» para a faina de morcegos que se aproxima.

Eu sabia que esse mundo existia, só o que nunca tinha era visto. E por isso aceitei com certo alvoroço o convite do J. A. Este, que sabe a meu feitio apreciador de um bom naco de solidão nas férias (um livro, um caderno de papel branco debaixo do braço e ala para onde o alto-falante da praia não atinja...) não mo diz, mas eu adivinho que é o Casino que o prende aqui, a fauna loura e oxigenada colecionadora de aventuras...

Lá fui, com ele, esta noite. Patego, ignorava os usos da terra e entrei simploriamente vestido como ando sempre. Lá dentro só, quando as minhas botafarras da agra se enterraram no bico das alcátiças, quando os meus olhos chocaram com os funcionários cinzentos e amarelos, mais apalhados do que Napoleão — e também mais importantes, quando vi os vestidos burgueses cintilantes das tantejoulas

ricas, só então reparei quanto eu entrara naquele mundo pela escada de serviço, que nada tinha a fazer ali e que o melhor era mesmo fazer as malas...

Comecei a criticar ao meu amigo aquelas figuras nervosas, sôfregas, a pretender famar bem até ao fim o ultimo cigarro que o destino lhes concedeu. Burgueses estilizados por dentro à procura de reconstruírem, nos ambientes exóticos, o «puzzl» deles próprios.

Garantiu que me enganava. Que isso era literatura e má vontade. Que por exemplo via eu aquela? Era filha de um importante lavrador alentejano. E aquela também. E aquela que dança com o careca é filha única de um armador de lúgares algarvio. E esta aqui sentada, com um dente de ouro, veio «lá de cima» de propósito para ver moços civilizados e simpáticos...

Estas informações têm o condão de me interessarem. Reparigas que descem ao fundo de mar à procura da felicidade... Pito-as bem, puto do caderno e do lápis e ponho-me a caracterizá-las. Vão-me dar uma história, especialmente, esta aqui, de olhos matreiros, assentes no ombro do par como dois pássaros negros.

O jogo fatiga-me, não tardo. A meia noite estou na cama. Vou dormir. Tenho amanhã de manhã encontro marcado com as nuvens na serra da Boa Viagem.

ra naquela noite e por fim, juntando as mãos, e derretendo-se em lágrimas, lançou-se aos pés do amigo.

— Amigo! — gemeu — Meu grande amigo! Poderás alguma vez na vida perdoar-me?

— Porquê, José? Mas perdoar o quê?

— Eu sou... um sulno, um miserável suíno, um desprezível cão indígnio da tua amizade.

— Não digas isso! Tu és um amigo, um verdadeiro irmão! — gritou Silva, perturbadíssimo.

Então, com os olhos húmidos e a voz trémula, José confessou. Fora ele quem derrubara Silva com uma bordada; fora ele quem roubara os 700 cruzheiros...

As primeiras palavras Silva ficou estupefacto. Era verdadeiramente incrível; como, porém, nunca soubera guardar rancor a alguém, respondeu generosamente:

— José, meu caro amigo, podes ter a certeza de que não te quero mal. No fim de tudo, prefiro que fosses tu a ficar com o dinheiro do que outro qualquer.

José mantinha, contudo, uma expressão grave. Uma nova ideia lhe acabara de surgir.

— Sabes — disse por fim — que me condenaram a 15 anos por ter morto... e no entanto tu estás bem vivo e são...

Sucedera o seguinte. Mal acabava de despojar Silva do seu dinheiro, uns operários da plantação que passavam pelo sítio, viram seu patrão fazer inanimado; perseguindo José sem perda de tempo, conseguiram deitá-lo à mão. Nesta corrida passaram junto do corpo do Silva, na aparência tão morto como um boi no talho. Entregaram, pois, José às autoridades sob acusação de roubo e assassinio.

O diabo é que os polícias só depois da sexta visitaram o local do crime. E do cadáver nem sinal! Então, concluíram que devia ter caído no canal de rega e, desta forma, fora arrastado para longe.

Por seu turno, José ficou inteiramente convencido que matara o homem a quem agredira. E nesta persuasão se manteve até que o encon-

trou não apenas vivo e de perfeita saúde mas ainda com as feições do seu melhor amigo, do seu camarada de célula, do seu irmão... Eis uma feliz surpresa!

Os dois homens beljaram-se em ambas as faces, deram grandes palmadas nas costas um do outro e esboçaram um alegre fandango na sua estreita cela.

Depois chamaram um guardião e pediram uma audiência urgente para o director da Cadeia, a fim de lhe explicarem o seu estranho caso. A investigação a que, com rapidez digna de todo o elogio, se mandou proceder, confirmou o depoimento dos dois homens. José saiu em liberdade. Ao deixar a cadeia jurou que iria trabalhar para devolver ao amigo o dinheiro que lhe roubara. Pagar-lhe-ia, além disso, os mais belos fatos e muitas coisas mais...

É verdade que cumpriu a palavra. Há brio entre esta gente, no Brasil...

(Comunicado pelo Comissário da Polícia Brasileira Simão Maria Alva ao jornalista Kurt Singer).

SAIBA COMER SAIBA COMER

Os milagres do açúcar

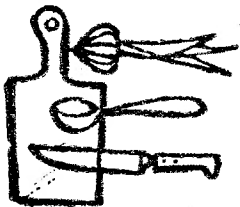
por Maria Carolina Freitas

— Açúcar ou La Plata, é a capital da Bolívia (podemos dizer 30.000 açucarados?).

— A moeda do Equador chama-se **AÇUCAR**.

— Há um importante Estado da Venezuela, no mar das Caraíbas, que se chama **AÇUCAR**.

— Em linguagem teatral, os aplausos que saudam a entrada ou saída de um artista, da cena, chama-se **AÇUCAR**.



...Vejam só de que é capaz o homem guloso! Mas, há mais, minhas senhoras donas de casa:

— Para fazer desaparecer o cheiro de tabaco de uma sala, basta queimar um pouco de **AÇUCAR** numa torradeira de folha aquecida.

— A cafeteira do café não entope, se deitar um pouco de **AÇUCAR** no filtro, antes de nele deitar o café em pó.

— Para tapar a fenda ou racha de um objecto de louça, derreter um pouco de **AÇUCAR** na água e ferver até obter um xarope forte. Com este ainda quente, colar, insistindo em passá-lo várias vezes, ao longo da fractura (não leia isto

diante da criada, se ela é desastrada!).

— O cheiro das cebolas é nitidamente diminuído se lhe deitar um pouco de **AÇUCAR** na água da cozedura (uma quantidade igual ao sal).

— As claras dos ovos aguentam muito mais tempo se lhes juntar um pouco de limão e uma pitada de **AÇUCAR**.

— Se não tem vinho branco em casa, para os seus molhos, não se atrapalhe: dilua um pouco de vinagre em água e deite-lhe três torrões de **AÇUCAR**.

...Está insatisfeita, por saber que tem a mão um tão bom como barato auxiliar? Mas há mais, ainda há mais:



— Se tem uma dor de estômago não demore; raspe um torrão de **AÇUCAR** na casca de uma laranja e coma-o depressa; ou tome uma chávena de chá de limão bem **AÇUCARADO**.

— Se sofre de insónias, coma um torrão de **AÇUCAR** ao deitar.

— Depois de se pentear, pulverize os cabelos com água fortemente **AÇUCARADA** se quer uma boa laca.



...E agora um segredo para aquelas que querem emagrecer: coma dois torrões de **AÇUCAR** vinte minutos antes das refeições, para perder o apetite. E veja no fim do mês os quilos que perdeu.



...E pronto. Se dissesse alguma coisa mais em favor do **AÇUCAR**, a senhora poderia pensar que temos alguma combinaçãozinha os dois... Isso sim!!

SAIBA DEFENDER-SE SENHOR HIPERTENSO

O hipertenso é o principal responsável pelo seu futuro. Toda a terapêutica médica é inútil se não modifica o ritmo da sua existência e não modera, antes de tudo, os caprichos da mesa.

A hipertensão não é, como a gripe, uma afecção passageira; é um mal que se instala, sem alardes nem ruídos e quando damos por ela, encontramos-a como em sua própria casa. Desencadeada por choques físicos ou morais, agravada com as imprudências ou abusos temerários que cometemos diariamente. O ritmo da vida moderna exige de nós, constantemente, esforços hipertensivos. O homem do campo, mesmo o que desenvolve maior trabalho, não aplica senão energias físicas; mas o da cidade, tem a atormentação das solicitações de toda a espécie que, continuamente, fazem apelo às reservas do seu potencial nervoso. O primeiro recomenda-se, após umas horas de repouso físico; mas este desgraçado cidadão, sofre continuamente um cansaço que umas escassas horas de sono cheias de ruídos os mais variados, não consegue aliviar e, muito menos, curar. Cria-se nele a agitação e a angústia — e eis o campo aberto à hipertensão.

Mas há mais: todos os excessos da vida moderna arrastam ao mesmo resultado: noites mal dormidas, refeições abundantes mesmo à noite, bebidas, os afazeres profissionais, as discussões que um estado de extrema fadiga levanta a cada passo, as viagens contínuas e fatigantes, o tabaco, a sexualidade desregrada, são factores que espertam o incauto n.º 1 para a hipertensão.

Além das prescrições médicas, seis conselhos se oferecem aos hipertensos, que ele deve seguir à risca, precisamente se quer cooperar com o médico, de uma maneira frutuosa. São eles: dormir longa e profundamente, mesmo usando soporíficos, menos prejudiciais que a insónia; evitar todas as discussões inúteis; fazer um pequeno passeio à tarde, ao ar livre; beber pouco e nunca álcool; comer pouca carne; suprimir o sal. São difíceis de seguir? Mas não acha que para poupar a saúde vale a pena, na verdade, fazer estes sacrificios que representam, afinal, preceitos de moderação, sempre de aconselhar aos hipertensos e... aos outros.

Sim ou não?

SIM OU NÃO?

Quantas vezes não terá dito: «Não como, dizem que faz mal» ou então «dizem que faz bem a isto ou a aquilo»?... Pois, minha Senhora, não deve fazer tal coisa, se quer comer o que «deve» comer. Para isso, nada melhor do que conhecer o que come.

Semanalmente temos apresentado seis alimentos ou bebidas, consideradas, injustamente, boas ou más, seguidas dos veredictos de uma brigada de médicos e dietistas franceses. Vamos hoje «julgar» mais seis: Para os gulosos:

1. — O AÇUCAR BRANCO É PIOR PARA A SAÚDE DO QUE O ESCURO?

Não. Branco ou escuro, o açúcar é formado, essencialmente, por sacarose. Mas um consumo notável de açúcar, deve ser compensado por notável consumo de alimentos chamados de «protecção» — em especial alimentos de origem animal, legumes e frutos frescos.

2. — O AÇUCAR ESTRAGA OS DENTES?

Sim. Fizeram-se experiências em ratos, com resultados concludentes. Mas com certeza que a quantidade de açúcar ingerida pela maioria da população do nosso País poderia bem ser aumentada, sem receio de cáries dentárias. Para evitá-las bastaria lavar os dentes após cada refeição.

3. — O MEL ALIMENTA MAIS DO QUE O AÇUCAR?

Não. O mel é um alimento tão energético como o açúcar. Mas por outro lado, o mel contém em doses embora fracas, Vitaminas e outras substâncias úteis que não encontramos no açúcar.

4. — A CELEIA REAL É FONTE DE LONGEVIDADE?

Pode bem dizer-se que a publicidade feita em volta deste alimento «milagroso» falha pela ausência de base científica séria. Muitos trabalhos existem sobre o assunto, mas nenhum resultado definitivo se conseguiu.

5. — O EFEITO ENERGÉTICO DO AÇUCAR É IMEDIATO?

Sim. A sacarose é rapidamente absorvida ao nível do intestino.

6. — O CHOCOLATE FAZ MAL?

Não. Os casos de intolerância reportam-se aos fenómenos chamados «alérgicos», talvez devidos à presença da manteiga de cacau; contudo, o chocolate não é o único alimento responsável pelos fenómenos alérgicos, por vezes constatados quando se ingeriu chocolate.



ARROZ A MARIAZINHA

Pode cozer o arroz na véspera ou aproveitar os restos. Faça um molho de tomate em abundância, dissolvendo extracto de tomate em leite condensado não açucarado. Dis-

nagrada e sal; junte bastante alho, cebola, salsa, um pouco de bom azeite e manteiga. Tape e agite de vez em quando, para não pegar. Deixe suar neste tempero, não deixando água alguma. Se quiser deite um pouco de pimenta e uma pitada de mostarda, depois de retirar do lume. Sirva bem quente.

FLAN DE LARANJA

4 laranjas,
160 gr. de açúcar,
4 ovos inteiros,
1/2 litro de leite.
Esprema as laranjas sobre o açúcar e deixe derreter completamente;



te; junte então os ovos inteiros e bata bem. Junte o vidro de uma laranja, o leite e passe tudo por um passador. Forrar uma forma com açúcar em ponto de caramelo, deitar o batido e meter no forno, durante 25 a 30 minutos.

RINS ESTUFADOS

Enquanto espera que o arroz saia do forno, ponha numa caçarola rins bem lavados em água avi-

A virtude é comer pouco e bom — 2

Não guarde para amanhã...

O LEITOR pode não ir ao cinema ou ao teatro todos os dias. E com certeza não vai mesmo. Também não corta todos os dias o cabelo... Como estas, milhentas coisas há que não faz todos os dias. No entanto, que sucede com o comer? Sucede que o LEITOR

É POR ESSA razão que não dispensa o sal na comida. O sal tem tanta importância que até invadiu a nossa linguagem diária. Diz-se de alguém sem graça, sem vida — que é um pãozinho sem sal. Aquilo que possui graça, humor, finura — consideramos nós que tem sal.

MAS O SAL não basta para tornar uma refeição agradável. O sal apenas tempera. Não melhora o prato que não está apetitoso e a prova é que mesmo com sal, a comida pode não lhe agradar...

PORQUE? Porque a essa comida falta Aji-No-Moto, a maior descoberta nos domínios do paladar, logo a seguir ao sal.

AJI-NO-MOTO não é um tempero, mas um produto vegetal puríssimo (extraído sobretudo do trigo) que tem a seguinte acção:

Estimula as papilas gustativas e desta forma consegue que o peixe, a carne, os vegetais adquiram para nós todo o sabor e aroma.

EXPERIMENTE uma vez — e depois será para sempre.

AJI-NO-MOTO é tão necessário à comida como o sal. Da mesma forma que não dispensa este, também nunca mais dispensará,

além de comer todos os dias, come várias vezes ao dia.

ISTO NÃO significa, evidentemente, que viva para comer. O contrário é que está certo. Mas por isso mesmo porque se alimenta sóbriamente, sem gula — o LEITOR gosta que as coisas lhe saibam bem.

AJI-NO-MOTO

100 % DE PALADAR — 100 % DE COSTO NA VIDA

LAVAR NÃO CUSTA O QUE CUSTA É SABER LAVAR!

Nas lições anteriores falámos da lavagem da roupa na máquina-lavadeira. Infelizmente, porém, sabemos-lo bem, nem todas as senhoras donas de casa, têm a felicidade de possuir uma destas maravilhosas máquinas. E a roupa suja não pode esperar. Vamos, pois, lavá-la no velho tanque, mas vamos lavá-la BEM.

Para bem lavar, sem que essa tarefa se transforme, como é corrente, numa pesada corveia para a dona de casa, vamos apontar alguns princípios indispensáveis a uma boa lavagem e o método mais racional para evitar toda a fadiga inútil.

Antes de tudo, é preciso não esquecer, minha senhora, que quanto mais suja está a roupa, mais difícil é lavá-la e piores são os resultados; não apenas porque é necessário empregar mais força, mas precisamente porque essa força, além de fatigar, diminui bastante a duração da sua roupa. Por isso, repetimos: a roupa deve, sempre, ser lavada antes de estar demasiado suja.

Na véspera da lavagem, separar cuidadosamente a roupa branca da de cor, de lã, de seda e de tecidos sintéticos, cujos processos de lavagem apontamos na lição anterior.

Depois de separada deve ser metida numa boa barrela, pois diz o povo, e muito bem, «que a roupa bem demolhada é roupa meio lavada». Esta barrela deve fazer-se de véspera. Como? Há três processos já bem conhecidos, mas que podemos repetir aqui:

- 1.º — Preparar um tanque de

água quente onde se dissolveram alguns cristais de soda e sabão, até obter abundante espuma;

2.º — Substituir a soda por perborato e juntar bastante sabão, para que a espuma seja bastante. Mas este processo obriga a mergulhar bem a roupa, de forma a ficar coberta de água, o que, no tanque, se torna um pouco difícil;

3.º — Usar detergentes sintéticos, solúveis na água fria que permitem a lavagem em qualquer água, seja muito calcária ou, até, salgada. Mas é um processo que fica bastante dispendioso.

Modernamente, pode bem dispensar-se qualquer destes processos, porque o sabão activado substitui com vantagem qualquer destes detergentes ou ingredientes químicos.

O que fazer, então?

Se se trata de roupa de cor, claro está de cor fixa, mergulhará em água fria, onde se dissolveu sabão, mas apenas umas horas antes de ser lavada.

Se se trata de roupa branca, encher o tanque de água quente, mas nunca a ferver; dissolver a quantidade de sabão activado suficiente para obter uma espuma abundante, o que depressa se faz



ficou já uma boa parte da sujidade da roupa. Portanto, não é necessário esfregar muito, porque não é por muito esfregar que a roupa embranquece mais cedo...

A sua roupa embranquece, sim, mais do que qualquer outra, se seguir estes processos apontados e se neles, empregar unicamente sabão activado CUF. Não é preciso,

notar. Mergulhar nessa água espumosa, a roupa, peça a peça, deixando-a acamada, tendo o cuidado de embebê-la bem. Tapar e deixar arrefecer durante a noite. No dia seguinte retirar as peças e lavar, uma a uma, esfregando como habitualmente. Os vincos escuros das golas e punhos podem ser lavados com uma escova de unhas não muito rijas. Como poderá verificar, minha senhora, na água da barrela,

com ele, usar perborato ou cristais de soda. O sabão activado CUF, só por si, contém as propriedades suficientes e indispensáveis para uma boa barrela, a frio ou a quente.

O sabão activado CUF é uma garantia da roupa bem lavada, poupada e sempre de boa aparência.

8.ª Lição do Curso de Lavagem de roupas oferecida pelo Sabão Activado C. U. F.

Tive

muitas razões para escolher uma

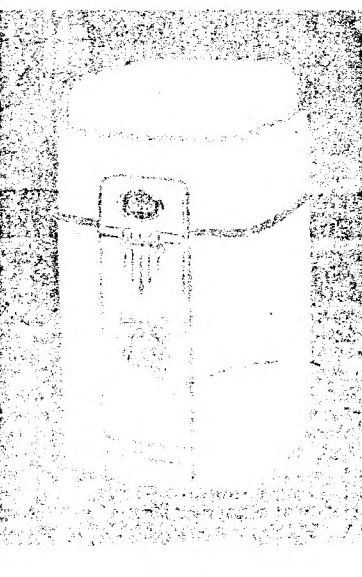
SERVIS

Hoje falarei apenas da

Comodidade...

- 1.º A SERVIS aquece automaticamente a água enquanto lava.
- 2.º Lava, enxagua e pára automaticamente, apenas comandada por um despertador.
- 3.º A sua bomba esvazia o tanque automaticamente.
- 4.º O expremedor eléctrico passa a roupa automaticamente.
- 5.º Desliza sobre rodízios como se fosse uma pena, o que permite deslocá-la sem esforço.

Eu comprei a minha SERVIS na



Av. Fontes Pereira de Melo, 45

a preço fixo

É UM ALTO PRODUTO DINAMARQUÊS

Prepare-o em casa para os seus filhos.

Em poucos minutos e não precisa de leite ou sorveteira (saquinhos para 5/6 sorvetes. Latas para 20/24 sorvetes).

ultraja. Faziam-me sentir outro, normal em certo sentido, natural, quase perfeito. Cuidavam de nós como se fossemos bonecas (ou bebés?).

Uma delas pegou-me um dia na mão, e teve um espanto: «Que mãos tão bem tratadas! Mandou vir a manicura?» Ora eu tive sempre as mãos feissimas, nodosas e ásperas, além de assimétricas, e nunca em minha vida as confiei, decerto mais por timidez do que por princípio, a uma manicura. Sorri como pude, e expliquei-lhe que eu próprio, trabalhosamente, tinha cortado as unhas. Estaria habituada a ver ali só mãos rudes e mal cuidadas? Ou dizia aquilo para me lisonjear, por ofício, como parte da técnica de sustentação moral do paciente? E que assim fosse — como era boa essa mentira, como eram doces as que assim nos iludiam; (Mas é de regra que os doentes se apaixonem pelas nurses novas...)

Eram oito da manhã e havia sol pálido e doirado a rastejar ao longo do East River. Uma das moças enfermeiras conversava comigo, enquanto me fazia a higiene. Interrogava-me acerca da minha vida e gostos, o que fazia e quais eram os meus projectos. Não, não era possível que o interesse que eu lia nos seus olhos negros e luzentes de italiana (o seu nome era Scarpa) fosse um mero truque profissional! E se o fosse? Todo o doente ama confiar-se, acreditar. Conte-lhe o que fazia e sonhava fazer, se saísse dali com vida — e cabeça.

«Que gostaria de fazer, neste momento, se andasse lá fora e com saúde? Olhei o East River, aquele sol rasteiro de segunda mão, através de todos os obstáculos que nos separavam. E vi-me de repente correndo em campo aberto, descalço e de shorts, entre verdes relvados, sob um céu lavado e azul, ao longo de um canal de águas mansas, o ar fresco e fino da manhã na pele nua, livre, saudável feliz de estar vivo e em movimento, de me sentir a energia da juventude perdida...

Disse-lhe assim mesmo; depois calei-me, comovido e voltei-me para ela: os seus lindos olhos rasgados tinham seguido a direcção do meu olhar de prisioneiro, lá para fora, imaginavam talvez a paisagem de frescura que lhe eu descrevia, e estavam razos de água. Boa Miss Scarpa!

Do outro lado da coxia, Paul, o paralítico, conversava e ria com a enfermeirinha que minha mulher e eu nos tínhamos habituado a chamar «Miss Park Avenue», porque era bonita, elegante e de maneiras impecáveis, talvez um quase nada orgulhosa ou dura, por comparação com as colegas. Falava com ele, fazia-o rir, depois descobriu-lhe as pernas inertes, varicosas, puxou-lhe para fora do leito os horrendos pés de velho, cozinheiro e inválido: lívidos, escamosos, tortulhosos, e pôs-se a cuidar deles. Lavou-lhos com álcool, cortou-lhes as unhas, aparou as calosidades córneas, polvilhou-os como se fossem dois bebés. As suas mãos perfeitas, de neve e rosas, moviam-se com ternura e ligeireza.

Durante toda esta operação, que foi demorada, riam-se os dois. Mas eu é que não ria: era agora a minha vez de ter lágrimas nos olhos, de ternura e gratidão por tanta humanidade e devoção. Nunca hei-de esquecer aqueles pés, que me faziam lembrar os dos monges e santos de Ribeira,

* * *

O tough-guy ou carneiro preto da enfermaria era um pobre italiano alto e magro, que se arrastava de cama em cama, semi-paralisado, a queixar-se de tudo e todos, com um perpétuo vinco de amargura na cara. Os olhos encovados e a cor terrosa davam-lhe um ar espectral.

da vida. É muito bom e confortável, tem jardins, terraços, salas de jogos, tudo... Falava como dum pálaço-hotel. Admirei-lhe a compostura, na desgracia e na solidão: era então possível viver assim, e aceitar o seu destino sem revolta nem amargura, ao menos aparentes. Quanto pior o seu caso era do que o meu! É certo que ele tinha outro amparo: quando por lá aparecia o rabino, ficavam muito tempo a conversar em murmurios. Este rapaz enclausurado para toda a vida, sem haver cometido outro crime que o de vir à luz, lia muito, mostrava-se informado, e revelava um profundo interesse na vida social — o mundo dos vivos que nunca conhecera!

Do lado oposto estava o Paul, alemão e ex-cozinheiro, um paralítico progressivo, imóvel do pescoço para baixo. Era o centro de atracção dos ambulatórios: conversava, cantava e ria, e às vezes ficava muito tempo calado e triste. Tinha sido um ruban-bleu em Nova York, e estava ali há muitos anos porque não queria ser pesado à única filha, casada: «Ela tem o marido e os filhos para cuidar... Já daqui não saio com vida». Era ele que às vezes brava «Nurse! Depressa!» e alguém corria, em geral tarde demais.

Era preciso então despi-lo, lavá-lo todo, mudar-lhe as roupas da cama. Mas tudo se passava entre piadas e risos. Que admirável a paciência das moças enfermeiras, e a dele! Às vezes tiravam-no da cama e sentavam-no junto das janelas, numa réstea de sol. A cabeça descaía-lhe de sono, e ele pedia a alguém que lhe erguesse a mão direita para apoiar o queixo: era toda a força que lhe restava.

Dezembro corria (ali festejei os 44 anos), e virava-me para as imensas janelas, de que só me separava a mesa de cabeceira e a bateria de radiadores, a olhar a paisagem enfarruscada. O Inverno estava duro, de neve, o vento soprava, misturava-se ao ar quente dos radiadores que zumbiam dia e noite, fazia bater os imensos estofoes negros do blacoute. A luz coada nas redes e vidraças turvas era triste; às vezes o Sol brilhava, longe, o céu e Brooklyn tomavam tintas de velhas telas navais holandesas. E eu pensava: «Porque é que os pintores não pintam isto? Onde estão eles, que não vêm pintar?» — E esperava, pacientemente, esfaqueado de dores. À noite os estofoes desciam, as luzes apagavam-se às dez, e só brilhavam, lá no outro extremo, as do corredor e da cozinha ou copa, de onde vinham vozes de serventes e o estroleio de pratos e metais. Antes disso, vinham oferecer-nos, em carrinhos, leite e sumos de frutas, sedativos aos insones.

As noites passavam-se, como os dias, entre queixumes e brados. Alguém agonizava no escuro, o estertor era intolerável, não deixava dormir os vizinhos, e havia protestos. Alguém gritava: «Shut up!» (Cale-se aí!) ou reclamava: «Tragam de lá o cacete!» — e o riso espraiava-se... Uma enfermeira vinha ralhar com eles. Mas o moribundo acabava por se calar de vez, punham-lhe os biomboes em volta e fazia-se silêncio momentâneo. Todos os dias havia algum que «dava o coice no balde».

* * *

Mais de uma vez o dr. Kennedy apareceu de noite, com um assistente, para me observar e interrogar. Uma delas, pelas três da madrugada, vinha de casaca e gravata branca, trazendo ainda os aromas do party a que acabava de assistir. A sua solicitude enternecia-me. Com 64 anos, casado com uma senhora nova e pai de um bebé, dançava como um rapaz, e bebia



Maravilhosa história da escrita

Entretanto por volta do século IV A. C. processam-se dois factos que põem termo à chamada fase heroica da cultura grega.

O primeiro vem de longe: é a generalização do trabalho escravo. Existem escravos desde o tempo em que se desintegraram os agrupamentos consanguíneos como a gens e a tribo, e a propriedade privada prevaleceu sobre a propriedade do grupo. A escravatura nasceu e cresceu; e na época das origens da civilização grega o trabalho escravo estava ainda muito longe de ter suprimido e desclassificado o trabalho dos homens livres como agricultores ou artesãos. Mas à medida que as cidades gregas floresceram o trabalho escravo generalizou-se. A cultura dos campos e o artesanato são cada vez mais função exclusiva dos escravos. O cidadão torna-se propriamente o usufruidor do trabalho escravo. Platão reflecte já esta transformação nas suas obras

em geral, e particularmente na sua *Republica* onde idealiza uma sociedade escravocrata em que a liberdade e o ócio são privilégio de uma reduzidíssima minoria e em que o trabalho manual é considerado como uma degradação.

Com a generalização do trabalho escravo o estímulo do progresso técnico cessou. Sabe-se que diversas máquinas foram concebidas na Antiguidade e que não chegaram a ser utilizadas generalizadamente porque o trabalho escravo a isso obstava. Ficaram esquecidas e tiveram de ser novamente descobertas séculos depois. As chamadas democracias gregas converteram-se em oligarquias, interessadas acima de tudo em defender as suas posições ameaçadas. A cultura viva e colectiva, a cultura do cidadão e a ciência transformadora da natureza entram em declínio já acentuado na época de Platão e Aristóteles. Uma invenção como a tipografia não ti-

nha por isso já um meio económico e social próprio, e dois mil anos passaram antes que ela se realizasse.

Outra causa ainda relacionada, aliás, com a anterior vem destruir a cultura oral das cidades gregas: a formação de grandes unidades territoriais como os impérios de Filipe e de Alexandre, precursores do império romano. Com a formação destes grandes estados as democracias urbanas deixam de existir, mesmo nos estreitos limites em que consentia a escravocracia, e com elas o ideal de uma cultura para o cidadão.

Platão reduz a escrito o ensino oral do seu mestre Sócrates; e de passagem regista numerosas tradições orais, sobre os ensinamentos dos filósofos pré-socráticos, que só dessa maneira puderam chegar até nós. Na escola alexandrina, produtora de uma enorme literatura escrita recolhem-se também diversas tradições orais: por exemplo a *Geo-*

metria de Euclides é a sistematização e exposição escrita de um ensino tradicional que vinha pelo menos desde Pitágoras. A literatura latina é também uma literatura escrita. Ao contrário de Homero, é evidente que Vergílio e Horácio escreviam para serem lidos, e pensavam na posterioridade que a escrita lhes abria. Cícero não se contentava com ser ouvido no Senado ou no Fórum; escrevia os seus discursos e tinha um editor, cujos manuscritos se vendiam em várias cidades do Império. A importância social dos escritores era reconhecida por personalidades públicas como o imperador Augusto, protector de Virgílio e por particulares poderosos como Mecenas, protector de Horácio. Escravos especializados asseguravam a produção de manuscritos, em quantidades que por vezes atingiam para uma edição a casa do milhão. Que significa este numero relativamente à massa populacio-

nal do grande Império que abrangia todo o litoral e grande parte do «interland» do Mediterrâneo? O teatro e a epopeia na idade heroica da cultura grega chegavam certamente a camadas muito mais amplas do que os manuscritos latinos e alexandrinos. A cultura era apanágio no império de uma infima elite de grandes mercadores e latifundiários senhores de escravos. O trabalho escravo foi, como sabe, a base do império, que até certo ponto realizou o ideal platónico da sociedade. Por isso, em vez de assistirmos ao longo da sua história à ampliação progressiva dos meios de difusão da cultura assistimos pelo contrário à sua estagnação, à sua redução e por fim ao seu monopólio nas mãos de um grupo social privilegiado, que é nem mais nem menos que o velho grupo sacerdotal que nunca chegara a ser completamente extinto.

Como viviam a vida de todos os dias os homens de outros tempos e civilizações?

LEIA A NOVA COLECCÃO DE «LIVROS DO BRASIL»

A VIDA QUOTIDIANA

de que já saíram os seguintes volumes:

- 1.º — A Vida Quotidiana no tempo dos Aztecas
- 2.º — A Vida Quotidiana no tempo dos Ramsés
- 3.º — A Vida Quotidiana no tempo de Homero
- 4.º — A Vida Quotidiana no tempo dos Incas



quanto reclamava uma vida social intensa. Eu abria os olhos e encontrava-o ao meu lado, a observar-me...

Um dia disse-me: «Aperte esta mão... Agora com a esquerda». De repente senti-lhe um sobressalto: foi a única vez. A minha mão esquerda não tinha o vigor da direita. Comparou-as: eram, foram sempre desiguais. «Joga o ténis?» — indagou ele. E eu, que sim. Mentí, por vergonha da assimetria, ou de confessar que nunca tivera o luxo do sport. Então, para me despiatar, ele disse aos assistentes: «Em novo, eu joguei muito o ténis. A minha mão direita, ao contrário da esquerda, não podia entrar no punho abotoado da camisa!» Agradei mentalmente esta observação tranquilizadora: mas entendi perfeitamente.

Era um homem de excepcional robustez, vermelho, reluzente, quase completamente calvo, e de feições surpreendentemente regulares, duma masculinidade perfeita. Irlandês do Norte, segundo creio, tinha vindo já adulto fazer clínica nos Estados Unidos. Falava sempre de dentes cerrados, num murmúrio. Um dia que ele me auscultava, rangendo os dentes de maneira peculiar, notei-lhe no pescoço uma longa cicatriz longitudinal. Indaguei o que era: Tinham-lhe feito um entalhe na carótida, para agarrar um grosso coágulo de sangue que subia a entupir-lhe e aniquilar-lhe o cérebro. Olhei-o daí em diante como a um ressuscitado, e com redobrada admiração.

«Imagine que sorte a sua!» — disse-me ele a rir. «O dr. Flemming (descobridor da penicilina) acaba de me escrever que está de cama, há uma semana, com uma constipação: e a penicilina não lhe faz bem nenhum!»

Quanto a mim, fazia agora progressos visíveis: oito dias depois da entrada, a «facial» começava a receder, havia um começo de sensibilidade, um prurido no lábio esquerdo. Estava, pelo menos, livre do abcesso. Mas continuava a sofrer, a sentir-me acobalhado e débil; a compressão retro-nasal parecia sufocar-me, e não havia em parte alguma sinais de supuração. Que iria eu fazer daquela massa que me oprimia a base do crânio? As gotas nasais não me aliviavam, o nariz não funcionava. Desejava eu que um cirurgião de audácia me abrisse o crânio, para sondar e limpar as cavidades afectadas, talvez o seio esfenoidal. Tinha desistido de ir ao W. C. e estava proibido de tomar banho: eram as nurses que me banhavam na cama, e me friccionavam com álcool.

* * *

O dia hospitalar começava às seis. Vinham as limpezas gerais, o banho, o dejejum, a mudança de roupas, fadigas matinais que se arrastavam devido à carência de pessoal e ao excesso de doentes.

Mas havia as enfermeiras-estudantes! A enfermaria enchia-se, todas as manhãs, de andorinhas brancas, de juventude, frescura e animação. Ah, todas elas me pareciam bonitas, e algumas eram-no realmente. Seria a bondade e a solicitude que as tornavam tão belas? Aquelas vidas em flor, carnes rosadas, mãos translúcidas, bocas vermelhas, olhavam e manipulavam a colecção de monstros, galeria de horror que nós éramos. A minha meia cara, a barba crescida (enquanto durou) o olho esbugalhado e lacriminoso, os movimentos titubeantes, a miséria em suma do meu estado, nada disto eu podia esconder à minha vaidade nem ao olhar delas, em que nunca surpreendi a comiseração que deprime, nem a repulsa que